

ALEX WANDER NENARTAVIS

**FORMAS DO PENSAR NO *PROJETO DE UMA*
*PSICOLOGIA DE FREUD***

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, para obtenção do título de Mestre em Filosofia (Área de Concentração: Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente).

Orientadora: Profa. Dra. *Carmen Beatriz Milidoni*

Marília
2003

Nenartavis, Alex Wander

N437f Formas do pensar no *Projeto de uma Psicologia*
de Freud / Alex Wander Nenartavis. – Marília, 2003.
133 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de
Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2003.

Bibliografia: f. 133

Orientadora: Profª. Drª. Carmen Beatriz Milidoni

1. Pensamento. 2. Freud – Projeto de uma psicologia.
3. Teoria freudiana da cognição. 4. Representações.
I. Autor. II. Título.

CDD 153

Agradecimentos

À minha mãe, pelo apoio incondicional e pela compreensão de minha ausência.

À minha orientadora, Professora Dra Carmem Beatriz Milidoni, pela forma pulsional de repartir seus saberes.

NENARTAVIS, Alex Wander. *Formas do pensar no Projeto de uma psicologia de Freud*. 2003. 133 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

Resumo

Esta pesquisa tem como finalidade analisar as formas do pensar de acordo com abordagem realizada por Sigmund Freud em sua obra: *Projeto de uma psicologia*. Para tal nos propusemos a examinar a teoria geral do aparelho psíquico desenvolvida pelo autor e a teoria freudiana da cognição, bem como a natureza das representações no pensamento prático. Acreditamos que este estudo possa fundamentar o entendimento das diferentes formas de pensar.

Palavras-chave: Pensamento; Freud – Projeto de uma psicologia; Teoria freudiana da cognição; Representações.

NENARTAVIS, Alex Wander. *Forms of thinking in Freud's Project of a psychology*. 2003. 133 l. Dissertation (Master's degree in Philosophy)– Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

Abstract

This research aims at analyzing the forms of thinking according to Freud's works *Project of a psychology*. For this purpose we intended to examine the general theory of the psychic apparatus developed by the author and the Freudian theory of cognition, as well as the nature of representations in the practical thought. We believed that this study can be interesting to understand the different ways of thinking.

Keywords: Thought; Freud – *Project of a psychology*; Freudian theory of cognition; Representations.

Sumário

Introdução	07
-------------------------	-----------

Capítulo 1 Teoria geral do aparelho psíquico

1.1	Teoria geral do aparelho psíquico.....	13
1.1.2	O modelo de mente e seus princípios reguladores.....	14
1.1.3	Evolução e necessidades vitais X “Princípio de Inércia Neurônica”.....	15
1.1.4	A microestrutura neuronal representando o sistema como um todo.....	15
1.1.5	A busca do prazer regulando os desempenhos mentais.....	19
1.2	As conduções energéticas em ψ	19
1.2.1	O sistema ψ e a fonte pulsional.....	20
1.2.2	A origem das facilitações em ψ	21
1.2.3	A vivência de satisfação, o desejo e as facilitações desimpedidas.....	23
1.2.4	A vivência de dor.....	24
1.2.5	O papel dos neurônios secretores.....	24
1.2.6	Desejo e afeto como resíduos das vivências estruturantes do aparelho.....	25
1.3	O papel do ego na modulação da quantidade de desprazer liberada no sistema.....	26
1.3.1	O sistema ω diferenciando percepção de memória.....	27
1.3.2	O ego como resultado do processo evolutivo.....	29

Capítulo 2 A teoria Freudiana da cognição

2.1	A teoria freudiana da cognição.....	31
2.1.1	O ego e a inibição dos processos primários.....	31
2.2	Caracterização dos processos de pensamento segundo Freud.....	32
2.2.1	O reconhecer e o pensar reprodutivo.....	32
2.2.2	O pensar e o julgar.....	34
2.2.3	O juízo a presença do outro e a consciência.....	38
2.2.4	O sistema ω e a atribuição de significado aos registros de ψ	42
2.2.4.1	O julgar primário e secundário.....	44
2.2.4.2	As ocupações laterais e sua importância para a manutenção dos processos secundários.....	46
2.2.4.3	Os traços de realidade influenciando a repetição das vivências.....	49
2.3	O mecanismo de atenção psíquica.....	50
2.3.1	O pensar dilatando as dimensões do ego.....	51
2.3.2	Pequenas falhas no mecanismo de atenção.....	52
2.3.3	O pensar simplesmente observador e o reconhecer.....	53
2.3.4	O reconhecer e sua relação com neurônios motores da fala.....	53
2.3.5	O pensar consciente ou observador.....	54

2.3.6	Os signos de descarga lingüística e o papel do grito na eliminação de Q'n.....	55
2.3.7	O compreender como capacidade do ego e a origem da linguagem.....	56
2.3.8	O pensar recognitivo.....	58
2.3.9	O papel do ego na caracterização mecânica do pensar.....	59
2.3.10	A educação do ego primitivo.....	60
2.3.11	O pensar comum, inconsciente.....	63
2.3.12	O pensar recognitivo ou teórico X o pensar comum ou inconsciente.....	64
2.3.13	O pensar teórico dispensando a regra biológica da defesa.....	64
Capítulo 3	A natureza das representações no pensamento prático.....	67
3.1	A natureza das representações no pensamento prático.....	69
3.2	A representação em Brentano.....	84
3.2.1	A presença intencional em Brentano.....	86
3.2.2	A influência aristotélica.....	87
3.2.3	A influência dos escolásticos.....	88
3.2.4	Contribuições de Brentano para a obra freudiana.....	89
3.2.5	O ato de representar e o objeto representado.....	91
3.3	As representações em Freud. Traço ou imagem?.....	93
Capítulo 4	Formas do pensar na teoria freudiana.....	102
	Considerações finais.....	121
	Notas do autor.....	124
	Referências	133

Introdução

Em 1895, Freud constrói um modelo neurológico da mente em sua obra: *Projeto de uma psicologia*. Este modelo se constitui dos seguintes sistemas: ϕ (fi) responsável pelas sensações provenientes dos estímulos externos, ψ (psi) com função de registro ou memória, considerado o veículo dos processos psíquicos, e ω (ômega) que transforma as sensações em percepções conscientes. Há uma quantidade “Q”, ou energia nervosa entendida em termos quantitativos, que circula no aparelho com sua atividade controlada por princípios denominados: “Princípio da Constância”, que estipula um nível mínimo ou um nível constante de quantidades no aparelho para que o mesmo se mantenha em atividade, e o “Princípio do Prazer”, que prevê a retirada de quantidades quando há aumento de seu nível, o que corresponderia à sensação de desprazer, sendo que a sensação de prazer adviria com o rebaixamento de quantidades.

Existe ainda o “eu”, uma organização especial dos neurônios do sistema ψ com a função de inibir a passagem livre das quantidades entre neurônios, garantindo que o aparelho se guie no sentido do pensamento prático pelos princípios acima. O citado “eu”, fazendo parte do sistema ψ , se conforma às regras biológicas da “atenção” e de “defesa”. A regra biológica da “atenção” estimula o investimento em percepções que se acompanham de um sinal de realidade, dando início ao processo de pensamento, com vista a impedir alucinações e a regra biológica de “defesa” impede o investimento em representações que envolvam a ameaça de desprazer.

Percebemos que o sistema ψ , no curso de seu desenvolvimento, aprendeu a conter quantidades. Neste processo de aprendizagem o desprazer seria o mestre. Diz Freud: “O desprazer permanece o único meio de educação.” (FREUD, 1995[1895], p. 85).

Na parte III do “Projeto”, Freud caracteriza os processos de pensamento como processos psíquicos secundários, um estado ligado da “Q” com alto nível de investimento e leve corrente de deslocamento. Os processos secundários se diferenciam dos primários por conta de haver nestes, descarga desinibida onde o estado não ligado da “Q” pode produzir atos falhos, chistes e neuroses.

No “Projeto” existe a separação do pensamento nas categorias: “pensamento prático”, que está a serviço do interesse vital sendo guiado pelo “princípio do prazer” e o “pensamento teórico” ou “cognitivo” dirigido pelo discernimento e que está, pelo menos na ordem da linguagem, (FREUD, 1995[1895], p. 223, nota 521) além do princípio do prazer (nota 1), pois tem por missão examinar todas as situações possíveis, mesmo aquelas que evoquem sensações desprazerosas. Seu objetivo é esgotar o conhecimento do objeto perceptivo. Dispensa a regra biológica da defesa, pois, se ocorrer liberação de desprazer, este será intelectual e não colocará em risco a ordem vital.

Pretendemos seguir o seguinte roteiro de trabalho:

No capítulo I:

1) Examinar a teoria geral do aparelho psíquico tal qual é desenvolvida por Freud no “Projeto” e, consoante com isso, investigar as funções de sensação, da memória, e da percepção-consciência conforme elas se processam no aparelho em questão. No tema da percepção-consciência dar-se-á especial ênfase à questão da geração da série qualitativa das sensações de prazer e desprazer. (“Projeto”, Parte I, Seções 1 – 9). (FREUD, 1995[1895], p. 9 - 27).

2) Examinar a dinâmica do aparelho psíquico à luz dos processos de estimulação que nele ocorrem e do que seriam as vivências estruturantes do aparelho, quais sejam, a vivência de

satisfação e a vivência de dor, como também à luz dos protótipos processuais decorrentes dessas vivências. (“Projeto”, Parte I, Seções 10 – 15). (FREUD, 1995[1895], p. 30 - 40).

No capítulo II:

Pesquisar a teoria freudiana da cognição ou do pensamento cognitivo. “Projeto”, Parte I, Seções 16, 17 e 18. (FREUD, 1995[1895], p. 41 – 48). “Projeto”, Parte III, Seções I e II. (FREUD, 1995[1895], p. 75 – 90) e (MILIDONI, 1993, p. 145 – 165).

No capítulo III:

1) Discutir a natureza das representações envolvidas no pensamento prático. “Projeto”, Parte III, Seção 3. (FREUD, 1995[1895], p. 90 – 97).

2) Explicar conceitos de intencionalidade pressupostos nos processos de pensamento. (GARCIA - ROZA, 1990, p. 112 – 119).

No capítulo IV:

Analisar as formas do pensar na teoria freudiana em termos da obra: *Projeto de uma psicologia*.

O objetivo geral que norteará este trabalho é analisar as formas do pensar conforme abordagem feita por Sigmund Freud em sua obra: *Projeto de uma psicologia*. O pano de fundo do trabalho é o clássico problema filosófico da relação mente-corpo no que respeita o estatuto do pensar.

Que papel caberia nesse processo à atividade meramente cerebral e qual corresponderia, se for o caso, a cadeias representativas que apresentariam uma relativa independência com relação ao neuronal?

Este problema tornou-se uma questão filosófica básica e até hoje não resolúvel a partir da diferenciação cartesiana, no século XVII, entre corpo e mente como duas substâncias distintas.

Temos escolhido para ocupar-nos desta temática um modelo neurológico de mente que fôra elaborado por Freud no final do século XIX. Este modelo encontra-se na obra freudiana acima referenciada. O autor pretende oferecer, através dela, uma psicologia científica que represente os processos mentais em termos neurológicos.

Para Descartes a consciência é fugaz e incorrigível; ela pressupõe a auto-consciência. A evidência imediata da consciência tem padrão absoluto; é um tribunal além de onde não se pode ir. A contribuição de Descartes para nossa visão de mundo contemporânea começa a se desenvolver no século XVII e seus desdobramentos prosseguem até o final do século XX.

Para o filósofo contemporâneo John Searle a exclusão da consciência como objeto da ciência sugerida por Descartes e Galileu no século XVII coloca-se historicamente como algo que facilitou este desenvolvimento. (SEARLE, 1997, p. 126).

Descartes considerava que a “mente” ou a res cogitans deveria ser excluída do estudo das ciências naturais verdadeiras. Apenas a “matéria”, ou seja, a res extensa, poderia servir como objeto de estudo das ciências naturais e esta cisão entre o mental e o material foi um instrumento analítico importante para a descoberta de algumas “verdades” científicas úteis para aquele momento histórico e filosófico. A separação mente-corpo facilitou o progresso científico naquela época não obstante tenha se demonstrado filosoficamente perplexa trazendo consigo confusões e tornando-se “[...] um poderoso obstáculo para uma compreensão científica do lugar da consciência dentro do mundo físico” (SEARLE, 1997, p. 127) até nos dias atuais. Diz John Searle:

O dualismo entre mente consciente e a matéria inconsciente foi útil para a pesquisa científica da época, até por que ajudou a afastar a autoridade dos religiosos sobre os cientistas e porque o mundo físico poderia ser matematicamente tratado de uma forma na qual a mente não parecia se prestar. Mas tal dualismo se tornou um obstáculo para o século XX, já que parece situar a consciência e outros fenômenos mentais fora do mundo físico ordinário e, por conseguinte, fora do domínio da ciência natural. (SEARLE, 1998, p. 33-34).

Além de demarcarmos nossos objetivos achamos também procedente apresentar a seguinte justificativa:

Na busca de fundamentos que possam me ajudar a entender as diferentes formas de pensar, procuro através deste estudo encontrar ferramentas teóricas para aprimoramento do trabalho em meu campo de atuação.

A proposta freudiana das formas de pensar, além de ser muito interessante, pode nos ser útil nos dias atuais. Esclarecemos que somente no texto do *Projeto* Freud se dedicou a examinar estas formas de pensamento de forma tão explícita.

O leitor encontrará algumas subdivisões no corpo do texto que poderá julgar demasiado detalhadas. Esclarecemos que este estudo se fundamenta no texto do “Projeto” escrito por Freud em 1895 e que chegou aos leitores na forma de um manuscrito sem título, inacabado, “[...] e

gozando aparentemente de pouco apreço por parte do próprio autor, que o sepultara definitivamente ao esquecimento pouco depois de tê-lo produzido.” (MILIDONI, 1993, p. 2). Como o texto do “Projeto” provavelmente não foi revisado pelo autor, apresenta várias subdivisões. Com vistas a facilitar a compreensão do leitor optamos por um sumário algo detalhado.

CAPÍTULO 1 – Teoria geral do aparelho psíquico

1.1 Teoria geral do aparelho psíquico

Este capítulo pretende examinar a teoria geral do aparelho psíquico da forma como é desenvolvida por Freud em sua obra: *Projeto de uma psicologia*, escrita em 1895 e traduzida do original alemão, entre nós, por Osmyr Faria Gabbi Júnior em 1995. Consoante com isso, investigaremos as funções de sensação, memória e percepção-consciência conforme elas se processam no aparelho em questão.

Nos termos da percepção-consciência daremos especial ênfase à questão da geração da série qualitativa das sensações de prazer e desprazer. A seguir, examinaremos a dinâmica do aparelho psíquico do “Projeto” à luz dos processos de estimulação que nele ocorrem, daquelas que seriam as vivências estruturantes do aparelho, quais sejam, a vivência de satisfação e a vivência de dor, suas conseqüências, estados de desejo e afetos e também os protótipos processuais decorrentes dessas vivências, os processos psíquicos primários e secundários. De acordo com Milidoni (1993, p. 09) processos psíquicos primários são os protótipos processuais que correspondem aos processos propriamente ditos, concretos, tais como os sonhos e as neuroses, enquanto os processos psíquicos secundários abarcam enquanto fenômenos propriamente ocorrentes, os processos de pensamento.

1.1.2 O modelo de mente e seus princípios reguladores

Apoiando-se nessas observações concebe “[...] excitação n[ervosa] como quantidade em fluxo.” (FREUD, 1995[1895], p. 10) o que lhe dá subsídios para a generalização de tal hipótese no âmbito de sua psicologia naturalista da mente. O modelo de mente que emana desta conjectura segue alguns princípios. O primeiro deles, denominado “Princípio de Inércia Neurônica” afirma que o neurônio tende a livrar-se das quantidades, e o segundo será denominado “Princípio de Constância”, que indica uma tendência neuronal a manter determinada quantidade constante ou a mantê-la no nível mais baixo possível. A partir deste ponto se define quantidade (Q) como a diferença entre o repouso e a atividade, que é oriunda do mundo externo e com seu movimento se submetendo às leis clássicas da física, nomeadamente à lei de inércia (nota 2), enquanto (Q’n) representará a quantidade presente no sistema neuronal e que tem origem no interior do corpo.

Através do “Princípio de Inércia” o neurônio pode ser entendido como estrutura que cancela as quantidades que recebe através da emissão de Q. O movimento reflexo corrobora a circulação energética que visa a eliminação quantitativa. Sucintamente o “Princípio da Inércia” poderia ser considerado o causador do movimento reflexo, já que o rebaixamento energético faz parte de sua principal tendência (nota 3). A função primária neuronal responsabiliza-se por manter nulo o diferencial entre repouso e movimento no sistema neuronal. Sua ação se dá pelo emprego de Q’n adquirida através da ligação de unidades sensoriais e motoras com o sistema muscular, mantendo-as afastadas do sistema nervoso. Por outro lado, a eliminação do estímulo através de caminhos preferenciais que são conservados levando à desopilação do fluxo de Q’n pode ser entendida como função secundária do sistema neuronal.

1.1.3 Evolução e necessidades vitais X “Princípio de Inércia Neurônica”

A fome, a respiração e a sexualidade, resultantes da complexidade sistêmica produzida através da evolução de nossa espécie e designadas por Freud como “necessidades da vida” (FREUD, 1995[1895], p. 11), fazem com que o sistema nervoso abandone sua tendência à inércia, pois o neurônio desinvestido de quantidades não as conseguiria armazenar para satisfazer suas exigências vitais. Estes estímulos internos irão se somar até serem descarregados através dos caminhos preferenciais para a produção de uma ação específica como é a que produz a cessação da fome, para falar em termos do modelo de carecimento que Freud utiliza no “Pojoeto”. Cabe salientar, que a ação específica é efetuada pelo outro auxiliar e não pelo infante carente. Esse infante tem que ter um acúmulo de energia suficiente para atrair a atenção do outro através do grito ou do espremeio, por exemplo. O armazenamento de $Q'n$ para alicerçar a ação específica ocorre em níveis mínimos, com vistas a evitar variações que possam trazer elevações no estado energético anterior o que significa mantê-lo constante. A manutenção dessa constância justifica o enunciado do Segundo Princípio do modelo mental freudiano.

1.1.4 A microestrutura neuronal representando o sistema como um todo

Os neurônios são considerados como unidades distintas e com estrutura semelhante permanecendo em contato uns com os outros e possuindo diferentes diâmetros. O neurônio sozinho pode representar o sistema nervoso como um todo. A energia em forma de $Q'n$ circula do corpo celular em direção ao eixo neuronal e nem sempre é esvaída em sua totalidade, podendo existir resistências oponentes à sua eliminação. Essas resistências geralmente se localizam nas

regiões de contato entre um e outro neurônio, sendo conhecidas como barreiras. Tais “barreiras de contato” darão suporte para a explicação da noção de memória.

A sustentação do modelo exigiu a separação das unidades nervosas em dois subtipos: recordativas e perceptivas, pois Freud considerava a memória como “[...] a capacidade [...]” que possui o tecido nervoso “[...] de ser alterado permanentemente por processos únicos.” (FREUD, 1995[1895], p. 12). Como poderia uma estrutura ser alterada e se recompor deixando “salvas” as alterações sem, no entanto, abandonar suas características originais? Daí a necessidade da subdivisão citada.

Os neurônios responsáveis pela percepção (ou, mais exatamente, pela sensação, posto que Freud reservará a letra “ ω ” para denominar os neurônios responsáveis pela percepção) foram denominados pela letra grega ϕ (fi), caracterizados por deixar passar livremente as Q’ns sem embargá-las, diferenciando-se dos neurônios ψ (psi) resistentes às Q’ns e responsáveis pelos processos de memória.

A diferença entre as duas classes neuronais está, pois, na quantidade energética suportada por essas unidades. Para Freud o neurônio ψ adquiriu a característica da impermeabilidade graças ao processo evolutivo; faz conexão com o interior do organismo e com os neurônios ϕ recebendo Q’ns muitíssimo menores do que aquelas percebidas pelos neurônios ϕ que teriam localização marginal. Os neurônios ϕ , por sua vez, não recebem Qs exógenas em sua totalidade, mas apenas uma fração quantitativa, após acontecer “filtração” nas telas de redução externas. Assim, os neurônios se conformam de maneira a manter afastadas as quantidades por eles recebidas e sua atividade funcional está ligada à eliminação das Q’ns circulantes.

É insistente a idéia de que o aumento das Qs deve ser evitado pelo sistema nervoso. Toda a estrutura em forma de filtro quantitativo, passando pelas telas externas de redução, migrando

para ϕ e depois para ψ , com função explícita de decréscimo, deve se prestar à evitação de algo temível para o organismo, do qual o sistema deve fugir de forma decidida. A essa irrupção de Q_s em ϕ e ψ segue-se uma eliminação que deixará disponíveis caminhos preferenciais de descarga no neurônio ψ . Esses caminhos são denominados facilitações. A dor é caracterizada como a falha na eficiência do sistema em manter afastadas as Q_s que irrompem através dos neurônios perceptivos.

Além dos neurônios ϕ e ψ , existem os neurônios ω que operam onde as quantidades são ínfimas, e que tomam para si a leitura do período de excitação do movimento neuronal, ou melhor, a decodificação das diferenças de período. O termo período se refere a uma espécie de fator de variação temporal ou de ritmo, não fazendo parte da esfera das quantidades. Este terceiro grupo de neurônios é excitado a partir de processos perceptivos, mas não recordativos e mostra-se capaz de perceber as diferenças de período captadas pelos órgãos dos sentidos. Toma-se responsável, desta maneira, pela produção de sensações conscientes e de qualidades. Os neurônios ω não se ligam diretamente aos neurônios ϕ , somente através de ψ . Quando existe um aumento de Q_n em ψ existirá uma sensação desprazerosa em ω e, do contrário, quando a eliminação de Q_n ocorrer em ψ uma sensação de prazer será percebida por ω . A permeabilidade é outra característica a fazer parte do grupo de neurônios intérpretes de qualidades sensoriais denominado sistema ω .

Os neurônios ψ e ω estão colocados em comunicação direta e apresentam certa relação de dependência, principalmente dos últimos em relação aos primeiros. Aumentos quantitativos em ψ serão percebidos como qualidades desprazerosas em ω . Do contrário, ao acontecer o esvaziamento energético dos neurônios ψ haverá percepção de prazer em ω .

Os períodos podem ser lidos apenas pelos neurônios ω na forma de qualidades. Antes de serem transformados em qualidades pelos neurônios ω , os períodos eram uma característica (temporal, de variação, de ritmo) do movimento neuronal, que no sistema ψ eram monótonos. Quando chegam a ω oferecem oscilações ou “picos”, e ω será encarregado de decodificar essas diferenças de períodos. A quantidade média, por outro lado, decorrerá da limitação da capacidade de ação do estímulo. A quantidade do movimento neuronal que chega a ω não é a mesma do estímulo que feriu inicialmente a peneira da terminação nervosa, mas tem relação com ele, mesmo após sofrer redução quantitativa. Quantidades podem passar por ϕ , ψ e ω produzindo sensações conscientes, isto é, percepções neste último neurônio sem nenhum impedimento, mas isto pressupõe que essas quantidades ficam próximas de nível de $Q = \text{zero}$. Pode haver desaparecimento do período com duração mínima sem deixar rastro de memória resgatável.

O neurônio ψ não pode apenas ser ocupado a partir de ϕ . Dissemos anteriormente que as $Q'n$ que chegam a ψ são menores do que aquelas percebidas por ϕ . Essas quantidades advêm do interior do corpo e também do exterior via ϕ . Adicionaremos a essa explicação o fato de haverem muito mais neurônios ψ do que neurônios ϕ . Quanto mais forte for o estímulo a ocupar o neurônio ϕ mais caminhos serão percorridos até que haja o encontro com ψ . O afastamento das Qs em ψ através de ϕ é chamado complicação e obedece à lei de Fechner que relaciona a quantidade física do estímulo com a variação da percepção consciente do mesmo. (FREUD, 1995[1895], p. 130, nota 84).

O neurônio ψ ainda se divide em ψ do núcleo que pode ser ocupado a partir de quantidades provindas do interior do organismo, já denominadas $Q'n$, e ψ do manto, que pode ser ocupado a partir de ϕ e de ψ do núcleo.

As quantidades podem passar de um neurônio para outro através de transferência ou podem ser traduzidas, através da ligação direta que possuem os neurônios ϕ com o aparelho motor. No caso de haver tradução, a transformação em excitação motora adquire resultados maiores que os originais. Existe, pois, um incremento nas quantidades traduzidas pela ligação dos neurônios ϕ com o aparelho muscular gerando efeito superior ao original.

1.1.5 A busca do prazer regulando os desempenhos mentais

Até aqui percebemos que o aparelho psíquico ao trabalhar com quantidades, quer endógenas, quer providas de fora do organismo, procura evitar a todo custo seu aumento, percebido pelos neurônios ω , constituintes da consciência, como uma sensação de desprazer. *A busca do prazer ou a evitação do desprazer através dos mecanismos de descarga energética será a reguladora de todos os desempenhos mentais e a motivadora da atividade mental com suas conseqüências.*

1.2 As conduções energéticas em ψ

A seguir, analisaremos como imagens recordativas prazerosas poderão ser evocadas e como são criadas facilidades para que tal processo aconteça. De modo diverso, caminhos preferenciais de descarga energética serão investigados para o caso das imagens recordativas se traduzirem enquanto sensações desprazerosas. Para tal, necessitaremos de um estudo mais detalhado no que se refere às conduções ψ .

1.2.1 O sistema ψ e a fonte pulsional

O meio intercelular orgânico gera estímulos incessantemente, suas grandezas são reduzidas, mas através do processo de somação poderão se tornar maiores do que a resistência encontrada na barreira de contato existente em ψ do núcleo, ultrapassando-a.

Dirá Freud: “[...] as barreiras de contato ψ alcançam em geral uma altura maior do que as barreiras de condução, [...]” podendo, “[...] nos neurônios nucleares [...]”, existir “[...] um novo acúmulo de Q’n.” “Deste nivelamento de condução em diante não se põe nenhum limite para aquele. Aqui ψ está abandonado à Q e assim se origina, no interior do sistema, o impulso que sustenta toda a atividade psíquica.” Esse poder é conhecido “[...] como a *vontade*, o derivado das *pulsões*.” (FREUD, 1995[1895], p. 31).

Quantidades depositadas em ψ do núcleo poderão ser assim utilizadas para ações específicas como a busca do alimento ou do objeto que o provê constituindo-se na fonte das pulsões do mecanismo psíquico, ou como originalmente fora chamada pelo autor “*triebfelder*”. (FREUD, 1995[1895], p. 130, nota 87). Como existe um caminho direto do interior do organismo até ψ do núcleo, estes neurônios encontram-se desprotegidos da invasão do somatório pulsional.

Gabbi considera que os estímulos endógenos criados pela necessidade da vida causam em ψ do núcleo o que Freud denominou de mola pulsional ou “*triebfelder*”. O núcleo de ψ não apresenta qualquer proteção contra estímulos. O autor considera que a única pulsão (*Trieb*) presente desde o início é a fome. O aparecimento da sexualidade se dá na puberdade e a respiração não exige modificação no mundo externo. Quantidades poderão ser armazenadas em ψ do núcleo para realização da ação específica. (nota 10) Esta realização implicará num

cancelamento do estímulo emanado do interior do organismo. (FREUD, 1995[1895], p. 130, nota 87).

Os estímulos endógenos são os antecedentes mais longínquos das pulsões. Milidoni considera que Freud, de alguma maneira, concebia esta teoria, mas isto não aparece claramente no “Projeto”, embora o termo “*Trieb*” surja como sendo a mola que impulsiona o funcionamento do sistema psíquico. (FREUD, 1995[1895], p. 31). Se houver alguma pulsão em mente, são as pulsões do eu ou pulsões de auto-preservação, estando ausentes neste esquema as pulsões sexuais. Freud, no “Projeto”, não dispunha ainda de uma teoria formal da sexualidade.

1.2.2 A origem das facilitações em ψ

Quantidades somadas provindas do meio endógeno, após ultrapassarem as barreiras de ψ do núcleo, deixam atrás de si facilitações, de forma a não haver um cancelamento total da resistência em ψ , mas uma redução que obedece ao princípio de constância. Quantidades menores, portanto, facilmente penetrarão em ψ do núcleo após cancelamento das barreiras por passagem de quantidades maiores, ainda que a restauração da resistência tenha se efetivado.

Estímulos endógenos agindo continuamente sobre o núcleo de ψ tendem a acumular-se gerando sensação de desprazer com tendência a potencialização, a não ser que seja realizada ação específica. Ainda que sejam descarregadas Q'ns na realização da ação citada, a energia restante mínima presente será uma constante. A condução endógena, pois, estará facilitada, seguindo no curso anímico o neurônio ψ ao sabor das pulsões.

Ações específicas como conseguir alimento não podem ser realizadas inicialmente pelo indivíduo sozinho, havendo necessidade de ajuda de outro indivíduo. O bebê, por exemplo, não

tem condições de saciar sua fome sem a ajuda de sua mãe. Q'ns crescentes provindas do interior do organismo do infante necessitam ser descarregadas para haver um cancelamento do estímulo. O abandono ou o desamparo enfrentado pelo ser humano em sua dependência inicial do outro será a origem dos motivos morais que nortearão o indivíduo no seu desenvolvimento futuro.

O estado de desamparo ("*Hilflosigkeit*" ou "*état de détresse*") é considerado por Laplanche como o estado do lactente que na dependência integral do outro para satisfazer suas necessidades, como a sede e a fome, é impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. No adulto, o estado de desamparo é o modelo da situação traumática geradora de angústia. A completa dependência do bebê humano em relação à mãe implica em sua *onipotência*. Esta situação influencia a estruturação do psiquismo de forma decisiva, destinando-o "[...] a constituir-se inteiramente na relação com [...]" o outro. (LAPLANCHE, 1991, p. 112).

O autor também considera o estado de desamparo ligado à "[...] *prematuração* do ser humano [...]" que tendo uma existência intra-útero "[...] relativamente abreviada [...]" quando comparada com a da maioria dos animais, vem ao mundo "[...] menos acabado do que estes. Por isso, a influência do mundo exterior é reforçada [...]", "[...] a importância dos perigos do mundo é exagerada e o objeto que é o único que pode proteger contra esses perigos e substituir a vida intra-uterina, tem seu valor enormemente aumentado. Este fator biológico estabelece, pois, as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que nunca mais abandonará o homem." (LAPLANCHE, 1991, p. 112 – 113).

Ao ocorrer o cancelamento do estímulo emanado do interior do organismo pela realização da ação específica haverá exclusão duradoura da carga energética presente em ψ , percebida como fim do desprazer em ω . Neste momento todo o ψ do manto é contaminado pela notícia da

descarga quantitativa que dá lugar a uma ocupação neste neurônio que corresponderá à percepção de um objeto. Existirá também uma facilitação entre ψ do núcleo e a ocupação citada.

1.2.3 A vivência de satisfação, o desejo e as facilitações desimpedidas

Funções primária e secundária (nota 4) estão envolvidas no saciar da fome do bebê através de sua mãe, respectivamente pelo neurônio tender a esvaziar-se completamente das quantidades, e pelos caminhos utilizados para a fuga do estímulo poderem ser mantidos. Quando o bebê tem sua fome saciada através da ajuda externa, esta informação é registrada em ψ como uma imagem. Essa imagem criará no neurônio, ou melhor, num complexo neuronal, uma trilha que possibilitará a passagem da quantidade com grande facilidade.

Reaparecendo o estado de desejo, imagens recordativas poderão ser ocupadas e animadas podendo haver alucinação, ou seja, a objetivação de uma impressão subjetiva muito forte sem que o objeto esteja presente. No caso do surgimento da fome do bebê pode haver uma tendência de se repetir o mesmo caminho utilizado na vivência de satisfação anterior. Não havendo o fornecimento de alimento, o reavivamento das lembranças levaria a uma alucinação da representação evocada, traduzida qualitativamente como uma percepção.

A facilitação desimpedida de quantidades através dos neurônios utilizados pela segunda vez numa vivência de satisfação foi caracterizada por Freud como processo primário.

1.2.4 A vivência de dor

O neurônio ψ poderá se expor a uma quantidade anormal de energia via ϕ . Essas quantidades ϕ muito grandes produzirão aumento de níveis energéticos em ψ percebidos como desprazer em ω . De forma parecida com aquilo que ocorreu na vivência de satisfação haverá criação de uma facilitação entre a tendência à eliminação quantitativa e a recordação imagética do objeto que provocou aquele estado, funcionando como uma segunda modalidade dos processos primários. Grandes quantidades ao penetrarem no sistema ψ via ϕ produzirão uma sensação para a qual o aparelho tem nítida aversão caracterizando-se como um subtipo desprazeroso, a dor, que deverá ser evitada a todo o custo.

As quantidades excessivas, depois de descarregadas, registrariam em ψ uma imagem recordativa agressiva. Uma nova ocupação do neurônio por essa imagem é sentida como desprazer em ω com forte propensão à eliminação correspondendo à vivência de dor. Percebamos que a quantidade que provocou a dor tem origem externa, mas a quantidade responsável pela recordação da vivência de dor terá origem interna, isto é, via a memória ψ . (FREUD, 1995[1895], p. 136, nota 106).

1.2.5 O papel dos neurônios secretores

O fornecimento de energia interna para ativação nas trilhas de condução endógena se dá através dos neurônios secretores ou neurônios-chave que somente serão excitados a partir de um

certo nível em ψ . Esses neurônios não eliminam Q'ns, ao contrário, as fornecem indiretamente na recordação da vivência de dor. Eles mantêm com a vivência de dor muito boa facilitação.

Imagens recordativas desagradáveis, ainda que de valor muito reduzido, poderão trazer consigo uma enorme sensação de desprazer, pois a dor, sendo tão repudiada pelo organismo, deixa em sua passagem pelo sistema neuronal facilitações opulentas e dependentes da Q'n obtida.

1.2.6 Desejo e afeto como resíduos das vivências estruturantes do aparelho

Mais de uma vez dissemos que o aparelho mental idealizado por Freud tem suas operações ancoradas na busca do prazer da qual a descarga quantitativa é sinônima. A eliminação energética citada, obedecendo a destinos preferenciais através da facilitação, elucida as causas de grande parte do comportamento humano: “[...] ignorar todo o objeto hostil [...]”, e “[...] transformar todo o objeto em objeto de desejo [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 137, nota 115).

As vivências de dor e de satisfação, guias fundamentais das condutas humanas norteadas pela busca do prazer, deixarão no aparelho mental resíduos que poderão provocar um aumento de Q'n em ψ . Ao resto energético produzido posteriormente à vivência de satisfação chamaremos desejo, que tem sua geração a partir da somação e dará a base futura para o estudo da compulsão à repetição desse circuito, ou seja, à atração de desejo primária. A vivência de dor, por sua vez, deixará como resíduo o afeto, com produção de Q'n pelos neurônios-chave e liberação imediata na ocupação da imagem do objeto indesejado. O aumento da tensão de Q'n induzirá à liberação quantitativa.

O aparelho psíquico opera procurando atrair objetos de desejo ou suas imagens recordativas mantendo aversão à recordação da imagem indesejada ou hostil. No primeiro caso,

na atração do objeto de desejo, Q'ns serão maiores do que aquelas mobilizadas a partir da simples percepção, além de existir boa facilitação do núcleo para o manto de ψ . A esse processo chamaremos atração de desejo primária. A partir daí se percebe, de acordo com Freud, por que a imagem recordativa de desejo é tão susceptível a ocupações intensas resultando em alucinação do objeto desejado. (FREUD, 1995[1895], p. 138, nota 116). No segundo caso, havendo aversão à recordação da imagem hostil, o sistema ψ procura em seus “arquivos” reproduzir um estado que marcou o fim de um estímulo doloroso experimentado anteriormente. Na reprodução desse estado esse objeto é colocado, através de defesa reflexa, em substituição ao objeto hostil funcionando como um sinal de que a vivência de dor terá seu fim. A esse fenômeno chamaremos defesa primária. O aumento de Q'n nas recordações hostis estimula descargas mais energéticas denominadas escoamento de recordações. Outra forma de caracterizar a defesa primária é considerá-la como um movimento de fuga ou de retirada rápida e total das quantidades que investiram a imagem recordativa hostil, deixando-a vazia de Q.

1.3 O papel do ego na modulação da quantidade de desprazer liberado no sistema

Até agora fica claro que quantidades, ao se acumularem no sistema neuronal, trarão consigo uma sensação de desprazer que funciona como um sinal para deflagrar processos de retiradas quantitativas visando o rebaixamento energético, caracterizado pela sensação prazerosa. Essa direção quantitativa, que tende à eliminação, pode ser alterada por um grupo de neurônios que fazem parte do sistema ψ , com preenchimento constante, onde a energia neuronal circula com facilidade. A esses neurônios denominaremos “ego” ou “eu”. Esse conjunto de neurônios cuja estrutura espelha ψ do núcleo mais ψ do manto será responsável por impedir a ocorrência

dos processos primários, pois, do contrário, alucinações do objeto de desejo seriam constantemente evocadas e reproduções de estados assinaladores do término da dor ou de fuga de quantidades conduziriam o aparelho à extenuação. Sua formação se dá a partir do acúmulo de $Q'n$ em ψ do núcleo e as facilitações existentes entre seus componentes são poderosas e abundantes. Além disso, o “eu”, via sua porção ψ do manto, conta com as ocupações laterais compreendidas como desvios auxiliares com função de descarregar quantidades inibindo sensações desprazerosas.

As facilitações numerosas e o preenchimento energético constante dos neurônios ψ , componentes do “eu” contribuem para a diminuição de resistências interneuronais. Esse fato, associado ao advento das ocupações laterais, trará impedimentos à reprodução de recordações hostis ou alucinações.

O “eu” terá a função de modular a quantidade de desprazer a ser liberada de acordo com a ocupação da imagem recordativa hostil que poderá ser por ele inibida através de ocupação lateral, por exemplo. Desse modo a aversão a manter ocupada a imagem recordativa indesejada será tão maior quanto mais intenso for o desprazer desencadeado nesse processo.

1.3.1 O sistema w diferenciando percepção de memória

No estado de desejo, na forma de atração desiderativa primária, a satisfação é incompleta, pois o objeto não existe realmente, apenas é representado pelo sistema ψ na forma de imagens

recordativas. O sistema ψ apenas interpreta seqüências de estados semelhantes entre seus neurônios não conseguindo diferenciar o que é percebido daquilo que é representado. Há necessidade de distinção entre memória e percepção. Essa tarefa é realizada pelos neurônios ω que serão responsáveis pelo fornecimento dos sinais de realidade para ψ .

Percepções externas, sem a inibição do ego, apresentam-se para ω com intensidade semelhante às representações; aqui não se sabe se são reais ou não; com a inibição do ego, são reconhecidas através do signo de realidade fornecido por esse neurônio com vistas a impedir investimentos energéticos desmedidos numa imagem recordativa de desejo. A inibição do ego, neste caso, funciona diferindo a descarga. Este impedimento pode ser considerado como fruto de aprendizado biológico diferenciando-se das ocupações laterais caracterizadas como um mecanismo.

Quando no estado de desejo ocorre a reocupação da recordação de objeto haverá uma eliminação que não é acompanhada de satisfação, pois o objeto apenas existe em termos representativos faltando seu correspondente na realidade.

O sistema ψ trabalha de acordo com seqüências de estados onde há semelhanças entre coisas de naturezas diferentes, sendo incapaz de diferenciar entre coisas que têm existência real daquelas produzidas a partir de imagens representativas. Haverá necessidade de um discernimento provindo do neurônio ω com a função de distinguir percepção de representação.

Os arranjos perceptivos são dispostos e regulados a partir da memória. Imagens recordativas hostis deverão ser evitadas sendo necessário certo cuidado por parte de ψ para que essas representações sofram a mínima reocupação possível. As ocupações laterais presentes no ego, com a ajuda dos desvios auxiliares que têm função de descarregar quantidades, serão importantes para evitar a reocupação da imagem recordativa hostil. A falha deste mecanismo

tende a produzir “[...] grande desprazer além de uma defesa primária excessiva”. (FREUD, 1995[1895], p. 39).

O sistema ψ contará com ω para que a ocupação da imagem recordativa hostil se efetue a partir do mundo externo. Caso contrário esta ocupação realizar-se-á a partir do próprio sistema ψ , por associação, com liberação excessiva de desprazer, pois este sistema não é capaz de diferenciar representações de percepções.

Percepções externas, de início, não têm sentido para ψ mas causarão excitações qualitativas em ω . Essas excitações, quando descarregadas, enviarão para ψ uma notícia de eliminação que corresponderá ao sinal de realidade para este neurônio. No caso de ocorrer uma grande ocupação do objeto de desejo, como acontece na alucinação, houve falha no critério do signo de realidade provindo de ω .

1.3.2 O ego como resultado do processo evolutivo

Quando o ego está ocupado poderá haver inibição da ocupação de desejo, portanto, “[...] é a inibição do eu que possibilita um critério de diferenciação entre percepção e recordação.” (FREUD, 1995[1895], p. 40). O desenvolvimento do ego se deu por conta das necessidades impostas pela vida. Determinados neurônios deveriam se responsabilizar pelo armazenamento de energia. Os neurônios nucleares se incumbiram desta tarefa enquanto os neurônios do manto possibilitaram os mecanismos inibitórios. (FREUD, 1995[1895], p. 142, nota 138). O eu, após ter-se formado, consegue protelar a realização de desejo até que o objeto de desejo se faça presente. Dessa forma, a ocupação de imagens recordativas de desejo não deverá ser estimulada até que o sinal de realidade tenha aparecido.

Os aparelhos motores estão ligados aos órgãos dos sentidos que por sua vez apresentam ligações anatômicas com os neurônios ω . As notícias de eliminação em ω dirigir-se-ão, em última instância, para os aparelhos motores servindo como proteção ao sistema chamando a atenção de ψ para a presença de percepções ou recordações. O organismo pode, por exemplo, perceber se está diante de uma ameaça real como um animal selvagem ou se aquilo é uma recordação ou uma imagem. O sistema ψ aprende, portanto, a aproveitar biologicamente os signos de realidade provenientes de ω .

Neurônios ω têm ligações com os órgãos dos sentidos e com os aparelhos motores dos quais fazem parte. O sinal de realidade associado ao estado de desejo descarregará quantidades para o lado da ação específica em atividades como saciar a fome ou aproximar-se do objeto de desejo. O sinal de realidade, ao associar-se com o aumento de desprazer, poderá desencadear defesa via ocupação lateral em ψ .

Processos psíquicos primários são aqueles caracterizados por descargas desinibidas podendo conduzir à alucinação do objeto de desejo ou a uma defesa que consome toda a energia denominada “defesa primária” após o aparecimento de grande desprazer em ω . Esses processos poderão ser inibidos pelo ego enquanto formação especial do sistema ψ , o que resultará nos processos psíquicos secundários.

Capítulo 2 – A teoria freudiana da cognição

2.1 A teoria freudiana da cognição

Este capítulo tem como objetivo analisar a teoria freudiana da cognição ou do pensamento cognitivo.

Os processos psíquicos primários são aqueles em que ocorre descarga desinibida, que podem conduzir à alucinação do objeto de desejo, na qual há um investimento até a objetivação de uma impressão subjetiva muito forte, ou, senão, à defesa assinalada pela fuga da representação que causou desprazer. Tanto a vivência de satisfação, originada internamente da soma de estímulos, quanto a vivência de dor, produzida por estímulos externos, poderão conduzir ao desprazer se não houver certa cautela a partir do sistema psi.

2.1.1 O ego e a inibição dos processos primários

A inibição dos processos psíquicos primários é realizada pelo ego enquanto organização especial dos neurônios psi, considerado por Freud como “[...] uma massa neuronal de ocupação constante [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 75). Essa massa de neurônios nucleares constantemente ocupados, exercendo influência sobre psi do manto, que apresenta ocupação variável, produzirá inibição da defesa primária, por meio das ocupações laterais ou, então, da alucinação do objeto de desejo, pelo diferimento da descarga, o que culminará no aparecimento dos processos psíquicos secundários ou processos de pensamento.

O grupo de neurônios do sistema psi que faz parte do ego tem preenchimento invariável, apresentando-se num estado de ligação (“Bindung”) onde as quantidades se deslocam levemente. (MILIDONI, 1993, p. 224). Este “eu”, formado a partir do acúmulo de Q’n em psi do núcleo, apresenta resistências muito pequenas entre seus neurônios, tem facilitações poderosas e abundantes, além de contar com as ocupações laterais que se constituem em desvios auxiliares com a função de descarregar quantidades inibindo sensações desprazerosas. O complexo do ego evitará investimentos energéticos desnecessários nos casos desiderativos enquanto se aguarda a confirmação da presença do objeto de desejo no mundo exterior, e impedirá a catexização do objeto hostil.

2.2 Caracterização dos processos de pensamento segundo Freud

A partir deste ponto caracterizaremos os processos de pensamento de acordo com o que foi escrito por Freud na Parte I, Seções 16, 17 e 18 do “Projeto” (FREUD, 1995[1895], p. 41 – 48) enriquecido pelos comentários de Milidoni (1993, p. 145 – 165) e pelas notas críticas de Gabbi. (FREUD, 1995[1895], p. 144 - 157, notas 148 – 202).

2.2.1 O reconhecer e o pensar reprodutivo

Caracterizaremos os processos de pensamento iniciando pela parte I, seção 16 do “Projeto” onde Freud fará algumas considerações sobre as ocupações de percepção, sua complexidade de divisão e suas relações com as ocupações de desejo. O ego com seus registros e subterfúgios inibitórios terá expressão marcante tanto no reconhecer como no pensar reprodutivo. O assunto será mais detalhado nos parágrafos que se seguem.

O entendimento das funções dos processos secundários passa por sua ligação com os processos de desejo condicionada pelo trabalho do ego. A atração de desejo primária é o protótipo de um processo que, por força da evolução “biológica”, (FREUD, 1995[1895], p. 41) deu lugar aos processos de pensamento, justificados e originados na vivência de satisfação e em suas repetições.

Freud nos dirá que: “ [...] no processo de desejo, a inibição do eu levaria a uma ocupação moderada do objeto de desejo, que permite reconhecê-lo como não real [...]”. Dessa forma, quando a recordação da imagem desejada coincide com a percepção do objeto, aparecendo o sinal de realidade provindo de ω , haverá eliminação quantitativa através do caminho demarcado pela vivência de satisfação. De outro modo, quando a ocupação de desejo não apresenta concordância total com a percepção torna-se “inseguro” realizar a eliminação sem o aval dos signos de realidade. (FREUD, 1995[1895], p. 41).

Poderão ocorrer disposições diversas entre as ocupações de desejo e percepção conforme se segue. No primeiro caso a ocupação de desejo coincide completamente com a percepção a ela relacionada. O sinal de realidade provindo de ω autoriza a “[...] descarga no sentido da ação específica.” (MILIDONI, 1993, p. 149). Para Freud esta coincidência não poderá ser aproveitada biologicamente. (FREUD, 1995[1895], p. 41), portanto, a partir desta condição não haverá novidade nem estímulo ao trabalho desenvolvido pelo pensamento. Numa segunda situação haverá uma coincidência parcial das ocupações de desejo e percepção. A partir desta discordância surgirá o interesse que dará oportunidade ao trabalho de pensamento.

O processo cogitativo terá por finalidade converter as concordâncias parciais em identidade através do julgamento que decompõe o complexo perceptivo para sua análise mais detalhada. Freud deixa claro que “[...] as ocupações de percepção não são [...]” isoladas “[...]”,

mas complexas [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 41). Desta forma podemos considerar uma ocupação de desejo referindo-se ao neurônio (a + b) relacionando-se a uma outra ocupação perceptiva (a + c). Enquanto os signos de realidade não estabelecerem conformidade entre os dois complexos torna-se insegura a eliminação energética.

A via encontrada para o aprimoramento da semelhança visando a identidade entre percepção e desejo passa, portanto, pela decomposição do complexo perceptivo, dirigida ao confronto. Essa decomposição ocorre através do estabelecimento de semelhanças ou dissemelhanças entre outros complexos perceptivos e divide o complexo em duas partes. A primeira parte ou neurônio a, geralmente imutável, e a segunda parte ou neurônio b, comumente variável. Freud relaciona o núcleo do ego à parte constante do complexo perceptivo enquanto coloca as ocupações instáveis do manto em conexão com o componente inconstante da percepção. Denomina o neurônio a como coisa e o neurônio b como seu atributo ou seu predicado. (FREUD, 1995[1895], p. 42).

2.2.2 O pensar e o julgar

Quando uma ocupação de desejo não encontra seu equivalente na ocupação de recordação que corresponde a uma ocupação perceptiva dar-se-á início ao processo de julgar. Este processo ψ , possível graças à inibição proporcionada pelo ego, se prestará a comparar complexos perceptivos e representativos não coincidentes dando impulso ao trabalho do pensar propiciando eliminação de quantidades. Dessa forma, o caminho neuronal ligado à vivência de satisfação que busca a identidade entre os complexos discordantes, perceptivos e representativos, é denominado *pensamento* enquanto a comparação entre esses complexos pode ser chamada de *julgamento*. Diz

Freud: “A coincidência entre ambas as ocupações torna-se um sinal biológico para terminar o ato de pensar e para permitir a eliminação. A discordância dá o impulso para o trabalho de pensar, que termina de novo com a coincidência.” (FREUD, 1995[1895], p. 42).

Após a decomposição do complexo perceptivo ($a + c$) será realizado o confronto com a ocupação de desejo ($a + b$). Inicialmente é encontrada a identidade entre os neurônios $\underline{a}$, ou seja, a parte estável das duas ocupações, seguida da comparação entre os neurônios instáveis $\underline{b}$ e $\underline{c}$. Do estabelecimento de semelhanças o trabalho judicativo poderá considerar os neurônios $\underline{b}$ e $\underline{c}$ como “[...] diferentes estados [...]” da mesma “[...]coisa.” (MILIDONI, 1993, p. 151).

Mesmo havendo coincidência entre neurônios $\underline{a}$ poderá aparecer um neurônio $\underline{c}$ no lugar do neurônio $\underline{b}$ ocasionando dessemelhança entre a parte variável da percepção. O ego perseguirá as ligações do neurônio $\underline{c}$ até encontrar algo que se assemelhe ao neurônio $\underline{b}$ ausente. Este trabalho executado pelo eu poderá resultar em uma imagem de movimento interposta entre $\underline{b}$ e $\underline{c}$ que reanimada produzirá a percepção do neurônio $\underline{b}$ com o encontro da identidade procurada. Visando encontrar o objeto de desejo através da coordenação de movimentos, uma imagem de movimento é intercalada entre a parte constante e a parte variável de ψ . O bebê, por exemplo, poderá utilizar um movimento de cabeça para fazer com que a imagem lateral da mama materna, onde não há visão do mamilo, transforme-se numa visão frontal onde o mamilo esteja presente em seu campo visual. A visão lateral não coincidia com a imagem recordativa desejada. O bebê busca em suas recordações determinada ação ou movimento de cabeça que transformou a visão frontal da mama em lateral e faz o movimento inverso reencontrando o objeto de desejo através da coordenação de seus movimentos. Como a ação específica pressupõe a vivência de satisfação esta coordenação de movimentos realizada pelo bebê pode exemplificar a possibilidade de se chegar, por reprodução de ocupações, “[...] ao lado acidental da ação específica [...]”. (Nota 5).

Dirá Freud: “Aqui há ainda um pouco de juízo [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 42) referindo-se ao processo comparativo existente entre os dois complexos, o perceptivo e o representacional recordativo.

Como todo o pensar visa a realização de desejo a multiplicação de ocupações citada anteriormente pode levar à satisfação da necessidade individual. Esta propagação foi impulsionada pelo ego e tem a finalidade de repetir o caminho fixado pela vivência de satisfação.

D. Maldivsky estabelece analogias entre os tipos de representações ajustadas por Freud em sua obra: “Sobre as afasias [...]”, a saber, “[...] representações de objeto [...]” e “[...] representações de palavra [...]” e a disposição que provém, na esfera representacional do julgamento do “[...] complexo do semelhante [...]”, não obstante o autor demonstre ambiguidade ao considerar um complexo perceptivo (“complexo do semelhante”) como um complexo representativo. Milidoni considera que o complexo do semelhante funciona, no nível representativo como a representação de objeto de “Sobre as Afasias”. Dessa forma, pode ser entendido como um “[...] complexo associativo constituído por diversos traços de impressões visuais, auditivas, tácteis, cinestésicas, e outras, e que só na aparência remeteria para algum [] objeto [...]”, “[...] aparência esta que decorreria do fato de ele ser um complexo aberto à incorporação de novos elementos.” Esta representação não é, portanto, uma simples imagem, ela tem cheiro, sabor, temperatura, humor. É íntima e inacabada em si própria como uma holografia tetradimensional, atemporal, dirigida pelo sujeito que tem o poder de reproduzi-la para si próprio através da recordação e para o outro através da palavra. Esta última, a palavra, apresenta sentido somente em conexão com a representação de objeto. Neste sentido, no que se refere à “[...] representação de palavra [...]”, Milidoni a considera como um “[...] complexo associativo [...]” onde “[...] intervêm elementos que procedem de canais visuais, acústicos e cinestésicos [...]”,

adquirindo “[...] significação plena [...]” apenas “[...] pela sua ligação com a representação de objeto.” (MILIDONI, 1993, p. 159).

O eu ocupado indicará o caminho a ser percorrido pelas Q'ns. Neste sentido, as facilitações poderão ser utilizadas, mas não subjugarão a passagem das quantidades que estarão sob domínio de uma meta. Esta meta objetiva o encontro do neurônio b com o neurônio c que não pode ser substituído sob pena de se inviabilizar a sensação de identidade procurada. Neste sentido, na busca do objeto desejado, o ego será responsável pelo deslocamento de quantidades por todos os caminhos possíveis, com dispêndios variáveis de ocupação lateral de acordo com as facilitações existentes ou sua ação contra elas. (FREUD, 1995[1895], p. 43).

O pensar reprodutivo resulta, portanto, da mobilização de Q'n pela totalidade dos caminhos neuronais de descarga energética. Para tal o ego poderá utilizar as ocupações laterais com intensidades variáveis de acordo com seu emprego a favor ou contra as facilitações existentes e sedimentadas. Neste sentido o pensar reprodutivo, enquanto processo secundário caracteriza-se por um escoamento energético controlado, “[...] as representações são investidas de uma maneira mais estável, a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põem à prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação.” (LAPLANCHE, 1991, p. 371). Diz Freud: “ A luta entre as facilitações consolidadas e as ocupações mutáveis caracteriza o processo secundário do pensar reprodutivo em oposição à sequência associativa primária.” (FREUD, 1995[1895], p. 43). Para Milidoni, neste trecho, Freud contrapõe mecanicamente o pensamento reprodutivo a uma passagem primária de quantidades. (MILIDONI, 1993, p. 153).

A representação de desejo do neurônio b permanece ocupada através de sua recordação como se surgisse, a partir do desejo de ocupação do neurônio b, uma conformação para a qual

não é permitido o acoplamento do neurônio c . O neurônio b , de acordo com essa ocupação contará com ligações “[...] facilitadas e acessíveis [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 43) responsáveis por orientar a migração das quantidades presentes.

Os registros deixados no ego pela vivência de dor indicarão que por aquele caminho não circulará a via de eliminação ligada à vivência de satisfação, mas poderá ocorrer que uma quantidade migratória esbarre com uma recordação imputada a uma vivência de dor oportunizando liberação de desprazer, “[...] indicação segura de que o neurônio b não poderá ser alcançado por este caminho.” (FREUD, 1995[1895], p. 43).

2.2.3 O juízo, a presença do outro e a consciência

A seção 17 da primeira parte do “Projeto” faz referência à presença do outro no papel de objeto externo colaborando na formação do juízo sem se submeter à qualificação por parte da consciência.

A via de eliminação da vivência de satisfação é reproduzida no pensar recordativo que procura enquadrar as representações do objeto desejado à percepção presente tentando converter analogia em identidade. O signo de realidade do neurônio b autoriza a eliminação em ψ . Caso o processo procure a identidade não havendo eliminação será denominado ato de pensar puro. Vários caminhos de eliminação prováveis poderão ser instituídos e o indivíduo poderá planejar, a partir das semelhanças encontradas, quais possibilidades diante das diversas identidades apresentadas é o melhor caminho de eliminação. Várias ligações entre as representações de

desejo e as representações originadas através da percepção poderão ser estabelecidas no ato de pensar puro.

No caso de surgir uma percepção que não concorde com a imagem recordativa desiderativa haverá um empenho em se reconhecer a imagem perceptiva para, a partir dela, criar-se um caminho para encontrar a imagem recordativa desejada. Esta “[...] relação de diferença [...]” (MILIDONI, 1993, p. 153) surgida entre a ocupação de desejo e a percepção que aparece paralelamente a ela fará nascer, portanto, um interesse para identificar ou reconhecer a imagem perceptiva na projeção da imagem mnêmica desejada. Neste sentido, o ego fará uma hiperocupação de apenas um componente da imagem perceptiva, a saber, o neurônio $\underline{c}$. (MILIDONI, 1993, p. 154).

O pensamento reprodutivo estará sujeito à reprise no caso da imagem perceptiva não se apresentar como uma total novidade. De forma diversa, quando a imagem perceptiva for completamente nova, a corrente de pensamento colocará em função um trabalho recordativo sem a interferência do desejo “[...] dirigido [...]” “[...] pelas diferenças e não pelas semelhanças [...]” (MILIDONI, 1993, p. 154) ou um trabalho judicativo no qual a corrente se conserva fixa na percepção surgida recentemente e que de forma semelhante ao trabalho recordativo não será dirigido por uma meta.

A percepção poderá mostrar um objeto que se assemelhe ao sujeito, ou seja, um outro ser humano. Este ser pode ser parecido com o indivíduo que lhe prestou assistência em sua fase de desamparo inicial, em sua primeira vivência de satisfação “[...] tomando-se o primeiro objeto de satisfação [...]”, “[...] assim como o único poder auxiliar [...]”, (FREUD, 1995[1895], p. 44) e além disso, “[...] o primeiro objeto hostil.” Para Milidoni o predicado hostil indicará “[...] que tal objeto deve ter formado parte de uma vivência de dor, isto é, de um circuito liberador de

desprazer.” (MILIDONI, 1993, p. 154) Este outro, portanto, pode ser colocado “[...] como fonte tanto de prazer como de desprazer.” (MILIDONI, 1993, p. 155).

Diz Freud: “[...] por isso, através do próximo, o homem aprende a reconhecer.” (FREUD, 1995[1895], p. 44). Este homem identifica-se com seu semelhante baseado em determinadas características. O outro poderá trazer semblantes inéditos e não comparáveis, mas de outra forma poderá produzir ações sobre os sentidos que recordem movimentos vividos pelo próprio indivíduo como aqueles realizados por suas mãos, por exemplo.

O juízo decomporá o complexo perceptivo representado pelo semelhante “[...] em duas partes: uma constante, a coisa, e outra variável, os predicados da coisa.” A parte constante compreenderá, por exemplo, o semblante do indivíduo enquanto algo novo e incomparável. A parte variável, representada pelos movimentos das mãos do semelhante poderá trazer recordações de percepções visuais do próprio corpo do indivíduo como a visão do movimento de suas próprias mãos. De forma semelhante, o grito do próximo poderá suscitar recordações do próprio grito do indivíduo evocando lembranças “[...] de suas próprias vivências de dor.” (MILIDONI, 1993, p. 156).

O complexo do próximo poderá ser compreendido apenas em sua porção variável, ou seja, quando estão em jogo as ocupações do manto de ψ . Esta porção inconstante do complexo perceptivo denominada predicado da coisa poderá ser objeto de comparação “[...] através do trabalho recordativo.” (FREUD, 1995[1895], p. 45). Para Milidoni “[...] a coisa propriamente dita não será compreendida, pois não é predicável não podendo, portanto, ser comparável.” O reconhecimento do complexo perceptivo, portanto, passa pela sua decomposição e a compreensão se dá a partir do estabelecimento de igualdades realizado pelo pensamento judicativo ou cognitivo. (MILIDONI, 1993, p. 157).

Quando ocorre a identidade entre as ocupações provenientes do ego e as percepções estaremos diante da finalidade última a ser alcançada pelo pensamento reprodutivo e pelo pensamento judicativo. O primeiro busca identificar-se com as vivências próprias do sujeito incluindo as representações de objeto. O segundo tenta encontrar sensações e representações de movimento do sujeito. O juízo procura ocupar, portanto, a partir de ψ , “[...] as porções não comparáveis da percepção.” (MILIDONI, 1993, p. 157).

Diz Freud: “O juízo [] não é uma f[unção] primária, mas pressupõe a ocupação a partir do eu da parte díspar. [...]” A parte não identificada procurada pelo ego refere-se às sensações e representações de movimento do sujeito. Quando Freud afirma que o juízo “[...] não é uma função primária [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 45) sugere que no caso não haverá uma “[...] descarga imediata e total da quantidade de excitação [...]” (LAPLANCHE, 1991, p. 373) conforme ocorre no arco reflexo. (nota 6).

O juízo terá responsabilidade na eliminação das partes discordantes ocupadas. Dessa forma, os predicados da coisa separam-se da coisa “[...] por meio de uma via mais frouxa [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 45), portanto, conforme há o reconhecimento progressivo de determinado objeto desaparecerá a diferença entre a representação que corresponde “[...] a uma percepção e a representação do objeto de desejo.” (FREUD, 1995[1895], p. 152, nota 179).

A vivência de satisfação norteará os processos do pensamento que visam claramente a realização de desejos. O pensar que tem sua origem no juízo denomina-se reflexão reprodutiva. Quando o pensar se desenvolve após a instituição “[...] de identidade entre a representação correspondente à percepção e a representação do objeto de desejo [...]”, sem obtenção de prazer, estamos diante do apreciar. (FREUD, 1995[1895], p. 152, nota 180). Nos dois casos o pensar

visa a realização de desejos. Nos processos ψ existe a ação ativa do ego alcançada a partir da inibição.

2.2.4 O sistema w e a atribuição de significado aos registros de y

Na parte I, seção 18 do “Projeto” o autor esclarece o papel do sistema ω na atribuição de significado aos registros de ψ sem, no entanto, provocar a compreensão do sentido daquilo que foi aprendido. A relação do pensar com a realidade emerge da relação entre as imagens no caminho neuronal após repetidas ocupações nas trilhas neuronais. A participação do ego como fator de ligação dos processos psíquicos, guiada pela economia energética, será abordada com maiores detalhes nos parágrafos seguintes.

Quando uma quantidade de ocupação $Q'n$, de origem exógena é conduzida para um neurônio habitado pelo ego se terá origem um estado de igualdade que caracteriza o final de todo o processo de pensar. Diz Freud: “[...] meta e final de todos os processos de pensar é levar a um *estado de identidade*.” (FREUD, 1995[1895], p. 45). Enquanto no pensar reprodutivo existe a busca de identidade com determinada vivência particular, no pensar judicativo ou recognitivo a equivalência é experimentada através de uma ocupação corporal. No pensar recognitivo identificamos a partir dos movimentos alheios nossos próprios trejeitos ao passo que o pensar reprodutivo funciona a partir da repetição da vivência de satisfação através do preenchimento das ocupações psíquicas.

Para Milidoni o corpo do sujeito é considerado como mediador no ato de reconhecer ocorrente no pensar recognitivo. A atividade judicativa busca através da semelhança a identidade

entre ocupações de origem externa e outras catexizadas a partir do ego. (MILIDONI, 1993, p. 156).

O pensamento reprodutivo alicerça o pensar sendo o molde inicial de seus processos enquanto o pensamento cognitivo traça equivalências entre a percepção e o desejo proporcionando novos destinos ao pensar reprodutivo. O pensamento cognitivo ou judicativo abre caminhos através das facilitações para que o pensar reprodutivo possa realizar associações posteriormente. O pensar tem como finalidade fixar a presença de objetos externos dando credibilidade à sua existência e relacionando-os ao objeto de desejo. O signo de realidade proveniente de ω terá importante colaboração no estabelecimento da crença. Diz Freud: “[...] Se, após a conclusão do ato de pensar, chegar o signo de realidade para a percepção, obtém-se o juízo de realidade para a percepção, a crença, e alcança-se a meta da totalidade do trabalho.” (FREUD, 1995[1895], p. 46).

A porção variável do complexo perceptivo estando impossibilitada de se constituir objeto de comparação para as experiências corporais ainda não sentidas poderá inviabilizar sua compreensão. É o que ocorre, por exemplo, com a criança que tem experiências sexuais antes do início da puberdade. Estará ausente a experiência corporal para ser comparada com os “predicados da coisa” enquanto parte variável de ψ . Para Milidoni na medida em que faltarem experiências corporais com as quais se possa comparar a porção variável do complexo perceptivo haverá uma reprodução da parte cambiante que não se acompanha de sua compreensão. (Milidoni, 1993, p. 157). Neste mesmo sentido Gabbi considera que vivências prematuras não poderão ser representadas, pois não houve reconhecimento de similaridades entre o corpo do indivíduo e o corpo do outro. (FREUD, 1995[1895], p. 253, nota 182). Essas vivências sexuais não poderão ser representadas antes do aparecimento da pulsão sexual. Até o início da puberdade

“[...] todas as experiências sexuais não exteriorizarão nenhum efeito.” (FREUD, 1995[1895], p. 46).

O pensar reprodutivo, como produto da ação do ego, procura estabelecer identidade a partir de vivências particulares. Quando a parte variável do ego ainda não se apresenta bem consolidada sua ação na contenção dos processos primários pode não ser tão eficaz. Neste sentido comenta Freud que “[...] o julgar primário parece pressupor uma influência menor pelo eu ocupado do que o ato de pensar reprodutivo.” (FREUD, 1995[1895], p. 46).

2.2.4.1 O julgar primário e o julgar secundário

Ao juízo primário cabe cotejar as percepções presentes com as imagens do objeto de desejo. Este processo pode ocorrer de forma puramente associativa “[...] mais ou menos próximo do que foi caracterizado como processo psíquico primário.” (MILIDONI, 1993, p. 160). Em casos menos próximos do processo psíquico primário as associações serão perseguidas através de semelhanças parciais como acontece nas associações fixadas na vivência de satisfação não ocorrendo eliminação de quantidades. Esta perseguição, portanto, “[...] não leva a nenhuma modificação.” (FREUD, 1995[1895], p. 46).

No juízo secundário os processos associativos sofrem “[...] atenuação por parte do ego.” (MILIDONI, 1993, p. 160). Neste caso a energia permanece ligada num ego já consolidado capaz de conter os processos primários com dispêndio quantitativo mínimo. Este segundo tipo de juízo fará parte dos processos de pensamento ou “[...] processos psíquicos secundários.”

(MILIDONI, 1993, p. 160). Diz Freud: “[...] podemos supor que todo o julgar secundário resulta da redução destes processos puramente associativos.” (FREUD, 1995[1895], p. 47).

O juízo primário pode apresentar subtipos muito próximos do processo primário. Nesses casos fica clara a atuação desse processo como no “[...] valor de imitação de uma percepção [...]” e no “[...] valor de compaixão de uma percepção [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 46). No primeiro subtipo a percepção “[...] corresponde a algo como um núcleo de objeto mais uma imagem de movimento. Enquanto se percebe p imita-se a própria imagem de movimento, despertada pela discordância tão fortemente que o movimento é executado.” Neste caso a imitação da própria imagem de movimento é animada pelo desacordo entre a minha ação e a ação do outro. No segundo subtipo “[...] a percepção desperta a imagem recordativa de uma sensação de dor própria, então sente-se o desprazer correspondente e repete-se os movimentos de defesa que lhe pertencem.” (FREUD, 1995[1895], p. 46). (nota 7).

Ao se repetir a vivência de dor existe a reocupação da imagem do objeto hostil com produção de desprazer e a conseqüente tentativa de supressão reativa por parte do ego. Esta tentativa de reduzir o desprazer, coordenada pelo eu, poderá terminar num grito, por exemplo. Tanto na repetição da vivência de satisfação quanto na repetição da vivência de dor o grito terá mútua relação com a reprodução da fonia alheia associando à percepção um valor de imitação ou de compaixão respectivamente. (FREUD, 1995[1895], p. 154, nota 187).

Através do julgar o indivíduo se apropria da capacidade de identificação de objetos. A partir daí, com o auxílio de mecanismos associativos entre “[...] ocupações vindas do exterior e ocupações provindas do próprio corpo [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 47) poderá estabelecer semelhanças entre as notícias provenientes de ϕ e aquelas originadas no próprio indivíduo.

O julgar apresenta, portanto, grande importância prática. Quando penso numa serpente não tenho a mesma reação de fuga que me ocorre ao percebê-la livre em meu jardim, por exemplo. O julgamento estabelece a rota de eliminação das quantidades que chegam de ϕ e “[...] o que nós chamamos coisas são os restos que se subtraem à apreciação [...]” do juízo. (FREUD, 1995[1895], p. 47). Dessa forma, o juízo procura o estabelecimento de sujeição recíproca ou a associação entre as ocupações externas e internas do organismo. Aquilo que foge à capacidade associativa do juízo poderá ser denominado coisa.

2.2.4.2 As ocupações laterais e sua importância para a manutenção dos processos secundários

No processo do pensar o ego utilizará as ocupações laterais para que neurônios ψ ocupados possam alterar a “[...] compulsão facilitadora [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 47) Os processos primários, desta forma, são impedidos de emergir no interior do ego por conta dos obstáculos impostos pelas ocupações laterais. Elas não permitirão que a imagem desiderativa seja ocupada enquanto não aparecer o signo de realidade a partir da consciência. O neurônio-chave, por sua vez, não poderá ser ocupado, na repetição da vivência de dor, enquanto não for autorizado pelas ocupações laterais. Dessa forma, quantidades internas não poderão ser mobilizadas para a repetição dessas vivências dolorosas.

As ocupações laterais terão grande importância nos mecanismos de manutenção dos processos secundários. Diz Freud: “[...] é compreensível mecanicamente que neste caso apenas uma parte das Q's possa seguir as facilitações, e que a grandeza desta parte seja constantemente regulada pelas ocupações.” (FREUD, 1995[1895], p. 47). Uma leve corrente de inervação motora

perpassa ψ “[...] quando no curso tiver sido inervado um neurônio motor ou um neurônio-chave.” (FREUD, 1995[1895], p. 47). A Q’n “[...] economizada [...]” no processo de pensar poderá ser utilizada para que representações possam ser reinvestidas de forma “[...] útil [...]”.

Exemplificando, quando o indivíduo pensa numa determinada ação gasta menos energia do que aquela necessária para a sua execução. Por isso o planejamento precede a ação nos casos onde o ego conseguiu através das ocupações laterais e dos neurônios-chave suplantar a emergência dos processos primários.

O ego supera a compulsão e a mera associação, características dos processos primários, para “[...] desenvolver sua função judicativa [] destinada a operar num plano de significações.” (MILIDONI, 1993, p. 163).

Vimos nos parágrafos anteriores que quantidades muito pequenas correrão nos neurônios ψ na vigência dos processos secundários. Os neurônios ψ , por sua vez, sendo os responsáveis pela manutenção da memória foram caracterizados anteriormente como a sede dos processos psíquicos. Essa capacidade de reter informações deriva dos obstáculos impostos à perda energética através das barreiras de contato integrantes da constituição deste neurônio.

Pergunta Freud: “[...] como se pode conseguir que Q’ns tão pequenas abram caminhos que, todavia, só são transitáveis para maiores, como as que ψ geralmente recebe?” (FREUD, 1995[1895], p. 47). As ocupações laterais darão a solução mecânica para os questionamentos do autor. Elas levarão pequenas quantidades “[...] pela corrente por facilitações que do contrário só as grandes teriam encontrado passagem.” (FREUD, 1995[1895], p. 48).

Elas serão as responsáveis por vencer as barreiras de contato existentes entre os neurônios ψ proporcionando ocupação de neurônios a partir de Q’s muito pequenas. A constituição básica do ego passa pelo estado de ligação entre os neurônios ψ ocupados de forma constante. Diz

Freud: “[...] a ocupação lateral *liga*, por assim dizer, um montante da Q’n que flui através do neurônio.” (FREUD, 1995[1895], p. 48).

O princípio de constância, que tem a função de manter no aparelho psíquico uma quantidade de excitação a níveis tão baixos ou tão constantes quanto for possível através de descarga ou evitação (LAPLANCHE, 1991, p. 355), será o regulador do processo secundário com tendência a economizar quantidades armazenando-as para utilização na ação específica. (Nota 8) A mudança apropriada no mundo externo, realizada graças à ação específica suspende por determinado período o afluxo de quantidades somadas e depositadas em ψ do núcleo. O processo secundário constitui uma modificação do processo primário que tem sua inibição permitida graças à constituição do ego. Na busca da identidade do pensamento as vias de ligação entre as representações deverão ser encontradas sem que a intensidade das representações possa influenciar sua utilização.

As ocupações laterais estão relacionadas à porção variável ou ao manto de ψ e são responsáveis pela produção de facilitações prévias nos circuitos egóicos. Elas conseguem levar, através da corrente energética, pequenas quantidades onde habitualmente passariam apenas quantidades maiores; “[...] a ocupação lateral *liga*, por assim dizer, um montante da Q’n que flui através do neurônio.” (FREUD, 1995[1895], p. 48).

“[...] Do ponto de vista econômico o ego aparece como um fator de ligação dos processos psíquicos.” (LAPLANCHE, 1991, p. 124). No processo de defesa as tentativas de ligação realizadas pelo ego têm um aspecto repetitivo e não ligado à realidade. Na vivência de satisfação e na vivência de dor, inicialmente, a quantidade seguirá o caminho de eliminação sem obstáculos,

mas sua repetição resulta em desprazer. No primeiro caso a falta do objeto de desejo e no segundo caso a presença do objeto hostil, ambos produzirão sensações desprazerosas. Os neurônios ligados entre si levam a quantidade a percorrer caminhos determinados considerando os signos de realidade provindos de ω diferenciando percepções de representações. (FREUD, 1995[1895], p. 156, nota 197).

2.2.4.3 Os traços de realidade influenciando as repetições das vivências

O processo primário é caracterizado pelo escoamento livre da energia psíquica e pela tendência ao reinvestimento de “[...] representações ligadas à vivência de satisfação constitutivas do desejo (alucinação primitiva) [...]” (LAPLANCHE, 1991, p. 371) e guiado, desta forma, pelo princípio de prazer. Este processo cria facilitações que não podem simplesmente ser alteradas pelo pensar sob pena de tornar “[...] os traços de realidade falsos.” (FREUD, 1995[1895], p. 48).

A busca do objeto de desejo e a fuga do objeto hostil criarão caminhos de eliminação com facilitações que não poderão sofrer falsificação. Isto significa que a repetição das vivências deverá levar em conta os traços de realidade. Caso contrário o bebê não sobreviveria na ausência do próximo ou algum animal poderia nos atacar se dele não fugíssemos, por exemplo. A sobrevivência da espécie comprova, desta forma, que as vivências de satisfação e de dor e suas repetições não deixam de levar em conta os aspectos da realidade.

Os caminhos preferenciais de eliminação foram criados após a passagem de grandes quantidades pela via neuronal e “[...] quantidades pequenas que percorrem o caminho do pensar não podem [...]” disputar, “[...] em geral, com as facilitações.” (FREUD, 1995[1895], p. 48). As

grandes quantidades foram as responsáveis pela criação do caminho de eliminação que, uma vez fixado não se modifica, embora este caminho possa ser percorrido levando-se ou não em consideração os sinais de realidade provenientes do sistema ω .

Embora o pensar não possa modificar o caminho de eliminação das quantidades ele deixa atrás de si traços que provêem um gasto menor de energia numa segunda repetição de uma determinada meditação do que o pensamento inaugural. (FREUD, 1995[1895], p. 48). Para que a realidade não seja interpretada de forma inadequada entram em ação sinais dos processos de pensamento que darão indícios para que a memória do pensar se estabeleça ancorada em pressupostos reais.

2.3 O mecanismo da atenção psíquica

A partir deste ponto, comentaremos a parte III do Projeto que esclarece o papel inibitório do ego e a importância do mecanismo da atenção psíquica. Serão considerados os signos de descarga lingüística e seu peso na dotação de realidade aos processos de pensar igualando-os aos processos perceptivos e possibilitando sua memória. Sequencialmente, o pensar simplesmente observador será diferenciado do pensar cognitivo.

As percepções precisam ser diferenciadas das representações para que o ego possa cumprir seu papel inibitório nos processos psíquicos primários. O mecanismo da atenção psíquica dará capacidade ao ego de ir atrás de determinadas percepções e exercer influência sobre elas. Para que isso ocorra, o sistema ω deverá ser mobilizado no fornecimento dos signos de

qualidade; portanto, eliminações em ômega produzirão qualidades conscientes que nortearão psi na escolha de percepções mais ou menos interessantes.

Para Freud a atenção psíquica é resultado de condicionamento biológico, pois quando psi não considera os sinais de qualidade provenientes de ômega, corre o risco de enfrentar o desprazer, além disto, psi necessita de informações sobre a realidade externa provenientes da consciência com vistas a evitar alucinações.

2.3.1 O pensar dilatando as dimensões do ego

A atenção psíquica ocupará os mesmos neurônios responsáveis pelo suporte perceptivo. A vivência de satisfação, suas repetições e os estados de apetite (nota 9), originarão estados de desejo e de expectativa que justificarão biologicamente o pensar. Estes estados necessitam aguardar um sinal de realidade para que as representações não se confundam com as percepções. Os estados de desejo e de expectativa albergarão as percepções que apresentem determinada semelhança com as representações de desejo. A partir da discordância entre representações e percepções se dará o processo de pensar, sendo as percepções excedentes transferidas para ocupações de representação, portanto, “[...] o ego dilata suas dimensões através do processo de pensar [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 194, nota 369).

Uma ocupação perceptiva poderá encontrar o ego despreparado para sua recepção. O signo de qualidade aparece subsequencialmente e surge a partir daí uma facilitação que reforça a ocupação perceptiva dando origem à ocupação de atenção dos neurônios perceptivos. “ Quando o

objeto for novamente percebido, sua ocupação perceptual será mais intensa, de acordo com a Segunda Lei de Associação.” (FREUD, 1995[1895], p. 77).

Freud deixa claro que a atenção, em princípio, não altera o juízo sobre as propriedades quantitativas do objeto. Ela não pode ser considerada como um amplificador quantitativo da percepção, pois a Q externa dos objetos tem manifestação diferente da Q'n psíquica revelada em psi. A Q externa é expressa em psi por complicação, dependente da área de psi afetada pelo estímulo. Mais caminhos, portanto, poderão ser percorridos em psi de acordo com as representações suscitadas pelas Q externas. (FREUD, 1995[1895], p. 130, nota 84).

A diferença entre percepção e representação adquire característica qualitativa quando consideramos que o sinal de realidade produzido em ômega tem o papel de deslocar para psi quantidade que corresponde à notícia de eliminação de ômega equivalente à percepção de um objeto. Entende-se, pois, que se uma representação em psi equivale a uma percepção ela deverá ser dotada de uma determinada quantidade. (FREUD, 1995[1895], p. 196, nota 377).

Notícias de qualidade provindas de ômega reforçarão as ocupações perceptivas através da facilitação e o ego deslocará, por intermédio da ocupação de atenção, as Q'n provenientes dos neurônios ômega para os neurônios perceptivos superocupados.

2.3.2 Pequenas falhas no mecanismo de atenção

Alguns elementos podem estar presentes na percepção e ausentes na consciência, o que pode ser resultado de uma falha no mecanismo de atenção. Durante o dia inúmeras percepções podem se fazer presentes sem que tomemos consciência de sua existência. Neste caso, a ocupação psi dos neurônios perceptivos é inexistente e a quantidade que chega, geralmente

pequena, seguirá através das facilitações até onde permitirem as resistências, de um neurônio a outro até tornar-se ínfima, não podendo progredir em forma de corrente.

2.3.3 O pensar simplesmente observador e o reconhecer

Quando o mecanismo de atenção está ativo poderá surgir **o pensar simplesmente observador** onde o indivíduo, ao perceber algo, questiona sobre seu significado e a que aquilo conduzirá. Neste caso há ocupação de neurônios perceptivos que se estenderá para neurônios mais afastados. A atenção terá sucesso quando no lugar da percepção surgirem recordações. O pensar observador tem como objetivo esgotar o conhecimento do objeto perceptual levando ao **reconhecer**, ou seja, “[...] a percepção foi reconhecida como objeto de desejo.” (FREUD, 1995[1895], p. 196, nota 383).

2.3.4 O reconhecer e as representações motoras da fala

A partir do reconhecer surge a necessidade de um mecanismo que conduza as imagens de recordação via psi. “ Uma eliminação ligada ao curso de Q’n forneceria, como todo o movimento, uma notícia de movimento.” “ Signos de qualidade são eles mesmos só notícias de eliminação.”, “ Neurônios motores eliminariam Q’n e forneceriam signos de qualidade.” (FREUD, 1995[1895], p. 79). Todas as ocupações deveriam ter esse tipo de eliminação, mas elas não são todas motoras. “ Devem, portanto, ser colocadas em facilitação segura com neurônios motores.” (FREUD, 1995[1895], p. 79). A solução encontrada por Freud foi destacar um neurônio relacionado aos neurônios motores de forma intrínseca: “[...] os neurônios utilizados nas representações motoras da fala.” (GABBI JUNIOR, 1997, p. 113).

A associação lingüística, estrutura semelhante ao sistema nervoso, recebe o estímulo sonoro formando a imagem acústica e libera o estímulo por descarga motora através da representação motora da fala. (FREUD, 1995[1895], p. 197, nota 387). “Essas associações são fechadas, pouco numerosas e exclusivas.” (FREUD, 1995[1895], p. 79).

2.3.5 O pensar consciente ou observador

Quando imagens de recordação enviam correntes parciais para imagens acústicas e imagens motoras da palavra, a ocupação das imagens de recordação se acompanha de notícias de eliminação que são signos de qualidade ou a consciência da recordação. No caso do ego ocupar previamente as imagens de palavra no lugar das imagens de eliminação ω surge o **pensar consciente ou observador**, mecanismo que guia a ocupação ψ para as recordações que aparecem durante o curso de $Q'n$.

Neste sentido comenta Gabbi que o pensar consciente, observador é aquele dirigido pelos signos de qualidade lingüísticos que aparecem a partir da descarga quantitativa “[...] por parte das representações motoras da fala.” (FREUD, 1995[1895], p. 198, nota 390).

Vimos no item anterior (item 2.3.4 desta dissertação – O reconhecer e as representações motoras da fala) que os neurônios utilizados nas representações motoras da fala estão relacionados intimamente aos neurônios motores responsáveis pela eliminação de $Q'n$ e o posterior fornecimento de signos de qualidade.

O pensar simplesmente observador (abordado no item 2.3.3 desta dissertação) leva ao reconhecer onde a percepção é reconhecida como objeto de desejo. As imagens de recordação necessitam ser conduzidas via neurônios ψ . No pensar consciente ou observador as ocupações ψ

serão guiadas para as recordações que aparecem durante o curso de Q'n e as imagens de palavra serão ocupadas anteriormente às imagens de eliminação ω . De acordo com isso comenta Gabbi que o pensar consciente, observador é o pensar que é guiado não por signos de qualidade originados em ω , mas por signos de qualidade lingüísticos. (FREUD, 1995[1895], p. 198, nota 390).

Os signos de descarga lingüística dotam de realidade os processos de pensar igualando-os aos processos perceptivos e possibilitando sua memória. A associação lingüística conecta ψ do manto às representações da fala.

2.3.6 Os signos de descarga lingüística e o papel do grito na eliminação de Q'n

A memória é dada pelas facilitaões existentes entre os neurônios psi onde estão gravadas as experiências de psi resultantes do contato com o mundo externo. O ego utiliza os mesmos neurônios psi para a deflagração do processo de pensar. A reprodução e o reconhecimento dos processos perceptivos podem ser realizados através de associações de psi com os neurônios ômega. *Os signos de descarga lingüística dotarão de realidade os processos de pensar igualando-os aos processos perceptivos e possibilitando sua memória.*

A inervação lingüística será considerada como um caminho de eliminação de Q'n para psi que poderá agir no controle das oscilações quantitativas enquanto se aguarda a realização da ação específica. São exemplos de ação específica: o ato de respirar, alimentar-se ou buscar o objeto desejado. **O grito** funcionará como uma inervação lingüística motora primitiva para eliminação de Q'n. “ Na vivência de satisfação ele se presta a banir Q'n enquanto a pessoa prestativa não

realiza a ação específica e na vivência de dor serve para reduzir a Q externa e aquela produzida pela ação do neurônio-chave.” (FREUD, 1995[1895], p. 199, nota 393).

O grito irá assumir função primária no caso de se prestar à eliminação de Q'n via ψ aos moldes de uma válvula de escape para tais neurônios. Caso ele exerça a função de chamar a atenção, por exemplo, para o desamparo de um bebê que chora, sua representação fará parte do circuito do desejo. Realizar-se-á neste caso a função secundária havendo conservação dos caminhos de eliminação. O mesmo grito poderá produzir compreensão por parte da pessoa prestativa que procura entender por que o infante está gritando, por exemplo, ou quais os motivos que poderiam levá-lo a gritar.

Quando o grito faz parte da vivência de dor ele pode se prestar a eliminar Q's externas ou produzidas pelos neurônios-chave servindo à função primária, ou ser utilizado para que ψ não ocupe novamente representações do objeto hostil. (FREUD, 1995[1895], p. 200, nota 397). Ele também poderá ser encarado como uma associação lingüística que chama o objeto hostil de forma a diminuir seus efeitos quantitativos. (FREUD, 1995[1895], p. 200, nota 398).

2.3.7 O compreender como capacidade do ego e a origem da linguagem

O ego consegue, através de suas experiências, relacionar as percepções aos objetos de desejo fazendo distinção entre a coisa e suas propriedades ou atividades. Dessa capacidade do eu surgirá o **compreender**.

“A inervação lingüística é [] uma via de eliminação [...]” que regula as oscilações de Q'n agindo “[...] como um tipo de válvula para ψ . Ela é a “[...] única eliminação [...]” enquanto

não se realiza a ação específica. Quando a inervação lingüística se presta a chamar “[...] a atenção do indivíduo prestativo [...]” para o estado de necessidade do infante ela produz compreensão por parte do outro. (FREUD, 1995[1895], p. 80).

Caso o grito consiga chamar a atenção do outro sua representação se incorpora ao circuito do desejo. (FREUD, 1995[1895], p. 199, nota 394). Neste caso o grito é decodificado pelo outro enquanto portador de um sentido expresso como um caminho preferencial de eliminação. (FREUD, 1995[1895], p. 200, nota 395). O grito, enquanto expressão lingüística, é entendido como o modelo de toda a linguagem.

As palavras se conectam com sensações corporais, isto é, com a parte variável de ψ e servem para comunicar ao outro, estados de dor ou de satisfação. (FREUD, 1995[1895], p. 200, nota 397). Quando o grito faz parte da vivência de dor ele pode ser utilizado para gravar uma memória do objeto hostil. Dirá Freud: “[...] a *própria notícia do grito* serve como característica do objeto.” (FREUD, 1995[1895], p. 81). “Portanto esta associação é um meio para tornar as recordações que excitam *desprazer* conscientes e objeto da atenção: foi criada a primeira classe de *recordações* conscientes.” “Ora, não é preciso muito para se inventar a linguagem.” (FREUD, 1995[1895], p. 81). Neste sentido complementa Gabbi que a primeira recordação consciente é a associação estabelecida entre uma sensação de dor, uma imagem do objeto hostil e o grito. (FREUD, 1995[1895], p. 200, nota 399).

A expressão lingüística fará ligações entre objetos ou percepções que excitam a dor associando-os a um som, confirmando o objeto como hostil e guiando a atenção para tal percepção. A notícia do grito caracterizará o objeto quando a dor atrapalhar a interpretação de seus signos de qualidade. A associação do ego às expressões lingüísticas fará com que as

recordações que evoquem desprazer se tornem conscientes e chamem para si o mecanismo de atenção. A linguagem provavelmente daí derivará.

2.3.8 O direcionamento da atenção no pensar cognitivo

No processo de **pensar cognitivo** a atenção se dirige para os signos lingüísticos chamados signos de eliminação do pensar. Esta eliminação é mínima, pois, a palavra é sempre mais econômica do que a ação. (FREUD, 1995[1895], p. 201, nota 402). O julgar tem inclinação à reprodução e representações sonoras podem estar associadas a informações de movimento. As recordações que associam sons às percepções, através do mecanismo de atenção, podem se tornar conscientes e serem ocupadas a partir de psi. (FREUD, 1995[1895], p. 81).

A consciência do pensar está ligada às descargas motoras das representações de palavra, (FREUD, 1995[1895], p. 201, nota 403) portanto, toda consciência representativa é verbal. Várias associações serão realizadas até se chegar a uma agregação final conhecida. A retenção do trajeto percorrido e onde se chegou após a exploração de determinado caminho trarão consigo o conhecimento da nova percepção.

O pensar cognitivo implica numa superocupação da percepção em relação a meros processos associativos. Nele a desarticulação das Q'n é moderada pela agregação aos signos de qualidade provindos de ômega. As ocupações psi são retomadas em cada ponto até que haja eliminação através da via lingüística. Na maioria das vezes não falamos enquanto pensamos, por conta disso podemos inferir que o ego não experimenta grandes perdas de Q'n na utilização das inervações lingüísticas. “ Ocorre, portanto, ocupação parcial dos neurônios que correspondem às representações da palavra falada. ” (FREUD, 1995[1895], p. 202, nota 405). A diferença entre se

representar um movimento e mover-se de fato é quantitativa, da mesma forma, se pensamos muito intensamente podemos falar alto enquanto pensamos.

Como a quantidade segue o caminho das maiores facilitações na direção das representações ocupadas (FREUD, 1995[1895], p. 202, nota 410), o pensar terá de contar com uma tensão maior do que aquela encontrada nos componentes vizinhos. Ao mesmo tempo, grandes quantidades internas não podem ocupar vários caminhos de associação sem reservar determinado período para o pensar, portanto, as quantidades devem ser pequenas durante esse processo. Além disso, a atenção, com suas diferentes intensidades poderá provocar aumentos diversos nas Q'n que ocupam os neurônios psi.

2.3.9 O estado ligado do ego e seu papel na caracterização mecânica do pensar

Como uma estrutura neuronal poderia albergar necessidades tão contrárias como uma forte ocupação com um fraco deslocamento? A solução freudiana propõe um “[...] estado ligado no neurônio que, apesar da ocupação elevada, permite apenas uma pequena corrente.” (FREUD, 1995[1895], p. 82). Os neurônios do ego são indicados como portadores de tais características. Estão num estado ligado, apresentam preenchimento constante, facilitações numerosas, mínimas resistências interneuronais além de contarem com as ocupações laterais que são desvios auxiliares com a função de descarregar quantidades inibindo sensações desprazerosas. O

processo do pensar está mecanicamente caracterizado por este estado ligado que associa uma leve corrente de deslocamento a uma forte ocupação neuronal.

O pensar visa a realização de desejos (FREUD, 1995[1895], p. 203, nota 413), portanto, representações correspondentes a determinada percepção poderão se hospedar no complexo neuronal do ego submetendo-se às mesmas Q'n circulantes neste complexo. Ocupações mais fortes poderão ser compensadas com diminuição da corrente circulante. Após a constituição plena do eu, quantidades externas poderão ocupar o caminho ligado estabelecendo união com o objeto de desejo (FREUD, 1995[1895], p. 203, nota 414) desde que não ultrapassem os limites de dor. Para evitar elevações nas correntes de deslocamento, que poderiam romper ligações entre as representações do ego, há expulsão das representações que ultrapassem em quantidade àquela constante presente no eu. (FREUD, 1995[1895], p. 203, nota 415).

2.3.10 O papel do desprazer na educação do ego

Toma-se interessante a explicação de Freud sobre a constituição e o desenvolvimento do ego. Este complexo neuronal é capaz de represar quantidades podendo se manter em nível constante por determinado período. “ Originalmente o ego é nuclear, funcionando como uma válvula para eliminação de quantidades internas com parte delas desembocando em psi do manto. ” (FREUD, 1995[1895], p. 204, nota 420). Este núcleo pode associar-se através da vivência de satisfação, formadora do manto de psi, a uma representação que corresponderá a uma percepção ou imagem de desejo e a uma outra representação correspondente a uma sensação corporal. Esta

segunda representação se relaciona à notícia de movimento e é chamada parte reflexa da ação específica.

Enquanto não for produzido um signo de qualidade por parte de ômega, o ego não poderá ocupar imagens de movimento. Da mesma forma, ocupar a imagem de desejo acima de determinado limite implicará em alucinação. Portanto, o estado de expectativa e repetição do apetite terão responsabilidade na educação do ego primitivo que deverá respeitar as barreiras que irão impedi-lo de ocupar a imagem de desejo e a imagem do movimento a partir de determinado ponto. As barreiras citadas são o fundamento para a acumulação de Q'n no eu (FREUD, 1995[1895], p. 205, nota 425) que lhe dá a possibilidade de diferenciar representação de percepção.

A ocupação do ego obedecerá ao “Princípio de Constância”. Para tanto, psi do núcleo se utiliza das barreiras contra a motilidade e contra investimentos no objeto de desejo, das resistências impostas pelos neurônios mais externos e da pressão contínua de condução provida do interior para sustentar o equilíbrio entre psi e o interior do corpo. Ao mesmo tempo, para que o ego se constitua em memória dos caminhos de descarga é necessário que haja diferenças entre as ocupações em seus diversos pontos obedecendo determinada proporcionalidade com as facilitações.

O ego poderá experimentar um acréscimo em sua superfície de acordo com o incremento na ocupação de seu núcleo até certo limite, a partir do qual a quantidade será transferida para liberação a partir da motilidade. (FREUD, 1995[1895], p. 206, nota 429).

Antes da existência das barreiras de auxílio à manutenção da constância do ego, havia um investimento desinibido nas imagens de desejo e em representações de movimento com conseqüente falta do prazer esperado. *O aprendizado do eu se dá, portanto, no sentido de evitar*

o *desprazer*. Não há por parte do eu ocupação de imagens desiderativas ou representações de movimento sem que haja segurança com vistas a evitar situações desprazerosas.

Diz Freud: “ Tudo o que chamo de uma *aquisição biológica* do sistema nervoso penso em apresentar através dessa *ameaça de desprazer*, cujo efeito consiste em que *não* serão ocupados todos os neurônios que conduzam à liberação de desprazer. A *defesa primária* [] torna-se [] uma conseqüência compreensível da tendência originária do sistema nervoso. O desprazer permanece [] sendo [] o único meio de educação. Como a *defesa primária*, a não ocupação por ameaça de desprazer, é apresentável mecanicamente, é algo que certamente não sei como indicar.” (FREUD, 1995[1895], p. 85).

O estado de expectativa responsável pela educação e desenvolvimento do ego primitivo dirigirá a mobilização das ocupações do ego regulando o mecanismo de atenção para os signos de qualidade, capazes de selecionar dentre as percepções quais delas poderão levar à satisfação.

Freud coloca a possibilidade do mecanismo de atenção ser dispensável e neste caso, o próprio ego, em estado de expectativa, pudesse ocupar tal ou qual percepção sem necessitar da ajuda dos signos de qualidade. Justifica sequencialmente de forma econômica a importância da utilização das descargas de Omega. A quantidade de neurônios Omega é muito menor do que o somatório de psi do manto relacionado aos órgãos sensoriais. O ego, portanto, poupará energia quando utilizar os sinais de descarga preferencialmente no lugar das percepções. Além disso, sinais de qualidade são também sinais de realidade que impedirão investimentos desnecessários em imagens de desejo. A conexão entre representação da palavra e a percepção é estabelecida pela segunda regra biológica, *a regra biológica da atenção*, e está de acordo com o princípio da constância. Já *a primeira regra biológica* obedece ao princípio da inércia, quando a quantidade ultrapassa certo limite ela é eliminada. (FREUD, 1995[1895], p. 208, nota 436).

A quantidade externa presente no mundo independe daquela grandeza interna presente na mente, portanto a quantidade interna controlada pelo ego não tem o poder de alterar a imagem do mundo. A quantidade externa, independente, poderá ser revelada em psi pelo número de trilhas ocupadas. A imagem do mundo externo resultante da ocupação desses caminhos de condução fica, portanto, dependente de facilitações. Pequenas quantidades deslocam-se com maior facilidade em níveis maiores do que nos menores.

O pensar cognitivo ou observador tem como objetivo último integrar as imagens do mundo com as representações de desejo. A quantidade externa se encaminhará para neurônios ocupados pelas notícias de eliminação provindas de ômega. (FREUD, 1995[1895], p. 210, nota 446). Os signos de realidade chamarão a atenção do eu para as percepções que deverão ser ocupadas. A quantidade externa compartilhada associa-se a neurônios previamente ocupados e flui novamente a cada etapa. Surgirão a partir daí os signos lingüísticos que transformarão as associações em algo consciente e passível de reprodução. As associações lingüísticas ligadas às representações do pensar nos darão a consciência do pensamento, “[...] daí a grande importância da representação da palavra no modelo de denotação.” (FREUD, 1995[1895], p. 210, nota 447).

2.3.11 O pensar comum, inconsciente

Quando os signos de realidade não são considerados perceptualmente o aparelho psíquico poderá enfrentar situações desprazerosas. No caso de não serem levados em conta os signos de eliminação lingüísticos ou signos de realidade do pensar não há uma ameaça de desprazer tão manifesta quanto aquela que ocorre quando se ignora o mundo externo. Quando esses signos de qualidade não são utilizados no pensamento terá origem um pensar que não despertou a

consciência ou o faz de forma ocasional, sem estar associado a nenhuma patologia, “[...] é nosso pensar comum, inconsciente.” (FREUD, 1995[1895], p. 88).

A atenção está ligada aos sinais de qualidade para o pensar e tende a torná-lo imparcial. Como o pensar objetiva a realização de desejos, sua atividade pode estar sujeita a alguns erros que poderão ser corrigidos ou apontados numa comparação com associações lingüísticas de outros indivíduos visto que as mesmas são posse comum dos homens. (FREUD, 1995[1895], p. 211, nota 452).

2.3.12 Pensar cognitivo ou teórico X pensar comum ou inconsciente

Embora considerado habitual e não patológico, o pensar comum coloca o ego na função de investigador simples, o que não é usual para esse complexo que, na grande maioria das vezes, conta com ocupações de desejo que no curso associativo buscarão enquadrar-se nesta ou naquela percepção. Quando a atenção se volta para os signos de qualidade que não são representações de desejo, haverá incremento para a quantidade de ocupação e reforço no curso associativo. O pensar daí resultante leva em consideração os signos lingüísticos e denomina-se pensar cognitivo ou teórico.

2.3.13 O pensar teórico dispensando a regra biológica da defesa

A ocupação da atenção é uma circunstância necessária para a excitação dos signos do pensar, estes não têm origem voluntária como ocorre nos signos de realidade sem a intervenção de psi. Originar-se-ão “[...] de neurônios ligados e ocupados onde a condução será favorecida [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 89), “[...] segundo a lei de simultaneidade ou primeira lei de

associação [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 210, nota 456). A vivência de satisfação ou ocupação de meta e a vivência de dor ou ocupação de afeto concorrerão com os signos do pensar. Quando esta ou aquela vivência forem ocupadas teremos como resultado a transformação do pensamento em inconsciente. De outra forma no pensar teórico nenhuma dessas vivências estará em atividade predominando a qualidade consciente das representações. (FREUD, 1995[1895], p. 212, nota 457). Neste caso representações que geram desprazer também poderão ser incorporadas, pois o pensar teórico visa esgotar o objeto do conhecimento. Todos os caminhos de eliminação, portanto, deverão ser percorridos. *Ele é a única forma de pensar que não considera a regra biológica da defesa*. Como diferenciou Freud, o pensamento comum está presente no eu, mas não na consciência, a alucinação da imagem está presente na consciência, mas não no eu e o pensar teórico está presente no eu e na consciência. (FREUD, 1995[1895], p. 219, nota 499).

Da mesma forma que fazem as representações de meta e de afeto, grandes correntes produzirão aceleração no curso do pensar tentando fazer sua retirada do plano consciente. Isso ocorre quando algo acontece com tamanha rapidez que não nos damos conta, dificultando sua interpretação de forma consciente.

A largura da trilha neuronal terá importância na recepção de quantidades sendo constante, inata e independente da resistência presente em cada caminho. Trilhas com calibres maiores, observadas condições de resistência e facilitações semelhantes, terão preferência em relação àquelas que apresentarem menor bitola.

Os signos lingüísticos não são o único caminho para que a consciência seja despertada. Qualquer liberação energética dos neurônios ômega poderá animá-la. A alucinação do objeto de desejo e o processo de defesa ou fuga do objeto hostil poderão, por exemplo, excitar a consciência. Esse despertar de Omega enviará para psi um sinal de realidade. O processo

primário será então finalizado. A imagem visual, organizadora da representação de objeto, ao ser ocupada, também poderá despertar a consciência.

O pensar comum, sem objetivos, não confere valor aos signos do pensar, embora ocupado previamente pela atenção. Representações motoras de fala associadas a imagens acústicas poderão causar interrupções conscientes no processo citado. Elas se originam quando uma resistência se interpõe no caminho por onde seguem as quantidades ou quando uma determinada representação chama para si os signos de qualidade.

Capítulo III – A natureza das representações no pensamento prático

Vamos tratar aqui da natureza das representações no pensamento prático. Antes, porém, achamos oportuno fazer um resgate sumário dos processos secundários ocorrentes graças à ação dos neurônios ψ antes de relacioná-los às representações.

No capítulo II fizemos uma incursão pelos processos ψ normais, essencialmente pelos processos secundários onde o ego, representado por uma massa neuronal de ocupação constante, ou seja, o núcleo de ψ , exerce influência sobre a massa neuronal de ocupação variável representada por ψ do manto.

Para que o ego enquanto estrutura integrante do sistema ψ possa acompanhar as percepções, exercendo influência sobre elas, o processo evolutivo, através de repetidas experiências biológicas, contará com o mecanismo da atenção que tem a finalidade de evitar experiências desprazerosas. Sua ação inclui a sondagem das representações modeladas em ψ do manto e seu direcionamento através de correlações entre os sistemas ω e ψ em termos da carga quantitativa das imagens sensoriais concretas e dos fenômenos do mundo exterior que incidem sobre φ e ψ .

Este mecanismo evita sensações desprazerosas à medida que inibe a catexização das representações do objeto desiderativo antes que surja uma descarga oriunda do sistema ω a partir dos neurônios correlacionados em ψ , o que implica na intervenção de um ego catexizado, porque uma descarga a partir de ψ só ocorre quando o ego está desinvestido.

A atenção psíquica, ocupando os mesmos neurônios portadores dos preenchimentos perceptivos, será responsável por gerar “[...] estados de apetite [...]” que posteriormente se subdividem nos “[...] estados de desejo e expectativa [...]”. A descarga geradora de prazer é adiada até provir da consciência um sinal que autorize sua deflagração. Para Freud os estados de desejo e expectativa justificam biologicamente “[...] todo o pensar [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 76).

O pensar observador se presta a conhecer a quantidade máxima de caminhos percorridos a partir da percepção tentando esgotar “[...] o conhecimento do objeto p[erceptual].” (FREUD, 1995[1895], p. 79). Este tipo de pensamento resulta na criação de maiores facilitações entre as representações. Neste sentido, os caminhos que partem do sistema ω serão conhecidos até serem esgotadas as possibilidades perscrutadoras cogitativas em relação ao objeto perceptivo.

No estado de desejo ou de apetite o signo de realidade proveniente de ω funciona como um marcador impedindo o investimento que poderia levar ao desprazer. No caso do pensamento serão deixados alguns sinais através de neurônios motores que serão responsáveis por descarregar quantidades originando também sinais de realidade. As descargas, todavia, não serão motoras em sua totalidade. A solução freudiana passa por reconhecer neurônios que se referem a neurônios motores. A eles se relacionam neurônios utilizados pelas representações motoras da fala. As associações lingüísticas conectarão ψ do manto às representações da fala de modo que o pensamento representará o nome do objeto para posteriormente representar o objeto e conseqüentemente deixar um sinal lingüístico da realidade do objeto.

No pensar consciente observador haverá um pré-investimento nas representações da fala de forma que quantidades em ψ serão conduzidas para as “[...] representações percorridas inicialmente [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 80). Neste sentido, quando as representações da fala

são descarregadas através dos neurônios das representações motoras da fala haverá produção de um sinal que aponta para a consciência desta representação e torna possível sua recordação. Caso o investimento que origine a representação provenha de α , a imagem sensorial será perceptual. De forma diversa, quando a quantidade que catexizou a representação se origina numa descarga de representação da fala, a imagem sensorial será cogitativa.

Primariamente as associações lingüísticas relacionarão os estados de desejo aos sons emitidos pelo indivíduo, no caso do infante, com vistas à descarga quantitativa. Estes sons poderão também servir para chamar a atenção do outro para os fenômenos internos ocorrentes na criança sem que isto esteja necessariamente revestido de um significado para o indivíduo que os emite.

Haverá uma associação entre a representação do objeto e a representação auditiva por conta da tendência à imitação que está presente no aparelho psíquico. A partir daí, o sujeito passa a se conscientizar dos objetos com os quais contactua. Associa percepções aos sons emitidos para que as recordações referentes às descargas verbais se tornem conscientes da mesma forma que ocorreu com as percepções podendo ser investidas a partir de ψ . A partir da fala o indivíduo reconhece o próprio som, sua relação com os objetos e com o outro. “O som passou a fazer parte da representação do objeto.” (GABBI JUNIOR, 1997, p. 116).

3.1 A natureza das representações no pensamento prático

A partir deste ponto passaremos a discutir a natureza das representações envolvidas no pensamento prático. Para tal utilizaremos as considerações referentes a estes tópicos presentes na parte III do “Projeto”, seção 3.

Conforme dissemos há alguns parágrafos a atenção psíquica ocupando os neurônios perceptivos criará os estados de apetite que se desmembrarão nos estados de desejo e expectativa. A partir do estado de expectativa “[...] no qual se originou o pensar em geral [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 90-91) haverá a retenção de uma ocupação de desejo paralela à perseguição, focada pela atenção, de uma segunda ocupação que emerge da percepção. Dito de maneira mais simples: a partir do estado de expectativa se retém a ocupação de desejo e ao seu lado se persegue, “[...] sob atenção uma segunda ocupação emergente da percepção.” (FREUD, 1995[1895], p. 91).

O propósito da retenção da ocupação de desejo enquanto se persegue, guiado pela atenção, a ocupação de percepção “[...] não é descobrir para onde em geral ela conduz, mas sim os caminhos que conduzem à ativação da ocupação de desejo entrementes retida.” (FREUD, 1995[1895], p. 91).

As $Q\phi$ afluem para os neurônios onde existe melhor facilitação. Dessa forma, existindo uma representação de desejo ocupada e uma percepção a ser perseguida ocorrerá que a ocupação de atenção, partindo da percepção, conduzirá o fluxo de $Q\phi$ para os neurônios onde há melhor facilitação.

As ocupações laterais serão responsáveis por alterar a inclinação das quantidades rumo às facilitações sinalizando quais seriam os melhores atalhos para se encontrar identidade entre a percepção e a imagem do objeto desejado. Como as ocupações laterais colaboram para manter um estado de união entre os neurônios do ego, “ [...] está à discrição do eu modificar o curso desde P até uma ocupação de meta qualquer [...] ” (FREUD, 1995[1895], p. 91) dado que as ocupações são passíveis de modificação.

A ocupação de meta se sobressai em relação ao nível energético encontrado no ego. No pensar com ocupação de meta a Q'n presente nas representações, variável nas superposições imagéticas, poderá influenciar o curso perceptivo. Neste sentido o caminho que conduz à representação ou à imagem do objeto de desejo “[...] é reconhecido e fixado [...]”, é o caminho da vivência de satisfação, enquanto o caminho que conduz à percepção está por ser encontrado e pode ser influenciado pelas representações e “[...] por suas estações posteriores.” (FREUD, 1995[1895], p. 91).

O ego tem freqüentemente inúmeras ocupações de desejo por ele alimentadas simultaneamente, o que torna difícil a idealização de um “[...] puro pensar recognitivo [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 91). Visto que o pensar visa a realização de desejos, é inevitável a busca de um caminho que vai da representação da percepção presente até a representação do objeto de desejo. Se o objeto de desejo se multiplica nas inúmeras ocupações sustentadas pelo ego inviabiliza-se a idéia de um puro pensar recognitivo.

O pensar prático, por sua vez, possibilita que “[...] diferentes pessoas em diferentes épocas, sob diferentes condições [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 92) possam chegar aos mais diversos caminhos, que partem da representação da percepção presente em direção à representação do objeto de desejo.

Os processos primários criam facilitações para as quais se impõem grandes dificuldades de superação. A transposição dessas barreiras se dá graças a um gasto energético, pois, neste caso, boas facilitações serão preteridas em relação a “[...] facilitações piores [...]” , “[...] mas para caminhos mais próximos da ocupação de meta.” O pensar prático, portanto, enfrenta dificuldades para se impor diante dos processos primários. Essas adversidades “[...] são conhecidas a partir da própria sensação”. (FREUD, 1995[1895], p. 92). (Nota 10).

Determinada percepção pode ter uma ligação muito forte com uma ocupação de meta, mas as facilitações podem estar fortemente direcionadas para um foco perceptivo diferente daquele associado à ocupação de meta perseguida.

O forte direcionamento para o foco perceptivo, não relacionado à ocupação de meta, pode ser superado com a modificação da atenção, que deve modular “[...] uma ligação maior ou menor e um nível de corrente mais favorável ao caminho [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 92) que vai da percepção não relacionada à ocupação de meta até a representação.

Sejam b e c focos perceptivos não relacionados à ocupação de meta e seja d um foco perceptivo ligado à “[...] ocupação de meta com a representação de sua consequência [...]”. A corrente de quantidade perceptiva pode fluir rumo ao caminho facilitado em favor de $b \dots c$ enquanto a atração de $d \dots +R$ é “[...] amplamente superada.” (FREUD, 1995[1895], p. 92). O trabalho do pensamento prático está exatamente na superação destes caminhos preferenciais com a implicação de gasto energético e a consequente transposição das facilitações criadas pela vivência primária.

Os signos de qualidade da fala “[...] não são necessariamente indispensáveis [...]” ao pensar prático diferentemente do que ocorre no pensar cognitivo. Embora afirmem e retenham o curso daquele tipo de pensamento, quando há o despertar desses signos o curso se torna lento e complicado. Se o curso perceptivo ligado a ocupações de meta aconteceu de forma repetida geralmente não há possibilidade dos signos de realidade serem despertados. (FREUD, 1995[1895], p. 92).

As imagens de movimento, quando são inervadas completamente, apresentarão parcialmente modificações adequadas na realidade a partir do que entendemos como ação específica. Como “[...] a meta do pensamento é a identidade [...]” entre uma representação (ou ocupação) de desejo e uma ocupação perceptiva, pode-se inferir “[...] em sentido puramente

biológico que com isso cessa a necessidade de pensar, e, em compensação, é permitida a inervação completa das imagens de *movimento*, tocadas pelo caminho, e que elas apresentam, justificadas pelas circunstâncias, um pedaço acessório da *ação específica*.” (FREUD, 1995[1895], p. 92).

O pensar prático deve tornar-se independente da ocupação de imagens de movimento, pois o processo de pensar iniciou-se a partir de uma percepção “[...] que [...] foi perseguida apenas enquanto imagem de re[cordação].” A mesma independência pode ser observada em relação ao “[...] processo de expectativa e da realidade.” (FREUD, 1995[1895], p. 92).

Não é necessário que haja uma legenda para que eu possa apreciar determinadas situações. Um pôr-do-sol, por exemplo. Quão indescritíveis são as sensações que ocorrem à nossa mente nos 15 ou 30 minutos que precedem ou sucedem o crepúsculo. Como transformá-las em palavras? Como traduzir seus matizes?

O pensar prático pode transformar o mesmo pôr-do-sol percebido numa imagem recordativa onde pode haver a perspectiva de um evento onde alguém alheio à minha realidade pode atuar naquela situação. Tudo se passará como se o crepúsculo fosse um cenário, resgatado de uma percepção anterior, onde ocorrerá a cena como que sobreposta a uma recordação agradável.

A representação é o ponto de partida para o pensar prático constituindo-se imagem de recordação perceptiva. Seus resultados podem não levar à ação, mas operam aos moldes de um treinamento para uma necessidade real que pode vir a ocorrer no futuro. Para Freud o pensar prático “[...] resulta em um *conhecimento prático* [...]” do qual se pode lançar mão quando for conveniente. (FREUD, 1995[1895], p. 93).

Os signos de qualidade da fala possibilitam a memória dos processos de pensar deixando atrás de si marcas que se diferenciam em traços de facilitações perceptuais. Essas marcas impedirão que a “[...] *memória da real[idade]* [...]” sofra mudanças a partir do pensar “[...] sobre ela”. (FREUD, 1995[1895], p. 93). Neste sentido comenta Gabbi que o caminho estabelecido pela vivência de satisfação não pode ser alterado pelo processo secundário. (FREUD, 1995[1895], p. 215, nota 475).

Freud considera que uma segunda meditação sofre facilitação em relação a uma primeira e questiona se os “[...] traços significativos [...]” deixados pela primeira meditação somente ocorrem quando há presença dos “[...] signos de qualidade e consciência.” (FREUD, 1995[1895], p. 93). Nos processos de pensamento as associações lingüísticas tomam as meditações conscientes. A partir do momento em que o indivíduo aprende a falar palavras ou as representações da fala associam-se a significados existirá um reforço a partir dos signos de realidade. Neste sentido, o autor afirma que “[...] a memória da real[lidade] não pode ser modificada corretamente por nenhum pensar sobre ela.” (FREUD, 1995[1895], p. 93). Freud pergunta se apenas “[...] o pensar com signos de qualidade e consciência [...]” deixa “[...] atrás de si, para uma próxima meditação, traços extraordinariamente significativos.” Responde, a seguir, que as facilitações do pensar devem existir sem que sejam desperdiçadas “[...] as trilhas originárias de associação.” (FREUD, 1995[1895], p. 93). Neste sentido complementa Gabbi: “[...] que as facilitações do pensar já estão presentes desde a vivência primária [...]” e “[...] também não podem falsificar a realidade.” . (FREUD, 1995[1895], p. 215, nota 478). Como o ego presume acúmulo de determinada quantidade supõe-se que no pensar as facilitações sejam originadas com um nível mais alto de quantidades. (FREUD, 1995[1895], p. 215, nota 475). Comenta Gabbi: “ O processo primário pode causar, no máximo, uma confusão entre recordação e percepção, mas não pode criar lembranças falsas.” (FREUD, 1995[1895], p. 215, nota 480).

As facilitações do pensar existirão sem que, no entanto, os caminhos iniciais associativos sejam desperdiçados. Esses nortes iniciais, denominados no texto do Projeto “[...] trilhas originárias [...]”, referem-se aos caminhos estabelecidos pela vivência de satisfação. (FREUD, 1995[1895], p. 93). Os signos de qualidade no processo de pensar são ultrapassados pela reprodutibilidade dos processos de pensamento. Esses signos tomam-se conscientes posteriormente, entretanto, “[...] o resultado do curso de pensar tenha deixado traços mais freqüentemente do que seus estágios.” (FREUD, 1995[1895], p. 94). A consciência do pensar se dá *a posteriori* sendo dependente dos traços deixados no aparelho psíquico. (FREUD, 1995[1895], p. 216, nota 484).

As facilitações ou caminhos preferenciais de eliminação quantitativa aparecem no processo primário e obedecem ao circuito do desejo da mesma forma que aparecem no processo secundário. No primeiro caso as facilitações associativas voltam a se salientar. É o que ocorre no caso de uma alucinação. No segundo caso as facilitações serão construídas a partir da ação do ego, onde a energia permanece ligada. Diz Freud: “[...] todas as facilitações do pensar têm sido criadas apenas com nível elevado.” (FREUD, 1995[1895], p. 93). (nota 11).

O processo secundário visa a realização de desejos e o processo primário obedece à vivência de satisfação. Ambos se submetem à busca do prazer. Dirá Freud: “[...] não pode ser negada nenhuma influência possível das facilitações do pensar sobre as facilitações associativas.” (FREUD, 1995[1895], p. 93).

As barreiras de contato neuronais possibilitam a retenção de imagens que podem ser acessadas graças à ocorrência das facilitações. O autor comenta: “[...] a memória consiste nas facilitações.” Os caminhos preferenciais para descarga energética não se alteram quando o nível quantitativo se exacerba, porém, existem facilitações que ganham significado “[...] apenas para um determinado nível.” O rumo a ser tomado pelas quantidades inicialmente não se altera por

modificações de nível , mas “[...] pela quantidade de corrente e por ocupações laterais.” (FREUD, 1995[1895], p. 94). Pequenas quantidades deslocar-se-ão prioritariamente em níveis elevados.

O pensar reprodutivo ou *recordativo* pode ser considerado como parte do pensar prático. O pensar crítico necessita do recordar para firmar sua existência. Torna-se óbvio que não é possível criticarmos determinada situação sem recordarmos sua concepção e este movimento é realizado através do pensamento reprodutivo. Os signos de realidade ou de qualidade serão muito importantes para este movimento recordativo onde o processo do pensar será perseguido em direção contrária “[...] até talvez uma percepção [...]”, mas de novo sem objetivo em comparação com o pensar prático”. No caminho inverso, forjado pelo pensar recordativo, poderão ser encontradas conexões interpostas que ainda “[...] não tinham deixado atrás de si nenhum signo de qualidade [...]”, isto é, ainda não tinham se tornado conscientes. (FREUD, 1995[1895], p. 94). (nota 12).

Os signos de qualidade balizarão a saída e o destino do pensamento e o pensar recordativo, partindo do destino orientado por esses sinais de realidade, busca encontrar o ponto de partida presumindo o meio do caminho. Neste sentido, a consciência do pensar dar-se-á após a sua ocorrência e o pensar recordativo parte da representação do objeto de desejo para a representação correlacionada a determinada percepção. Isto fará com que o indivíduo esteja pronto a construir esquemas e planejar ações baseado em como as coisas evoluíram para se chegar a determinado ponto.

O pensar sem signos de qualidade deixa “[...] atrás de si [...]” marcas ou traços que poderão ser compreendidos a partir dos próprios signos de qualidade que balizaram os “[...] pontos de partida e de chegada [...]” no curso do pensamento. (FREUD, 1995[1895], p. 94).

Quando reproduzimos os processos de pensar a consciência tem uma participação mais marcante do que aquela ocorrida nos estágios do pensar. Dirá Freud: “ A reprodutibilidade dos processos de pensar [...] ultrapassa em muito seus signos de qualidade; eles têm de tornar-se conscientes posteriormente.” (FREUD, 1995[1895], p. 94).

No movimento do pensar pode acontecer uma mistura de ocorrências “[...] que merece uma apresentação [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 94). Esta confusão poderá surgir no pensar cognitivo, no pensar examinador ou no pensar prático podendo levar ou a uma incoerência opositiva ou ao desprazer. Dissemos anteriormente que o pensar visa a realização de desejos. Neste sentido como poderá levar ao desprazer? Freud nos sugere examinarmos o pensar prático com ocupações de desejo “[...] que conduz à liberação de desprazer [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 94) para nos ajudar a responder esta questão. O surgimento de desprazer no curso do pensar prático não permite continuidade ao movimento. Recordações envolvidas com produção de desprazer relacionar-se-ão com percepções desprazerosas referentes “[...] a uma vivência de dor [...]” (Freud, 1995[1895], p. 95).

O mecanismo de atenção voltar-se-á para essas percepções de forma intensa, mas processos reativos como afeto e defesa excitarão mais fortemente seus signos de qualidade em relação àqueles associados às percepções.

A percepção relacionada ao desenvolvimento de desprazer e, portanto, a uma vivência de dor, ao ser recordada enquanto imagem, apresenta um enfraquecimento gradativo na capacidade de despertar “[...] tanto afeto como também desprazer.” Neste sentido, conforme as imagens de recordação são repetidas, elas irão perdendo o potencial de impedir o curso do pensar (alucinação) ou de perturbar o caminho a ser percorrido (afeto). (nota 16). Quando essas imagens perdem a capacidade de gerar afeto cessarão também, as suas propriedades de qualidades sensíveis. Diz Freud: “[...] quando elas não são mais capazes de afeto, elas também perdem isso e

tornam-se semelhantes a outras imagens recordativas.” Essas imagens recordativas, todavia, poderão no curso do pensar originar “[...] signos de qualidade, freqüentemente do tipo sensorio [...],” sensações desprazerosas e tendências à descarga que ajustadas assinalam determinado afeto levando à descontinuação do pensamento. (FREUD, 1995[1895], p. 95).

Vimos anteriormente que as facilitações surgem a partir da exploração repetitiva de uma quantidade através de um caminho neuronal que ocorre em determinado período de tempo. No caso da repetição das “[...] recordações capazes de afeto [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 95) o tempo não pode ser considerado como algo que resulte por si só na diminuição da capacidade de evocar a repetição da vivência de dor. Gabbi considera o tempo como uma dimensão na qual o fenômeno se desenvolve e não uma variável do mesmo. (FREUD, 1995[1895], p. 217, nota 488). Freud considera o tempo como algo onde passam as recordações capazes de afeto com suas repetições levando a uma diminuição progressiva de sua efetividade. O tempo terá maior relevância quando há “[...] uma referência ao eu ou ao poder que as ocupações do eu obtenham sobre a recordação.” (FREUD, 1995[1895], p. 95). (nota 13).

As recordações com capacidade de afeto, também denominadas pelo autor como “[...] traços de vivência de dor [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 95), dependendo de sua origem perceptiva poderão ser ocupadas a partir de $Q\phi$ maiores ou menores, podendo adquirir facilitações proporcionais “[...] para liberação de desprazer e afeto”. (FREUD, 1995[1895], p. 95-96). O ego precisará de um tempo maior ou menor e uma ligação interna proporcional para equilibrar “[...] essa facilitação para o desprazer”. (FREUD, 1995[1895], p. 96). Neste sentido as ocupações laterais serão disponibilizadas pelo “eu” com intensidade variável relacionada à atividade recordativa estimulada pela vivência de dor.

Laplanche considera o ego, do ponto de vista econômico como um fator de “[...]ligação dos processos psíquicos”. Argumenta que “[...] nas operações defensivas, as tentativas de ligação da energia pulsional são contaminadas pelas características que especificam o processo primário [...]” assumindo “[...] um aspecto compulsivo, repetitivo, desreal.” (LAPLANCHE, 1991, p. 124). Essas características citadas por Freud como “capacidade alucinatória” e “capacidade de afeto” serão indicadores “[...] de que a ocupação do eu ainda não tinha nenhuma influência sobre a recordação [...]”, isto é, não era capaz de superar “[...] as direções primárias do fluxo e o processo completo ou primário.” (FREUD, 1995[1895], p. 96). Essa falta de preponderância do ego sobre as recordações resultará na objetivação de uma impressão subjetiva muito forte na ausência do objeto real, portanto, sem correlatos com a realidade (alucinação) ou em estados penosos ou desagradáveis que resultam da variação da energia pulsional (afetos).

Na alucinação a quantidade caminha de forma retrógrada de ψ para ϕ . O neurônio ω interpreta a quantidade como originária do meio externo, tomando-a como uma percepção e não como uma recordação. Freud considera que “[...] não caberia para um neurônio ligado tal corrente em retrogradação.” (FREUD, 1995[1895], p. 96). O ego, como um conjunto de neurônios ψ ligados, com seus recursos inibitórios teria o papel de inibir alucinações e afetos mas nem sempre alcança sucesso em suas tentativas principalmente quando não está completamente formado.

Grandes quantidades são mobilizadas em vivências reais de dor. Freud questiona “[...] se é a quantidade de ocupação supergrande de recordação [...]” a responsável pela “[...] corrente em retrogradação [...]” de ψ para ϕ . Considera, a seguir, que nas repetições das vivências de dor, as quantidades envolvidas são menores do que aquelas mobilizadas nas vivências efetivas de dor. Mas as facilitações que a vivência de dor deixou seriam tão poderosas que poderiam substituir as

quantidades. Elas são fortes o suficiente para produzirem “[...] alucinação e desprazer .” O autor afirma a seguir: “[...] só podemos supor que [...]” isso ocorra “[...] devido a uma facilitação incomumente forte.” (FREUD, 1995[1895], p. 96).

Comenta Freud, na Seção 3 da Parte 1 (“As Barreiras de Contato”), que a facilitação dos neurônios ψ é dependente “[...] da Q’ n que no processo excitativo flui através do neurônio e do número de repetições do processo.” E complementa dizendo que: “ Nesta dependência Q’n revela-se, portanto, como o momento eficiente, a *quantidade*, como êxito da Q’n, a *facilitação*, que é ao mesmo tempo a que pode substituir a Q’n.” (FREUD, 1995[1895], p. 14). Os efeitos da memória se relacionam com a quantidade envolvida e com a facilitação alcançada que determinarão os caminhos de eliminação. “As vivências mais significativas são as que fixam de forma decisiva os caminhos eliminatórios.” (FREUD, 1995[1895], p. 119, nota 32).

Sumariamente poderíamos dizer que vivências reais de dor mobilizam grandes quantidades energéticas; sua recordação, sendo produtora de desprazer poderá ser encaminhada para caminhos preferenciais de descarga. A quantidade perceptiva é suficiente para alimentar a corrente retrógrada ψ para ϕ e para “[...] excitação de descarga [...]”, ou seja, para sustentar alucinações ou estados afetivos penosos e desagradáveis. “[...] É aí que o efeito inibitório da ligação do eu ganha importância [...]” (FREUD, 1995[1895], p. 96), ou seja, o ego, com seus neurônios ligados será importante no sentido de impedir a ocorrência dos processos primários citados anteriormente.

Quando a recordação de dor for ocupada de forma a não ser capaz de produzir alucinações ou tampouco grandes quantidades de desprazer ela estará sob o jugo do ego. O texto de Freud nos diz que a recordação dolorosa foi “domada” por uma forte “[...] facilitação de pensar [...]” com resultado duradouro, ou seja, o processo secundário se impôs de forma a manter

“[...] esse efeito permanente.” (FREUD, 1995[1895], p. 96). O efeito inibidor se renova a cada repetição da recordação da vivência de dor. O caminho utilizado para a descarga desprazerosa, ligado à representação da vivência de dor, será cada vez menos utilizado e seu “desuso” implicará no aumento da resistência à passagem de quantidades e ao enfraquecimento das facilidades.

A sujeição da recordação dolorosa ao processo secundário implica em efeitos duradouros no curso do pensar. A recordação penosa que outrora era capaz de alterar o movimento do pensar despertando desprazer, agora subjugada, manifestará “[...] seu traço de desprazer.” Isto resulta curioso: se está subjugado, por que produz um “traço de desprazer”? Vejamos o raciocínio de Freud. O pensar prático utilizar-se-á da inclinação desprazerosa como uma conexão medianeira que conduz ao desprazer e deve, portanto, ser evitada. A recordação de dor, embora domada, apresentará uma tendência de conduzir ao desprazer e este caminho deve ser evitado por não apresentar “[...] identidade com a ocupação de desejo.” (FREUD, 1995[1895], p. 97). A “[...] *defesa de pensar primária* [...]” será responsável por guiar “[...] a ocupação de atenção para *outro lugar* [...]” e se utiliza do desprazer liberado como balizador indicando o caminho que não deve ser seguido pois não poderá conduzir ao objeto de desejo. (FREUD, 1995[1895], p. 97).

A primeira regra biológica nos diz que toda vez que a possibilidade de uma imagem de movimento e de desejo, que conduziria ao desprazer, acene com sua aparição, esta imagem deverá ser evitada. E isto obedecendo ao “Princípio de Inércia Neuronal”.

Baseando-se nas considerações vertidas por Milidoni, podemos dizer que aqui Freud é ambíguo; há uma defesa primária na Parte 1, p. 36, sobre a qual o autor dirá: “ Mais difícil de explicar é a *defesa primária* ou *repressão*, o fato de que uma imagem recordativa hostil, tão logo quanto for possível, seja sempre abandonada pela ocupação.” (FREUD, 1995[1895], p. 36). A defesa primária funciona na Parte 1 de forma maquinal como acabamos de descrever. Já na Parte

3, a regra da defesa biológica se bem também chamada de primária, funciona no sentido de “evitar” uma imagem recordativa desprazerosa. Dirá também: “É a *defesa primária*, uma consequência compreensível da tendência originária do sistema nervoso. O desprazer permanece o único meio de educação.” Esclarece não saber: “[...] Como a *defesa primária*, a não ocupação por ameaça de desprazer, é apresentável mecanicamente [...]”.(FREUD, 1995[1895], p. 85).

Na Parte 1 o mecanismo é de “fuga” enquanto que na Parte 3 o mecanismo é de “evitação”. Acreditamos que Freud classifique de primárias as duas por estarem, em ultimíssima instância, em conformidade com o “Princípio de Inércia Neurônica”.

Freud considera que na defesa de pensar primária “[...] o desprazer conduz a corrente de Q’n [...]” em conformidade com a “[...] primeira regra biológica”. O autor questiona a seguir sobre o porquê da defesa de pensar não se dirigir contra a recordação ainda capaz de afeto. Responde na seqüência que “[...] a segunda regra biológica levantou-se contra ela.” (FREUD, 1995[1895], p. 97). A segunda regra biológica, obedecendo ao princípio da constância, busca um caminho onde a percepção presente possa se ligar à representação do objeto de desejo. O ego busca este caminho guiado pelos signos de realidade. A recordação da vivência de dor produtora de alucinações apresenta-se desvinculada dos signos de realidade e o mecanismo de atenção não terá, dessa forma, onde se ancorar para exercer suas funções. O princípio da inércia e o princípio da constância estarão de acordo desde que haja conveniência. Dirá Freud: “Vê-se que ambas as regras estão de acordo enquanto {são} oportunas.” (FREUD, 1995[1895], p. 97).

O pensar teórico dispensa a regra biológica da defesa tão importante para o pensamento prático. Enquanto no “[...] pensar de meta [...]” caminhos que possam levar ao desprazer devem ser evitados, no pensar teórico não há restrições à ocupação dos caminhos de eliminação. Neste

sentido, representações desprazerosas ou geradoras de desprazer poderão ser animadas, pois, seu objetivo é esgotar o conhecimento sobre o objeto. (FREUD, 1995[1895], p. 97).

A idéia de representação foi exaustivamente explorada nos parágrafos anteriores sendo classificada como o ponto de partida para o pensar prático, constituindo-se numa imagem de recordação perceptiva. No caso do pensar reprodutivo ou recordativo, considerado como parte integrante do pensar prático, a representação foi tratada enquanto recordação imagética.

Representações envolvidas com produção de desprazer relacionar-se-ão com percepções desprazerosas referentes a uma vivência de dor. Pode ocorrer que o pensar conduza ao desprazer. Como o pensar é uma maneira de realizar desejo, a ocorrência do desprazer é um sinal de que houve interrupção no curso do pensar. (FREUD, 1995[1895], p. 216 – 217, nota 485). Neste caso, um processo primário, por exemplo, a alucinação, tomará o lugar do processo secundário que estava em curso.

De outro modo, poderá haver apenas uma perturbação no caminho a ser percorrido pelo pensar como ocorre no afeto, considerado por Laplanche como “[...] a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.” O próprio Freud considera que “[...] toda a pulsão se exprime em dois registros, o do afeto e da representação.” (LAPLANCHE, 1991, p. 9).

Recordações de dor poderão ser ocupadas de forma a não serem capazes de produzir alucinações ou grandes quantidades de desprazer. O ego terá papel importante no impedimento da ocorrência dos processos primários. A representação da vivência dolorosa capaz de alterar o curso secundário será subjugada por um estado ligado de ψ que associado às ocupações laterais detém um poder inibitório considerável.

Para o pensamento prático será importante que haja uma identificação “[...] entre uma representação de desejo e uma percepção do objeto desejado [...]”, (MILIDONI, 1997, p. 224)

pois ele serve aos interesses vitais devendo obediência ao “Princípio do Prazer”. Representações ligadas ao desprazer ou aquelas que apresentem possibilidade potencial de levar a um desequilíbrio que venha a colocar em risco a integridade e a constância do indivíduo biopsicológico deverão ser evitadas. Neste sentido, o pensamento prático não dispensa a regra biológica da defesa que tem por finalidade reduzir ou suprimir qualquer modificação suscetível de por em perigo a integridade e a constância do sujeito. Para Laplanche o ego “[...] encarna esta constância e procura mantê-la [...]” podendo “[...] ser descrito como o que está em jogo nessas operações “[...] sendo o agente delas [...].” (LAPLANCHE, 1991, p. 107).

Essas operações serão dispensáveis para o pensar teórico onde não haverá restrições aos caminhos de eliminação. Neste subtipo cogitativo representações que possam vir a gerar desprazer poderão ser animadas, pois sua finalidade é esvaziar o conhecimento sobre o objeto, diferentemente daquilo que ocorre no pensar de meta onde é tão importante a obediência do princípio da constância e a consequente evitação dos caminhos que possam levar ao desprazer.

3.2 A representação em Brentano

Nas oito páginas que se seguem faremos algumas considerações sobre as representações em Brentano. Justificamos a escolha deste autor, pois, de acordo com Milidoni, é nele que se funda a teoria da natureza das representações em Freud. A grande descoberta freudiana, que será objeto de nosso estudo no item 3.3 desta dissertação, é complementar de representações enquanto imagens por traços de memória.

Garcia Roza, em sua obra: *O mal radical em Freud* considera que Freud sustenta desde o princípio a idéia de que o inconsciente seja formado por representações (Vorstellungen).

(GARCIA - ROZA, 1990, p. 112). Embora este termo pareça ter sido criado por Freud, seu uso é bem mais vetusto estando presente em momentos filosóficos que antecederam os progressos freudianos em relação ao seu significado. A idéia de representação é retomada por Freud a partir de Franz Brentano que em sua obra: *Psychology from an Empirical Standpoint*, publicada em 1874 (com o título original: *Psychologie vom empirischen Standpunkte*, na cidade de Leipzig) procura caracterizar os fenômenos psíquicos de forma “não experimental” e “não fisiológica” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 113). Esta qualificação propositadamente vai de encontro às idéias de Wilhelm Wundt, contemporâneo de Brentano, que publica os *Elementos de psicologia fisiológica* no mesmo ano, em defesa da psicologia experimental há pouco surgida na Universidade de Leipzig.

A caracterização dos fenômenos psíquicos inquietava tanto Brentano quanto Freud. Para fundamentar sua obra Brentano defenderá uma psicologia que se constrói a partir dos dados da experiência individual, presentes na consciência (nota 14), considerada pelo autor como um local privilegiado para o psiquismo. Anti-reducionista (nota 15), numa concepção filosófica mais recente, sustenta a idéia de que fenômenos psíquicos são “[...] essencialmente distintos [...]” dos fenômenos físicos divergindo dos pressupostos defendidos por Wundt e seus adeptos. Neste sentido admitirá aproximações entre “[...] o físico-químico e o fisiológico [...]” rechaçando reduções “[...] entre o psicológico e o fisiológico.” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 113).

O fenômeno psíquico, segundo Brentano, é dotado de algumas peculiaridades indispensáveis que inexistem no fenômeno físico. Dirá Brentano:

O que caracteriza todo fenômeno psíquico, é o que os escolásticos da Idade Média chamaram de *presença in-tencional* (ou ainda mental) e que nós podemos chamar – usando expressões que não excluem o equívoco verbal – de *relação a um conteúdo*, *direção a um objeto* (que não precisa ser entendido como real) ou *objetividade imanente*. Todo o fenômeno psíquico contém em si mesmo qualquer coisa a título de objeto, mas cada um à sua maneira. Na representação (*Vorstellung*) é alguma coisa que é representada, no juízo, alguma coisa que é admitida ou rejeitada, no amor, alguma coisa que é amada, no ódio, alguma coisa que é odiada, no desejo, alguma coisa que é desejada, e assim por diante. Essa presença intencional pertence exclusivamente aos fenômenos psíquicos. Nenhum fenômeno físico apresenta algo de semelhante. Podemos definir os fenômenos psíquicos como fenômenos que contém intencionalmente um objeto. {(Brentano, F., *Psychologie du point de vue empirique*, p. 102) citado por (GARCIA - ROZA, 1990, p. 114)}

3.2.1 A presença intencional em Brentano

A presença intencional é algo que dará distinção ao fenômeno psíquico. Através dela aquilo que está sujeito à ação dos nossos sentidos se relaciona a um conteúdo ou se dirige a um objeto (que não precisa ser entendido como real). Brentano considera essa direção a um objeto, ou objetividade imanente, como algo que pode ser determinado dentro da experiência possível, residindo ou persistindo em si mesmo e não sendo resultante da ação exterior. Os fenômenos psíquicos albergam referências ao objeto, mas de uma forma particular. Parafraseando Brentano podemos dizer que “[...] os fenômenos psíquicos [] contém intencionalmente um objeto.” A representação, portanto, dirigir-se-á ao objeto enquanto algo que é representado sendo resultado de uma relação a determinado conteúdo. De forma semelhante “no juízo” a presença intencional se refere a “[...] alguma coisa que é admitida ou rejeitada, no amor, alguma coisa que é amada, no

ódio, alguma coisa que é odiada, no desejo, alguma coisa que é desejada, e assim por diante.” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 114).

3.2.2 A influência aristotélica

Remetendo-nos a Aristóteles conseguiremos entender melhor as origens da concepção brentaniana sobre a referência intencional. Em seu tratado *De anima* o autor considera que o objeto percebido fará parte do espírito (portanto, da mente) de forma não material. Assim “[...] o objeto está no intelecto pensante.” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 114). A teoria aristotélica da percepção considera que na alma (ou seja, na mente) está localizada a forma mas não a matéria do objeto percebido. Quando penso num gato, na minha mente aparecerá um molde, diferente do gato enquanto um animal materialmente presente. O gato presente em meu pensamento não é um objeto material, mas aquilo que faz o objeto se parecer com alguma coisa. O objeto intencional em Brentano relaciona-se à forma, não à matéria.

3.2.3 Os escolásticos e a noção de *in existentia* intencional

Os escolásticos, na Idade Média, denominaram esse aprisionamento do objeto no intelecto pensante de *in existentia* intencional. O prefixo *in*, utilizado neste caso, refere-se a estar em, distanciando-se do significado de negação como pode aparentar.

A intencionalidade conecta a consciência a determinado objeto que pode existir ou não em si mesmo. Uma fada ou um gnomo podem fazer parte de minha consciência enquanto objetos de forma semelhante ao que ocorre com o meu cão que participa diariamente do meu convívio real. Meu cão, enquanto um animal doméstico, pode também habitar minha consciência enquanto objeto. Posso me lembrar dele no meu local de trabalho descrevendo-o para um colega que tem outro cão e me disse algo sobre ele numa conversa informal, por exemplo. O cachorro existe em si mesmo enquanto a fada e o gnomo não possuem existência, pelo menos comprovada, mas as três entidades poderão habitar minha consciência.

Para Brentano “[...] todo ato psíquico ou é uma representação ou está fundado numa representação.” Juntamente com os juízos e as emoções que incluem amor e ódio, as representações seriam um dos três modos de presença intencional. Elas compreenderiam “[...] tanto um pensamento como uma idéia ou uma imagem.” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 115). O autor considera a consciência como sinônima de ato psíquico ou de fenômeno psíquico. Para ele não podemos, no limite de nosso conhecimento conseguido através da prática, ter representações inconscientes. Concorde, no entanto, que podemos tirar conclusões partindo dos atos experienciais daquilo que a experiência não é capaz de nos proporcionar de maneira direta. Sua negativa com relação à existência das representações inconscientes parece não se referir à negação do inconsciente como um “[...] lugar psíquico [...]” particular, entendido posteriormente

por Freud como um sistema que possui conteúdos, mecanismos e, talvez, uma “energia” específica. (LAPLANCHE, 1991, p. 236). O que Brentano rejeita em sua obra são as desfigurações criadas por Helmholtz, Hartman e Wundt decorrentes da adaptação de conceitos fisiológicos a fenômenos psicológicos.

3.2.4 Contribuições de Brentano para a obra freudiana

Não é tarefa fácil determinar a extensão da influência dos trabalhos de Brentano sobre a obra de Freud. Milidoni comenta sobre Freud ter frequentado os cursos de filosofia ministrados por Brentano entre os anos de 1873 a 1876, “[...] cuja psicologia se apoiava no pensamento de Herbart.” (MILIDONI, 1993, p. 305). A autora analisa o tema desenvolvido por Assoun em sua obra: “Introduction à L’epistemologie freudienne”. A psicologia herbartiana para Assoun se baseia na premissa de que “[...] todos os fatos psíquicos, sem exceção, são representações.” Essas representações não são consideradas por Herbart como propriedades do psiquismo que se apresenta como “[...] composto por representações”. Assoun valoriza na obra de Herbart a idéia de apresentar certa “[...] dinâmica quantificável [...]” em termos de psiquismo. Seu significado repousa no surgimento das forças que emergem da oposição entre representações que podem ser quantificáveis. Neste sentido as afeições seriam fruto “[...] de uma relação de forças entre diversas representações.” (MILIDONI, 1993, p. 306).

Assoun considera que a vida psíquica para Freud assume um “[...] caráter prioritariamente representacional”. O afeto, como um segundo elemento da vida psíquica é considerado como

“[...] um certo ‘quantum’ de representação”. Em toda a obra de Freud estará presente a idéia de que os fenômenos psíquicos podem ser explicados através dos componentes representação e afeto; Esses pressupostos filosóficos retidos por Freud “[...] provavelmente [...]” derivam “[...] do filósofo vienense Franz Brentano”. (MILIDONI, 1993, p. 306).

Brentano considera que os fenômenos psíquicos apresentam algumas particularidades em relação aos fenômenos físicos. Dentre elas poderíamos citar a “objetividade imanente” que é a capacidade que possui o mental “[...] de referência a um conteúdo [...]” ou de “[...] direção a um objeto (que não é preciso entender como algo real)”. Uma outra característica é a percepção exclusiva pela “[...] consciência interna [...]”, “[...] enquanto fenômenos físicos o são apenas por uma percepção externa”. Brentano considera que “[...] a percepção interna [...]” apresenta um “[...] caráter distintivo e exclusivo [...]”, “[...] a evidência imediata”. Neste sentido Milidoni considera que fenômenos que são objeto de estudo da física “[...] não têm existência verdadeira e efetiva [...]”, “[...] eles constituem os sinais de uma realidade efetiva cuja ação produz sua representação”. (MILIDONI, 1993, p. 307).

O próprio termo representação em Brentano refere-se ao “[...] ato mesmo de representar [...]” e não àquilo que é representado. Dirá Milidoni: “ E ‘representar’ ou ‘ser representado’ é sinônimo de ‘aparecer’.” (MILIDONI, 1993, p. 307). Este aparecer se dá na consciência, pois, “[...] não existe fenômeno psíquico que não seja fenômeno da consciência de um objeto.” (MILIDONI, 1993, p. 308).

Monzani considera que, do ponto de vista psicanalítico, representação e afeto estão como que soldados ou fundidos um ao outro e “[...] passíveis de se dissociarem e tomarem rumos distintos.” Havendo “[...] a dissociação entre representação e afeto [...]”, “[...] a trajetória deste afeto nem sempre acabará numa ligação com uma representação”. No puro ataque de angústia,

por exemplo, segundo o autor, o afeto mostra sua principal característica revelando-se como um “quantum energético”. (MILIDONI, 1993, p. 308).

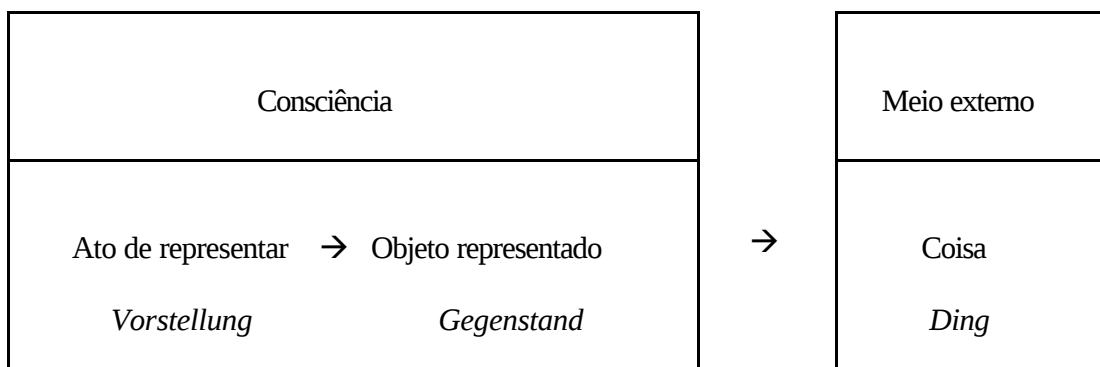
Em *O chiste e sua relação com o inconsciente* Freud considera “[...] os enigmas de Brentano [...] numa longa nota de rodapé.” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 117). Freud frequentou cursos presididos por Brentano durante dois anos na Universidade de Viena e a noção de representação (*Vorstellung*) tal qual é concebida pelo psicólogo e filósofo austríaco pode ter colaborado para a construção das teorias psicanalíticas desenvolvidas por Freud.

3.2.5 O ato de representar e o objeto representado

A representação em Brentano se refere ao ato de representar e não ao objeto representado. Dessa forma o ato psíquico de representar pode ser considerado, juntamente com o juízo e as emoções como uma disposição para a referência intencional, ou seja, para a *in existência* intencional. Dessa forma o ato de representar traz consigo a tendência de relação a um conteúdo ou a predisposição ou arranjo para a direção a um objeto (que não precisa ser entendido como real).

Todo o ato psíquico tem relação com algum objeto ou a ele corresponde. O objeto externo, portador de existência em si mesmo, denominado por Brentano coisa ou “*Ding*” não pode ser confundido com o objeto representado intitulado coisa representada ou “*Gegenstand*”. A representação, ou seja, “[...] o ato pelo qual o objeto se faz presente na mente [...]” ou a “[...] presença intencional [...]” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 118) será denominada por Brentano “*Vorstellung*”. A “*Vorstellung*” ou o ato de representar e a “*Gegenstand*” ou a coisa

representada estarão presentes na mente, ou seja, na consciência enquanto a ‘*Ding*’ ou a coisa estará presente no mundo externo.



(Adaptado de GARCIA - ROZA, 1990, p. 119)

O fenômeno psíquico repousa na representação e todo o fenômeno mental inclui dentro de si algo a título de objeto que é sinônimo de conteúdo. A referência intencional ou mental da consciência pode ser chamada de objeto interno; ela contém em si algo de conteúdo de objeto. Isto diferencia os fenômenos psíquicos dos fenômenos físicos.

A percepção se refere à captação das impressões do mundo exterior através dos órgãos dos sentidos. Não haverá “[...] percepção sem objeto percebido e vice-versa.” O ato de representar (*Vorstellung*) e o objeto representado (*Gegenstand*) apresentam relação de dependência mas “[...] ambos independem da existência real das coisas (*Dingen*) às quais eles se referem.” Dessa forma o sentido de uma *Vorstellung* deriva “[...] da relação que ela mantém com as outras *Vorstellungen* [...]” e não decorre “[...] da coisa (*Ding*) à qual ela supostamente se refere.” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 119).

Para Garcia o fato da *Vorstellung* não se caracterizar como uma simples “[...] reprodução do objeto externo [...]” possibilitará “[...] a passagem do psicológico para o lógico, fazendo com que as *Vorstellungen* se estruturem como uma linguagem.” (GARCIA - ROZA, 1990, p. 119).

Na tentativa de sintetizar as idéias defendidas por Brentano referentes à intencionalidade poderíamos afirmar que o autor defende a construção de uma psicologia a partir dos dados da experiência individual presentes na consciência considerada um local singular para o psiquismo. Sustenta o partido de que os fenômenos psíquicos diferem dos fenômenos físicos rejeitando reduções entre ambos. Considera a presença intencional como uma característica distintiva do fenômeno psíquico em relação aos outros fenômenos. A intencionalidade para Brentano se refere à relação com determinado conteúdo ou um direcionamento para determinado objeto. Este direcionamento denominado pelo autor de objetividade imanente não depende da ação exterior e persiste em si mesmo podendo ser demonstrado na experiência possível. A intencionalidade fará a ligação entre a consciência e um determinado objeto que pode existir ou não em si mesmo.

Declaradamente representacionista, Brentano sustenta a idéia de que os atos psíquicos estão fundamentados nas representações definidas como um tipo de presença intencional compreendendo pensamentos, idéias ou imagens. Considera o ato psíquico de representar como uma disposição para a presença intencional trazendo consigo, portanto, a tendência de relação a determinado conteúdo ou o arranjo direcionador a determinado objeto que não necessita ser real.

3.3 As representações em Freud. Traço ou imagem?

Nos parágrafos seguintes faremos algumas considerações sobre o significado do termo representação em Freud. Trataremos do que aparece, segundo Milidoni, como identidade

metafórica entre neurônio e representação funcionando como base para a construção dos sistemas mnésicos responsáveis pelo registro de traços deixados por ações anteriores na substância viva.

Na parte I do Projeto, seção 3, denominada “As Barreiras de Contato”, Freud coloca que “[...] uma característica principal do tecido nervoso é a memória, isto é, [...] a capacidade de ser alterado permanentemente por processos únicos, [...]” oferecendo “[...] um contraste acentuado com um comportamento de uma matéria que deixa passar um movimento ondulatório e a seguir retorna ao estado inicial.” Esses neurônios apesar de serem “influenciados” guardam a capacidade de se manter “inalterados”, “imparciais”. (FREUD, 1995[1895], p. 12-13). A “teoria das barreiras de contato” classificará os neurônios em: 1) permeáveis ou neurônios ϕ , “[...] que deixam passar $Q'n$ como se não tivessem barreira de contato [...]” e retornam ao estado inicial após cada curso excitativo e 2) impermeáveis ou neurônios ψ cujas barreiras de contato “[...] deixam passar $Q'n$ com dificuldade ou só parcialmente.” Estes neurônios poderão, “[...] após cada excitação”, estar num estado diferente do inicial possibilitando a apresentação da memória. (FREUD, 1995[1895], p. 13).

Os neurônios ψ são “[...] permanentemente modificados pelo curso excitativo.” As barreiras de contato, no processo de aprendizagem podem tornar-se “[...] mais capazes de condução, menos impermeáveis, ou seja, mais semelhantes às do sistema ϕ .” Este estado será descrito como “[...] grau de *facilitação*.” (FREUD, 1995[1895], p. 14). Parafraseando Freud: “[...] a memória está apresentada pelas *facilitações existentes entre os neurônios y* .” (FREUD, 1995[1895], p. 14), ou melhor, pelas diferenças nas facilitações entre esses neurônios.

A facilitação dos neurônios ψ dependerá da “[...] grandeza da impressão [...]” e da frequência de repetição dessa mesma impressão. Isto quer dizer que a memória, enquanto “[...] o

poder de efetividade contínua de uma vivência [...]” é dependente da Q’n que passa através do neurônio “[...] e do número de repetições do processo.” (FREUD, 1995[1895], p. 14).

Neurônio e quantidade são parte do conhecimento elementar do modelo do aparelho psíquico de Freud. Laplanche considera o neurônio como o correspondente da representação e a quantidade equivalente “[...] ao elemento último do afeto.” A pesquisa clínica das neuroses revela que a representação e o afeto guardam interdependência, um em relação ao outro. O autor considera que o símbolo, ou seja, a representação, é capaz de receber determinada quantidade de afeto enquanto o simbolizado poderá ser totalmente desinvestido tornando-se “inacessível” ou “recalcado”. (LAPLANCHE, 1995, p. 62).

O esquema “fiscalista” do aparelho neurônico de Freud é alimentado, segundo Laplanche, por estes dois termos: neurônio e quantidade. Como o neurônio encontra seu equivalente no termo representação Freud denomina sistema mnésico ou sistema de memória ou de recordações ao “[...] encadeamento de bifurcações neurônicas sucessivas que conta com uma característica marcante: *nada de qualitativo nele se inscreve diretamente.*” (LAPLANCHE, 1995, p. 62). Considera o sistema mnésico como “[...] uma montagem suscetível de registrar [] engramas [...]”, ou seja, traços deixados por ações anteriores na substância viva. Esses engramas, na visão de Laplanche, não são, em absoluto, semelhantes a uma “imagem” ou a um “analogon” do objeto percebido. “Toda a originalidade de uma determinada inscrição engramática reside unicamente na especificidade das vias seguidas pela quantidade circulante.” (LAPLANCHE, 1995, p. 62).

O traço mnésico poderá ser considerado como “[...] um arranjo especial de facilitações, de forma que determinado caminho é aproveitado de preferência a outro.” (LAPLANCHE, 1991, p. 514). Essa expressão é utilizada por Freud para determinar o modo como os acontecimentos são

inscritos na memória. Esses traços são armazenados em diferentes sistemas; “[...] subsistem de forma permanente mas só são reativados depois de investidos.” (LAPLANCHE, 1991, p. 512).

A estrutura do sistema mnésico e a sequência de opções de acordo com as bifurcações seriadas, influenciada pelas barreiras ou pelas facilitações interpostas após cada bifurcação favorecerão reativações muito diversificadas após cada investimento. Essa característica aproxima o aparelho mnésico do modelo eletrônico utilizado na construção das máquinas cibernéticas que têm em sua base de construção “[...] o princípio das oposições binárias [...]” (LAPLANCHE, 1995, p. 62).

Quando Laplanche trata o sistema mnésico como estrutura capaz de gravar traços deixados por ações anteriores na substância viva afastando a semelhança dos engramas com imagens ou “fotografias” do objeto percebido, deixa de considerar a ocupação neuronal que corresponde à percepção de um objeto, ocorrida com o cancelamento do estímulo emanado do interior do organismo pela realização da ação específica, por exemplo. Quando se realiza a ação específica existirá uma exclusão duradoura da carga energética presente em ψ , percebida como fim do desprazer em ω e que contamina ψ do manto pela notícia de descarga energética. Esta notícia dá lugar a uma ocupação no neurônio que corresponde à percepção de um objeto. A partir daí existirá uma facilitação entre ψ do núcleo e a ocupação citada. (p. 23 desta dissertação). No caso de reaparecer o estado de desejo imagens recordativas poderão ser ocupadas e animadas podendo haver uma tendência de se repetir o mesmo caminho utilizado na vivência de satisfação anterior.

Milidoni faz algumas considerações sobre o estatuto do psicológico no “Projeto” freudiano iniciando por uma caracterização dos componentes básicos do modelo mental apontando seu princípio operacional. Neste sentido entende à luz do “Projeto” que os processos

psíquicos são “[...] estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificadas como neurônios [...]”, e que “[...] esses processos terão nesses estados meros veículos de exibição.” As funções de sensação, memória e percepção-consciência correlacionam-se aos sistemas ϕ , ψ e ω respectivamente. (MILIDONI, 1994, p. 153).

Por este sistema passará determinada quantidade e ele será denominado de aparelho. (MILIDONI, 1994, p. 153). Neurônios e quantidades são as “entidades” que integram o domínio do modelo, as segundas determinando os diversos estados dos primeiros. Segue considerando a “[...] excitação neuronal [...]” como “[...] quantidade em estado fluente [...]” considerando que a concepção quantitativa “[...] deriva-se de observações clínico-patológicas.” (MILIDONI, 1994, p. 155).

Ao conceber “[...] excitação neuronal como quantidade em estado fluente [...]”, Milidoni sugere que haja uma transposição de “[...] uma característica quantitativa [...]” exibida por “representações” para o âmbito da “[...] excitação neuronal. Questiona sobre a operação presente na base desta transposição sugerindo a seguir que a solução para este problema estará no elemento que resulta da citada transposição, ou seja, “[...] quantidade em estado fluente.” (MILIDONI, 1994, p. 156).

Cita Monzani para o qual “[...] a grande descoberta da psicanálise foi perceber que não há relação intrínseca entre representação e afeto e que, ao contrário, essa relação é de pura soldagem entre uma e outro, de sorte que são passíveis de se dissociarem e tomarem rumos distintos.” Conclui que o afeto, determinado quantitativamente, quando separado da representação “[...] tem a propriedade de ser deslocável, fluente, e que é esta propriedade do quantitativo (a fluência) o que se transpõe, no “Projeto”, da ordem do psicopatológico para a ordem do neuronal.” (MILIDONI, 1994, p. 153).

Referindo-se à quantidade a considera como denotando uma soma de excitação que circula pelos neurônios investindo-os ou não. De outra forma tem em conta que o termo “Q” conota o caráter fluente da excitação neuronal conforme sugerido pela forma de proceder da quantidade de afeto quando separada da representação. Neste sentido, aspectos de um processo afetivo (psicológico) poderiam se soldar a processos neurônicos de tal modo que a quantidade “Q” transporta uma porção da qualidade psíquica. (MILIDONI, 1994, p. 157).

Quanto aos neurônios considera que o sistema nervoso é composto por estas estruturas, que são distintas umas das outras, porém homogêneas em sua constituição. Subdividem-se em sensoriais e motores de acordo com sua função de receber ou descarregar quantidades. Destacamos anteriormente a excitação neuronal concebida como quantidade em fluxo e que em sua base se assentava a transposição de uma “[...] característica quantitativa [...]” exibida por representações para o âmbito da “[...] excitação neuronal”. Nesta transposição, juntamente com a quantidade soldar-se-á “[...] algum aspecto do elemento representação [...]” da forma como é entendida “[...] a la Brentano”. (MILIDONI, 1994, p. 159).

Para Brentano “[...] os fenômenos psíquicos são representações ou repousam [...]” sobre elas; esses fenômenos diferenciam-se dos fenômenos físicos, pois não implicam em extensão nem em localização espacial. Sua capacidade de referir-se a um conteúdo ou de direcionar-se a um objeto que não precisa ser entendido como real é chamada presença intencional ou objetividade imanente. (MILIDONI, 1994, p. 159). O filósofo e psicólogo vienense conceitua o termo representação como “[...] o ato mesmo de representar [...]” e não aquilo que é representado. Neste sentido, o representar em Brentano “[...] é um apontar virtual para algo”. Como o elemento representação no texto do “Projeto” está sempre associado ao termo neurônio, inclusive substituindo-o, podemos entender “N” designando um “[...] lugar virtual [...]”, “[...] próprio do representar”. (MILIDONI, 1994, p. 160). O princípio operacional do modelo mental

freudiano indicará seu modo de funcionamento. Este modelo atua observando o “Princípio de Inércia Neurônica” pelo qual os neurônios tendem a se desfazer de “Q” e o “Princípio de Constância” que controla as quantidades circulantes no sistema tentando mantê-lo, na medida do aceitável, livre das quantidades.

Milidoni considera que os processos psicológicos podem ser concebidos enquanto roçados por uma quantidade em fluxo. A quantidade se comporta no neurológico e no psicológico de forma similar; ela simplesmente flui, independente de sua natureza diferir nos dois casos. Esta quantidade pode se “qualitizar” nos processos psicológicos através de uma tonalidade afetiva. Tanto a quantidade neurológica quanto a psicológica encontram-se reguladas pelo “Princípio de Constância”, portanto, há “[...] uma espécie de identidade funcional, do ponto de vista quantitativo energético, entre os processos psicológicos e neuronais.” (MILIDONI, 1994, p. 162). Vimos anteriormente (p. 20 desta dissertação – “O sistema ψ e a fonte pulsional”) que a quantidade que invade ψ provinda do interior do organismo institui-se para impulsionar toda a atividade psíquica. Concluímos, a partir daí, que a força motriz dos processos psicológicos neuronais provém de uma mesma fonte energética, da ordem do biológico no sentido vital.

A partir dos pressupostos brentianos, apropriados por Freud podemos entender o neurônio como o local de onde emerge a objetividade imanente ou o “[...] apontar para algo [...]” como um conteúdo ou um objeto. Neste sentido os processos psicológicos emergem do neuronal que se comporta de modo a permitir a ocorrência da presença intencional. O representar implica em intencionalidade. As representações grafadas no sistema ψ como traços de memória precisam ser ativadas e para tal é necessário que a quantidade ocupe os neurônios ψ .

Quando Freud trata do surgimento do desejo no aparelho ele o conceitua como uma atração que partindo do acúmulo de desprazer em ψ do núcleo através da soma de estímulos

endógenos, investe na representação do objeto desejado, ligado “[...] à desapareição do desprazer.” Esta representação é “[...] um traço de memória deixado em ψ do pallium pela Q introduzida por uma percepção que estivera ligada a uma ‘vivência’: a da satisfação de uma necessidade ou carência que ‘ ψ ’ experimentara”. (MILIDONI, 1994, p. 163). Por conta disso o desejo é considerado como um resto da vivência de satisfação; Para que esse traço de memória seja investido deverão intervir atos intencionais, pois “[...] o investimento de desejo é investimento daquilo que o desejo deseja [...]”, isto é, “[...] do seu objeto intencional”. (MILIDONI, 1994, p. 168). O ato intencional do desejo é intermediado pelo ato intencional que representa determinado objeto, feito presente na forma de uma imagem ou idéia. (Freud fala da ‘imagem mnêmica do objeto’). (MILIDONI, 1994, p. 163).

A autora considera que no “Projeto” o psicológico mantém com o neurofisiológico certas relações que poderão nos ajudar a determinar sua configuração. Neste sentido os processos psicológicos são tratados como que compartilhando da mesma fonte energética com os processos neurofisiológicos, proveniente da natureza do orgânico. São processos que se identificam funcionalmente com os neurofisiológicos e suas condições de ocorrência estão no plano do neurofisiológico, de onde “[...] emergem com sua característica distintiva, [] intencionalidade.” “O meio ambiente e os outros seres humanos [...]” pela via da ação específica participam de uma interação dinâmica em conjunto com os processos psíquicos e isto significa que o psicológico emerge do neurofisiológico na forma de algo que não ocorre de maneira isolada. (MILIDONI, 1994, p. 164).

Quanto à consciência, é veiculada pelos neurônios “ ω ” e não é uma característica que se associa permanentemente “[...] a qualquer ocorrência no plano psicológico.” Essa associação permanente se dá em relação à percepção e é facultativo a sua associação a “[...] um processo

puramente representacional [...]”, ocorrente apenas em “ ψ ”. Dessa forma as representações ocorrentes no sistema ψ , consideradas como traços mnésicos podem emergir de forma a possuírem uma espécie de intencionalidade desprovida de consciência. (MILIDONI, 1994, p. 164).

Capítulo 4 – Formas do pensar na teoria freudiana

Neste capítulo serão analisadas as formas do pensar na teoria freudiana em termos do *Projeto de uma psicologia*.

Iniciamos este trabalho resgatando a teoria geral do aparelho psíquico desenvolvida por Freud no *Projeto*. No estudo da dinâmica do aparelho proposto pelo autor percebemos que as vivências de satisfação e de dor com suas conseqüências, os estados de afeto e desejo funcionam como alicerces para o modelo processual que delas decorre, a saber, os processos primários e secundários. O modelo de mente que relaciona fenômenos psicológicos aos anatômicos partindo de estados superintensos, clinicamente caracterizados como a histeria e a compulsão, obedece ao “Princípio de Inércia Neurônica” e ao “Princípio de Constância”.

O neurônio, sinonimizado pelo termo representação é a estrutura que sozinha pode representar a totalidade do aparelho. O subtipo neuronal ϕ não oferece resistência à passagem de quantidades sendo responsável pela sensação; Os neurônios responsáveis pelos processos de memória conseguem retê-la graças à sua evolução que conferiu a eles a impermeabilidade. São denominados neurônios ψ e trabalham com quantidades muito menores do que aquelas percebidas pelos neurônios ϕ . O terceiro subtipo neuronal denominado ω é permeável e responsável pela produção de sensações conscientes e de qualidades. Pode ligar-se a ϕ somente através de ψ operando onde as quantidades são muitíssimo pequenas, tomando para si a leitura das diferenças periódicas da excitação do movimento neuronal.

As quantidades poderão ser transferidas de um neurônio para outro ou traduzidas através da ligação direta que possuem os neurônios ϕ com o aparelho motor.

Livrar-se das Q's ou mantê-las num nível constante, o mais baixo possível, serão premissas norteadoras dos investimentos energéticos ocorrentes no aparelho. Aumentos quantitativos em ψ serão percebidos como qualidades desprazerosas em ω . Do contrário, ao acontecer o esvaziamento energético dos neurônios ψ haverá percepção de prazer em ω . *A busca do prazer ou a evitação do desprazer através dos mecanismos de descarga energética será a reguladora de todos os desempenhos mentais e a motivadora da atividade mental com suas conseqüências.*

Examinando a dinâmica do aparelho psíquico proposto por Freud, atentando para os processos de estimulação nele ocorrentes, percebemos que imagens recordativas prazerosas poderão ser solicitadas. Haverá criação de facilitaões para que essas imagens possam ser evocadas. O oposto ocorrerá quando caminhos preferenciais de descarga energética forem utilizados no caso de imagens recordativas se traduzirem em sensações desprazerosas. A busca do prazer ou a evitação do desprazer regulam os desempenhos mentais e motivam a atividade mental. Existem vivências ou afloramentos de estados ídeo-afetivos, quando se evocam situações semelhantes às que lhe deram origem, que serão responsáveis pela estruturação do aparelho psíquico. São elas a vivência de satisfação e a vivência de dor.

A vivência da satisfação ou "befriedigungserlebnis" é um "[...] tipo de experiência originária [] ligada ao estado de desamparo (hilflosigkeit) original do ser humano." (LAPLANCHE, 1991, p. 530-531). "Consiste no apaziguamento, no lactente, e graças a uma intervenção exterior, de uma tensão criada pela necessidade. A imagem do objeto satisfatório assume então um valor eletivo na constituição do desejo do sujeito. Esta imagem "[...] poderá ser

reinvestida na ausência do objeto real (satisfação alucinatória do desejo) e irá guiar sempre a busca ulterior do objeto satisfatório.” (LAPLANCHE, 1991, p. 530). Como “[...] o organismo não pode provocar a ação específica capaz de suprimir a tensão resultante do afluxo de excitações endógenas [...]” haverá necessidade da ajuda de outro indivíduo “[...] (fornecimento de alimentação, por exemplo) [...]” para que o organismo possa suprimir a tensão. (LAPLANCHE, 1991, p. 531). Laplanche considera a vivência de satisfação – real e alucinatória - como sendo a noção fundamental da problemática freudiana da satisfação; “Nela se vêm articular o apaziguamento da necessidade e a *realização de desejo*.” (LAPLANCHE, 1991, p. 530-531). “[...] O sujeito procura apenas por vias diretas (alucinação) ou desviadas (ação orientada pelo pensamento), uma identidade com a “[...] percepção que esteve ligada à satisfação da necessidade.” No texto '*A negação (Die Verneinung, 1925)*' Freud sublinha mais uma vez o caráter irredutível da satisfação originária e a sua função decisiva para a procura ulterior dos objetos: “[...] o que determina a instituição da prova de realidade é que se perderam objetos que outrora tinham fornecido uma satisfação real.” (LAPLANCHE, 1991, p. 531). Freud denominou como processo primário a facilitação desimpedida de quantidades através dos neurônios utilizados pela segunda vez numa vivência de satisfação.

A vivência de dor está relacionada à criação de uma facilitação entre a tendência à eliminação de quantidades e a recordação da imagem do objeto que promoveu aquele estado, funcionando como uma segunda modalidade dos processos primários. Quando o neurônio ψ se expõe a uma grande quantidade energética vinda de ϕ haverá aumento dos níveis quantitativos em ψ percebidos como desprazer. No caso de grandes quantidades penetrarem no sistema ψ via ϕ haverá produção de uma sensação repulsiva no aparelho, ou seja, um subtipo desprazeroso denominado dor, do qual o sistema deve se esquivar. No sistema ψ haverá o registro de uma

imagem recordativa hostil quando ocorre a descarga das quantidades excessivas. No caso de uma nova ocupação do neurônio por essa imagem, será produzida sensação de desprazer em ω , com tendência à eliminação correspondendo à vivência de dor.

As facilitações nortearão os caminhos de eliminação energética tanto na vivência de satisfação quanto na vivência de dor. Transformar todo o objeto em objeto de desejo e ignorar todo o objeto hostil serão os guias fundamentais das condutas humanas direcionadas para a busca do prazer. O desejo e o afeto são resíduos energéticos produzidos posteriormente às vivências de satisfação e de dor respectivamente. (nota 16).

Para evitar que as alucinações do objeto de desejo sejam constantemente evocadas e que reproduções de estados que assinalam o término da dor ou a fuga de quantidades sejam permanentemente solicitadas surge no aparelho um grupo de neurônios que fazem parte do sistema ψ , com preenchimento invariável onde a energia neuronal circula com facilidade. Esses neurônios denominados em conjunto como “ego” ou “eu” serão responsáveis por impedir a ocorrência dos processos primários que surgindo seqüencialmente poderiam levar o aparelho à exaustão ou ao enfraquecimento. (nota 17).

O sistema ψ é incapaz de diferenciar entre coisas que têm existência real daquelas produzidas a partir de imagens representativas. Os neurônios ω serão responsáveis pela distinção entre memória e percepção fornecendo sinais de realidade para ψ .

No capítulo 2 investigamos a teoria freudiana da cognição ou do pensamento cognitivo. A descarga desinibida ocorrente nos processos psíquicos primários poderá resultar na alucinação do objeto de desejo ou na defesa caracterizada pela fuga da representação causadora de desprazer. É

função do ego, organização especial dos neurônios ψ , inibir os processos psíquicos primários o que resultará no surgimento dos processos psíquicos secundários ou processos de pensamento. (Nota 18).

Da vivência de satisfação e de suas repetições poderá se originar a atração de desejo primária e a defesa primária, protótipos processuais que após a ação da evolução biológica darão seu lugar aos processos de pensamento.

O trabalho do pensamento se origina a partir de uma coincidência parcial das ocupações de desejo e percepção. Sua finalidade é a conversão de concordâncias parciais em identidade através do julgamento que decompõe a percepção para sua análise mais particularizada. No caso da ocupação de desejo coincidir completamente com a percepção a ela relacionada será enviado um sinal de realidade a partir de ω em direção a ψ autorizando a descarga no sentido da ação específica, sem aproveitamento biológico.

O núcleo do ego irá se relacionar à parte constante do complexo perceptivo, ou seja, à coisa enquanto o manto do ego com suas ocupações instáveis fará conexão com o componente inconstante da percepção, ou seja, com o predicado da coisa ou ainda com seu atributo.

O processo de julgamento terá início quando a ocupação de desejo não achar seu equivalente na ocupação de recordação correspondente à percepção. Percepções e representações não coincidentes serão comparadas através da inibição proporcionada pelo ego dando impulso ao trabalho cogitativo propiciando eliminação de quantidades. O pensamento é um caminho de eliminação ligado à vivência de satisfação que busca a identidade entre percepção e representação enquanto o julgamento procura comparar complexos perceptivos e representativos. O trabalho do pensar termina com a coincidência entre as ocupações citadas.

O pensar visa a realização de desejos e nesta busca desiderativa o ego irá deslocar quantidades por todos os caminhos factíveis com gastos variáveis de ocupação lateral conforme as facilidades presentes ou sua ação contra elas.

No pensar reprodutivo a Q'n é mobilizada por todos os caminhos neuronais de descarga energética. O investimento representacional ocorre de maneira mais instável e diferentes caminhos possíveis de satisfação são testados através de um escoamento energético controlado. O processo secundário do pensar reprodutivo se caracteriza pelo conflito entre as facilidades consolidadas e as ocupações mutáveis. Caso a imagem perceptiva se apresente como uma total novidade a corrente do pensamento coloca em uso um trabalho recordativo onde não intervém o desejo guiado “[...] pelas diferenças e não [...] por [...] semelhanças[...]” (MILIDONI, 1993, p. 154). ou um trabalho judicativo focado na percepção, livre também da influência do desejo.

No pensar recordativo será reproduzida a via de eliminação da vivência de satisfação que busca enquadrar a representação do objeto desiderativo à percepção presente. Este tipo de pensar tenta converter semelhanças, entre coisas de naturezas diferentes, numa identidade.

Quando o signo de realidade proveniente da consciência não autoriza a eliminação em ψ (memória) na busca da identidade entre as representações do objeto desejado e a percepção presente, ocorrerá o ato de pensar puro.

Neste tipo de pensamento poderão ser estabelecidas várias combinações entre as representações desiderativas e outras representações que surgiram através da percepção. Esta categoria cogitativa permite que um melhor caminho de descarga quantitativa possa ser eleito a partir das semelhanças encontradas entre a percepção presente e as representações do objeto de desejo.

A percepção pode mostrar um objeto que seja semelhante ao sujeito. Este outro ser humano pode ser parecido com o indivíduo que participou de uma primeira vivência de satisfação ou de uma primeira vivência de dor. O homem aprende a reconhecer através do próximo e o outro indivíduo pode ser reconhecido como fonte tanto de prazer como de desprazer. O juízo decompõe o complexo perceptivo representado pelo outro em uma parte constante, a coisa, ou seja, o semblante do indivíduo e em outra parte variável, a saber, o predicado da coisa ou, por exemplo, o movimento das mãos do indivíduo. O movimento das mãos do semelhante pode trazer recordações do movimento das próprias mãos agindo como uma recordação de percepções visuais do próprio corpo. O grito do outro poderá trazer recordações do próprio grito trazendo consigo lembranças de suas próprias vivências de dor. O complexo do outro será compreendido apenas em sua porção variável, ou seja, quando se atenta para as ocupações do manto de ψ . O trabalho recordativo poderá comparar a porção inconstante do complexo perceptivo, ou seja, o predicado da coisa. Como a coisa em si não é predicável não poderá ser objeto do trabalho recordativo.

O pensamento judicativo ou cognitivo reconhece, decompõe e compreende o complexo perceptivo através do estabelecimento de igualdades. Sua finalidade última está na identidade entre ocupações que provêm do ego e as percepções de forma semelhante ao que ocorre no pensar reprodutivo.

O pensar reprodutivo busca identificação com as vivências próprias do sujeito estando inclusas as representações de objeto. O pensar judicativo busca encontrar sensações e representações de movimento do sujeito. O juízo não sendo uma função primária não consegue descarregar imediata e completamente a quantidade de excitação como ocorre no arco-reflexo. O juízo elimina a parte discordante ocupada após a separação do predicado da coisa e da coisa

propriamente dita. Conforme o objeto vai sendo reconhecido progressivamente desaparece a diferença entre as representações perceptivas e as desiderativas.

Denomina-se reflexão reprodutiva o pensar que se origina no juízo. O apreciar se refere ao pensamento que se desenvolve após o estabelecimento de identidade entre representações perceptivas e desiderativas sem a obtenção de prazer. Nos dois casos o pensar visa a realização de desejos. O ego age ativamente nos processos ψ através da inibição.

No pensar cognitivo ou judicativo identificaremos nossos próprios movimentos a partir dos movimentos alheios enquanto no pensar reprodutivo haverá a repetição da vivência de satisfação onde serão testados diferentes caminhos possíveis para o prazer através do preenchimento das ocupações psíquicas. O corpo do sujeito será o mediador no ato de reconhecer que ocorre no pensar cognitivo. O pensamento reprodutivo constitui-se no arcabouço do pensar sendo o molde inicial de seus processos e o pensamento cognitivo traça equivalências entre percepção e desejo abrindo novos caminhos, através de facilitações, para que o pensar reprodutivo possa posteriormente realizar associações.

O pensar objetiva a fixação da presença de objetos externos conferindo credibilidade à sua existência e estabelecendo relações com o objeto de desejo. O signo de realidade proveniente de ω colabora na instituição da crença, ou seja, no estabelecimento do “[...] juízo de realidade para a percepção.” (FREUD, 1995[1895], p. 46). A chegada do signo de realidade posteriormente à conclusão do ato de pensar leva a alcançar a meta da totalidade do trabalho de pensar.

Experiências corporais ainda não sentidas não poderão ser compreendidas pela porção variável do complexo perceptivo. Quando a criança tem experiências sexuais antes de se iniciar a puberdade não haverá experiência corporal pregressa para comparação com os “predicados da coisa”, ou seja, a parte variável de ψ . A parte instável de ψ não consegue compreensão embora

seja capaz de reprodução. Essas experiências sexuais não poderão ser representadas antes do aparecimento da pulsão sexual.

O eu ocupado parece ter uma influência maior no ato de pensar reprodutivo, pois a vivência de satisfação é repetida até serem testados diferentes caminhos para o prazer, do que aquela ocorrente no julgar primário onde a contenção dos processos primários pode não ser tão efetiva.

No julgar secundário as associações serão comparadas através de similaridades parciais, como ocorre nas associações fixadas na vivência de satisfação, sem que ocorra eliminação de quantidades não havendo modificação. No juízo primário imagens do objeto de desejo serão comparadas com as percepções presentes podendo haver um trabalho puramente associativo como ocorre no processo psíquico primário.

O juízo secundário faz parte dos processos de pensamento ou processos psíquicos secundários. Nele ocorrerá atenuação dos processos associativos por parte do ego já consolidado capaz de moderar os processos primários com mínimo dispêndio quantitativo.

O indivíduo, ao julgar, adquire a capacidade de identificar objetos e a partir dos mecanismos associativos traçar semelhanças entre notícias provenientes de ϕ , ou seja, ocupações vindas do exterior e aquelas provindas do próprio indivíduo. A rota de eliminação das quantidades que chegam de ϕ será traçada pelo julgamento que procura estabelecer associações entre ocupações externas e internas do organismo.

As ocupações laterais impedem os processos primários de virem à tona no interior do ego sendo muito importantes no processo de pensar. Elas impedirão que a imagem de desejo seja ocupada enquanto a consciência não enviar o signo de realidade para ψ . Na repetição da vivência de dor o neurônio-chave não poderá ser ocupado enquanto não houver autorização pelas

ocupações laterais. Desse modo a vivência de dor não poderá ser repetida, pois depende da mobilização de quantidades internas.

A função judicativa opera num plano de significações onde há superação da compulsão e da mera associação através da ação do ego resultando numa atribuição de sentido ou valor.

O “Princípio de Constância” regulará o processo secundário com inclinação parcimoniosa procurando armazenar quantidades para utilização na ação específica.

O ego, numa análise econômica, surge como instância que liga os processos psíquicos. Na defesa o ego tenta realizar ligações de forma repetitiva e sem fundo na realidade. Repetir as trilhas da vivência de satisfação sem que se consiga chegar ao objeto de desejo torna-se tão desprazeroso quanto a presença do objeto hostil. De forma diversa quando os neurônios ligados levam a quantidade a explorar caminhos facilitados considerando os sinais de realidade vindos de ω serão diferenciadas percepções de representações e o desprazer é suprimido.

A repetição das vivências precisa levar em conta os traços da realidade sob pena da busca do objeto de desejo e a fuga do objeto hostil serem passíveis de falsificação. A sobrevivência da espécie comprova a assertiva anterior. Os sinais dos processos de pensamento não permitirão que a realidade seja interpretada de forma inadequada. Eles indicarão que a memória do pensar possa se estabelecer com base em desígnios reais.

Para que o ego possa executar seu papel de inibição nos processos psíquicos primários é necessário que as representações sejam diferenciadas das percepções. A focalização de determinadas percepções possibilitando o exercício de influência a partir do ego se dá através do mecanismo da atenção psíquica. Neste caso o sistema ω opera fornecendo signos de qualidade conscientes para guiar ψ na seleção de percepções mais ou menos interessantes. O favorecimento da escolha perceptiva, propiciado pelo mecanismo da atenção, resulta em menos riscos do

sistema em enfrentar o desprazer. Além disso, informações sobre a realidade externa vindas da consciência, poderão impedir a ocorrência de alucinações. Para Freud a atenção psíquica resulta da regulação biológica.

A afluência constante de estímulos endógenos provocará em ψ um “[...] estado de tensão ou de avidez [...]” (MILIDONI, 1993, p. 122) denominado estado de apetite. Este estado somado à vivência de satisfação e às suas repetições dará origem aos estados de desejo e de expectativa que justificam biologicamente todo o pensar. Diferente do estado de apetite, o estado de desejo traz consigo a disposição de buscar a representação que seja semelhante à lembrança da descarga quantitativa mantida pela vivência de satisfação.

Os estados de desejo e expectativa hospedam percepções que mostrem semelhança com as representações de desejo. O processo de pensar resulta da divergência entre representações e percepções. Aquilo que foi percebido e que não se assemelhou com as representações de desejo será transferido para ocupações de representação. Isto implica que o pensar amplia a extensão do ego. (FREUD, 1995[1895], p. 194, nota 369). O signo de qualidade originará facilitações responsáveis por revigorar a ocupação perceptiva divergente da representação de desejo. Esta facilitação origina a ocupação de atenção nos neurônios perceptivos. Uma nova percepção do objeto implicará numa ocupação perceptual mais intensa de acordo com a “Segunda Lei de Associação”. (FREUD, 1995[1895], p. 77).

A atenção não amplifica a quantidade perceptiva pois a Q externa dos objetos se manifesta de forma diferente da Q_n psíquica expressa em ψ . Sinais de realidade provindos da consciência revigoram ocupações de percepção por meio das facilitações. O ego se utiliza das ocupações de atenção para deslocar Q_n s originárias dos neurônios ω para os neurônios perceptivos superocupados.

O pensar simplesmente observador resulta de um mecanismo de atenção ativo. A percepção é seguida de um questionamento de seu significado. Quando a percepção dá seu lugar a recordações o mecanismo da atenção operou com sucesso no pensar observador objetivando esgotar o conhecimento do objeto percebido levando ao reconhecer. Neste caso a percepção foi conhecida novamente, ou seja, identificada como objeto de desejo.

Os neurônios utilizados nas representações motoras da fala estão intimamente relacionados aos neurônios motores. Eles são parte de um mecanismo de condução das imagens de recordação que se relacionam ao reconhecer, ligado ao sistema ψ . A associação lingüística receberá o estímulo sonoro formando a imagem acústica e liberando posteriormente o estímulo por descarga motora através da representação motora da fala.

No pensar consciente ou observador o ego ocupa previamente imagens de eliminação omega. Neste caso as imagens de recordação emitem correntes parciais para imagens motoras da palavra e para imagens acústicas. A consciência da recordação surge a partir das notícias de eliminação que aparecem após a ocupação de imagens recordativas. O pensar consciente surge como um mecanismo que direciona as ocupações ψ para as recordações que se fazem presentes durante o curso de $Q'n$. Este tipo de pensar está ligado às descargas motoras das representações de palavra.

Os signos de descarga lingüística serão importantes ao conferir realidade para os processos de pensar igualando-os aos processos perceptivos e possibilitando sua memória. A inervação lingüística pode ser considerada um caminho de eliminação de $Q'n$ para ψ agindo no controle das oscilações de quantidades enquanto se aguarda a realização da ação específica.

O compreender surge com a capacidade do ego, posterior ao confronto experiencial, de relacionar percepções aos objetos de desejo. O ego fará a distinção entre a coisa e suas propriedades ou atividades e desta capacidade surgirá o compreender.

No pensar cognitivo ou judicativo a atenção se direciona para os signos lingüísticos denominados signos de eliminação do pensar. O julgar tende a reproduzir e as representações sonoras podem se associar a informações de movimento. Neste sentido, as recordações que agregam os sons às percepções através da atenção podem se tornar conscientes e serem ocupadas a partir de ψ .

O processo de pensar é mecanicamente justificado pelo estado ligado do ego (*"Bindung"*). Estes neurônios ligados apresentam preenchimento constante, numerosas facilitações e resistências mínimas interneuronais, afora poderem contar com as ocupações laterais caracterizadas como desvios auxiliares com função de descarga quantitativa e inibição de sensações desprazerosas. Este estado ligado associa uma leve corrente de deslocamento a uma forte ocupação neuronal.

O ego como organização especial dos neurônios do sistema ψ tem a função de inibir a livre circulação das quantidades entre neurônios assegurando que o aparelho seja guiado, no sentido do pensamento prático, pelo "Princípio de Constância" que provê um nível mínimo de quantidades para que o aparelho se mantenha em funcionamento e pelo "Princípio do Prazer" que pressupõe a retirada de quantidades quando há aumento de seu nível. O "Princípio do Prazer", como moderador do curso anímico mantém relação de dependência com o "Princípio de Constância" estando a ele subordinado. (MILIDONI, 1997, p. 222).

O pensar procura instituir identidade entre percepções provenientes do mundo externo através do sistema ϕ e representações originadas em ψ . No pensamento prático, o primeiro a

aparecer no indivíduo na escala biológica, a representação de desejo ligada à vivência de satisfação, modelada pelo aleitamento materno, associa-se à percepção do peito da mãe com a aréola mamilar vista de frente pelo infante.

Quando há descarga de quantidades no neurônio perceptivo, o sistema ω envia um signo de realidade para o sistema ψ assegurando o prazer procurado e impedindo o aparecimento da alucinação do objeto de desejo.

Freud considera como uma “ [...] *aquisição biológica do sistema nervoso* [...] ” o esforço em não serem “ [...] ocupados todos os neurônios que conduzam à liberação de desprazer.” (FREUD, 1995[1895], p. 85). Neste sentido algumas regras biológicas serão importantes para evitar que o sistema se exponha a ameaça de desprazer. A regra biológica da “defesa” impede o investimento em representações que envolvam o perigo do desprazer e a regra biológica da “atenção” encoraja investimentos em percepções escoltadas por sinais de realidade. Estes signos “ [...] pertencem a percepções que podem conduzir à satisfação.” (FREUD, 1995[1895], p. 85). A atenção “ [...] regulará o deslocamento das ocupações do eu.” (Freud, 1995[1895], p. 86).

O pensar comum, inconsciente surge quando os signos de qualidade não são utilizados no pensamento. Este tipo de pensar, não fazendo uso dos sinais de realidade provenientes de ω não desperta a consciência ou o faz de forma ocasional colocando o ego na condição de investigador simples o que não é usual para este complexo que na maioria das vezes busca enquadrar as percepções em suas ocupações de desejo.

Os signos do pensar não se originam voluntariamente como ocorre nos signos de realidade. Eles necessitam da intervenção de ψ e além disso, a ocupação de atenção é condição necessária para que haja sua excitação. A vivência de satisfação ou ocupação de desejo e a vivência de dor ou ocupação de afeto competem com os signos do pensar. Quando uma dessas

vivências for ocupada no lugar da ocupação dos signos do pensar haverá transformação do pensamento em inconsciente.

No pensar teórico nem a vivência de satisfação e nem a vivência de dor estarão ativas prevalecendo as representações conscientes. Neste tipo de pensamento as representações geradoras de desprazer poderão estar envolvidas ou agrupadas, pois ele se propõe a esgotar o objeto do conhecimento. Neste sentido, todos os caminhos de eliminação deverão ser explorados.

O pensamento cognitivo desenvolve-se de forma tardia em relação ao pensamento prático. Apesar disso, ele se apresenta como um fundamento para o pensamento prático ao julgar as percepções e compreendê-las a partir da separação dos predicados dos objetos percebidos e da eliminação da parte discordante. Este tipo de pensamento não obedece ao princípio de prazer e não leva em consideração a regra biológica da defesa. Parafraseando Milidoni: “ [...] nada [...] mais *antinatural*, em termos do *Projeto*, que o pensamento cognitivo.” (MILIDONI, 1997, p. 225).

No capítulo 3 investigamos a natureza das representações envolvidas no pensamento prático. A atenção psíquica foi considerada como criadora dos estados de expectativa nos quais se origina o pensar em geral. A ocupação de atenção ficou responsável por sondar determinada percepção dirigindo a quantidade perceptiva no caminho das melhores facilitações. Enquanto isso, a representação de desejo se mantém ocupada aguardando por ser reconhecida através dos vários tipos de pensamento. O ego, através das ocupações laterais, é capaz de modificar a condução das quantidades em direção às facilitações indicando os melhores atalhos para se encontrar a igualdade entre percepção e imagem do objeto desejado.

O caminho que leva à representação de desejo é reconhecido e fixado como o caminho da vivência de satisfação enquanto o caminho que leva à percepção está sendo procurado podendo

ser influenciado pelas representações. Neste sentido a ocupação de desejo se diferencia em relação ao nível de energia encontrado no ego.

A representação é o ponto de partida para o pensar prático. Ela pode ser considerada como uma imagem de recordação perceptiva. Freud considera que o pensar prático tem como resultante um conhecimento prático que pode ser utilizado em cogitações futuras.

Os signos de qualidade são responsáveis por evitar que a memória da realidade apresente alterações a partir do pensar sobre ela. Eles possibilitarão a criação de marcas de realidade que se transformam em traços de facilitações perceptuais. Estes sinais marcam a saída e o destino do pensamento. A partir do destino, o pensar recordativo busca a origem cogitativa presumindo o meio do caminho. Neste sentido, a consciência do pensar se dá após a sua ocorrência e o pensar recordativo parte da representação relacionada à percepção. Quando há reprodução dos estados de pensar a participação é mais intensa do que aquela ocorrente nos estágios do pensar propriamente ditos.

O pensar prático ou recognitivo poderá resultar em apresentações que levem a uma incoerência com as ocupações de desejo conduzindo à liberação de desprazer, não permitindo que o movimento cogitativo prossiga. Recordações que se associam à produção de desprazer mantêm relações com as percepções desprazerosas referentes a vivências de dor. A atenção focará percepções desprazerosas de forma intensa, mas processos reativos como afeto e defesa serão mobilizados na excitação dos signos de qualidade de forma mais intensa do que aqueles associados às percepções hostis. Conforme as imagens de recordação dolorosas são repetidas, a capacidade de impedir o curso do pensar (alucinação), ou de perturbar o caminho a ser percorrido (afeto), irá se reduzindo paulatinamente havendo diminuição progressiva em sua efetividade.

No caso da recordação dolorosa ser ocupada de modo que não seja capaz de produzir alucinações ou mobilizar grandes quantidades de desprazer podemos dizer que ela foi subjugada

pelo ego. Nesta situação o processo secundário se impôs sobre o primário de forma perene. (Freud, 1995[1895], p. 96). A inibição do ego renasce a cada repetição da recordação da vivência dolorosa. As facilitações serão enfraquecidas, pois os caminhos usados para a descarga desprazerosa, ligados à representação da vivência de dor, serão cada vez menos utilizados.

O pensar prático utiliza as recordações penosas domadas pelo ego que se apresentam como traços de desprazer ou inclinações desprazerosas devendo ser evitadas por não apresentarem identidade com as ocupações de desejo. A defesa de pensar primária dirige a atenção utilizando o desprazer como sinalizador, indicando o caminho que não deve ser seguido por não conduzir ao objeto de desejo.

No pensar teórico a regra biológica da defesa é dispensada não havendo limitação à ocupação dos caminhos de eliminação. A finalidade deste tipo de pensar é esgotar o conhecimento sobre o objeto o que justifica a animação de representações desprazerosas ou produtoras de desprazer.

O ego enquanto organização especial dos neurônios ψ , portadores da memória e sede dos processos psíquicos em geral, tem a função de impedir a passagem livre das quantidades entre os neurônios garantindo que o aparelho se guie no sentido do pensamento prático pelo “Princípio de Constância” que mantém um nível basal de quantidades para manutenção do sistema em funcionamento e pelo “Princípio do Prazer” que indica a retirada de quantidades quando há aumento no seu nível. O “eu” fazendo parte do sistema ψ obedece às regras biológicas de “defesa”, que inibe o investimento em representações que envolvam a ameaça de desprazer e da “atenção” que estimula o investimento em percepções acompanhadas de um sinal de realidade dando início ao processo de pensamento objetivando impedir a ocorrência de alucinações.

Milidoni considera a defesa e a atenção como “[...] *cristalizações* dos resultados do aprendizado biológico de contenção de quantidades efetuado por ψ no curso de seu desenvolvimento.” (MILIDONI, 1997, p. 224). Neste processo de aprendizagem o desprazer seria o mestre. Diz Freud: “O desprazer permanece o único meio de educação.” (FREUD, 1995[1895], p. 85). Neste sentido o desprazer é compreendido além da esfera quantitativa. Ele não é um mero sinalizador que indica a fuga do ego nas altas tensões energéticas; outrossim comporta-se como um instrutor no processo de aprendizado biológico com seu foco na contenção de quantidades.

Há alguns parágrafos dissemos que o pensamento prático procura identificar representações de desejo com percepções do objeto desejado sendo guiado pelo “Princípio do Prazer” e que o pensamento teórico procura identificar percepções a representações de experiências corporais do indivíduo. Este segundo tipo de pensamento, também denominado cognitivo está além do “Princípio do Prazer” tendo como função esgotar o conhecimento do objeto percebido. Quando o pensar teórico investiga todas as vias representativas possíveis poderá haver evocação de sensações desprazerosas. Grandes liberações de desprazer poderão ser inibidas pelo estado ligado da Q existente no ego. Caso ocorra esse grande acúmulo desprazeroso ele fará parte da esfera do entendimento, ou seja, do âmbito intelectual que não colocará “[...] em risco a ordem vital [...]”. O pensamento cognitivo, desta forma, não se obriga a obedecer “[...] a regra biológica da defesa.” (MILIDONI, 1997, p. 224) e não sustenta investimentos de desejo exceto a expectativa de conhecer que não se relaciona diretamente com a ordem vital.

O desprazer foi colocado como educador no processo de aprendizado do ego. Embora percebamos que situações desprazerosas envolvidas com o entendimento não coloquem em risco a ordem vital sua ocorrência pode requerer uma maior ou menor ação do ego no sentido de

manter seu estado ligado mobilizando utilização das ocupações laterais e neurônios-chave de acordo com a necessidade de inibição requerida.

A presença do outro para Freud, nos acompanha desde nossas origens. Levar-nos-á a analisar o abandono e o desamparo enfrentado pelo ser humano nos seus começos. Vimos no capítulo primeiro desta dissertação que ações específicas como conseguir alimento não podem ser realizadas inicialmente pelo indivíduo sozinho, havendo necessidade de ajuda de outro indivíduo. No caso do saciar da fome do bebê haverá necessidade da presença da mãe ou do responsável por ele para que seja cumprida a ação específica. Aí originar-se-ão os motivos morais que nortearão o indivíduo em seu desenvolvimento futuro. No capítulo 2 desta mesma obra encontraremos Freud a dizer: “ [...] por isso, através do próximo o homem aprende a reconhecer.” (FREUD, 1995[1895], p. 44). O outro pode ser parecido com o indivíduo que lhe prestou assistência em sua primeira vivência de satisfação “[...] tornando-se o primeiro objeto de satisfação [...]”, [] “[...] assim como o único poder auxiliar [...]” e além disso, “[...] o primeiro objeto hostil.” Considerado por Milidoni como participante de uma vivência de dor, isto é, de um circuito liberador de desprazer. (MILIDONI, 1993, p. 154). Este outro, portanto, pode ser colocado “[...] como fonte tanto de prazer como de desprazer.” (MILIDONI, 1993, p. 155). O outro estará envolvido no pensar teórico à medida que neste tipo de pensamento ocorrerá a busca de identidade entre percepções e representações de experiências corporais do sujeito que se referem a representações de sensações e de imagens-movimento.

Considerações finais

No *Projeto de uma Psicologia* Freud faz uma descrição neurológica do cérebro em funcionamento correlacionando-o com as descobertas da anatomia da época (início do século XIX) onde são modelados processos mentais normais e patológicos.

Sua psicologia, ancorada em bases físicas, sugere uma obra fundamentada no materialismo. A dependência causal dos fenômenos psicológicos em relação aos neurofisiológicos se explicita na introdução do texto do “Projeto”. Diz Freud: “O propósito [] desta obra “[...] [é] fornecer uma psicologia [...]” que apresente os “[...] processos psíquicos como estados quantitativamente determinados [...]”. (FREUD, 1995[1895], p. 11).

Analisando a teoria geral do aparelho psíquico podemos entender o abandono do "Princípio de Inércia" e sua substituição pelo "Princípio de Constância" como resultado da evolução humana no cumprimento das necessidades vitais e a formulação do "Princípio do Prazer" como regulador e motivador da atividade mental com suas conseqüências. As vivências de dor e de satisfação foram caracterizadas como componentes estruturadores do aparelho em questão.

Os processos psíquicos primários, caracterizados por descargas desinibidas, são capazes de conduzir à alucinação ou à defesa primária e podem ser inibidos pelo ego dando origem aos processos psíquicos secundários ou processos de pensamento.

Como os processos de pensamento resultam de inibição, fica subentendido que seu fluxo quantitativo seja menor do que aquele pressuposto numa percepção ou em uma alucinação. A

consciência, ou o sistema ω fica responsável por diferenciar a memória da realidade, ou seja, representação de percepção.

Foi necessário que a memória desenvolvesse um mecanismo que procurasse estabelecer um caminho entre a representação do objeto percebido e a representação do objeto desejado. O ego, então, aprende a fazer com que suas ocupações de atenção sigam um movimento de associação desde o signo de qualidade, fornecido pela consciência, até a percepção.

O pensamento não tem um conteúdo proposicional, ele apenas enuncia algo, que pode ser verdadeiro ou falso e deve estar ligado a representações de palavra. Os signos de descarga lingüística são responsáveis por dotar o pensar de realidade servindo ao mesmo tempo como sua memória. As descargas dos neurônios motores da fala funcionam como marcadores para o pensamento. Neste sentido a imagem acústica traz a possibilidade de significar que só pode concretizar-se enquanto descarga motora da fala quando a consciência apoderar-se da representação motora da palavra, pois a imagem acústica é anterior à representação da palavra falada. A imagem acústica pode ser considerada como um elemento organizador da representação de palavra.

Analisando a Teoria Freudiana da Cognição percebemos que o pensar, sendo resultado de inibição a partir do ego, procura enquadrar representações perceptivas às desiderativas. Ao pensar observador caberá construir esquemas operatórios prontos para serem utilizados quando necessário. Neste sentido serão construídas conexões entre imagens do mundo e representações desiderativas fora do estado de expectativa, de forma tranqüila, sem a premência de uma situação. Serão utilizadas fortes ocupações de representações da fala na fixação desta construção cogitativa.

O pensar comum , inconsciente, é o processo de pensar observador onde os signos de qualidade não são despertados ou apenas o são esporadicamente. Este processo de pensar pode ter ocorrência habitual sendo freqüente sem ser anormal.

O pensar prático é aquele que ocorre na ausência das ocupações de traços do pensar. Neste sentido, os signos de qualidade não serão totalmente despertados o que poderia tornar vagaroso e complicado o seu curso. Ele resulta em um conhecimento prático que pode ser aproveitado quando for solicitado numa situação real. Este tipo de pensar prescinde de ocupar representações de palavra.

O pensar recordativo pode ser considerado como uma condição prévia de todo o exame de pensar crítico. Será responsável por perseguir um processo de pensar da representação do objeto de desejo até uma representação que corresponda a uma certa percepção utilizando os signos de qualidade para ajudá-lo em tal tarefa.

No pensar recordativo e no pensar observador a palavra se relaciona com o objeto e tem “[...] a função de fixar a sensação.” (FREUD, 1995[1895], p. 208, nt. 438). Pode a representação ser mais intensa do que a sensação que lhe deu origem?

Pretendemos relacionar representação de palavra ao pensamento num estudo futuro.

Notas do autor

Nota 1

Freud nos diz que: “[...] o desprazer intelectual da contradição [...]” agindo como impedimento para o pensar prático, nada mais é “[...] do que o (desprazer) armazenado para proteção das regras biológicas.” (FREUD, 1995[1895], p. 101). Neste mesmo sentido Gabbi complementa dizendo que o desprazer intelectual da contradição significa que só há contradição no interior da linguagem e que, portanto, o desprazer só pode ser liberado quando há consciência da contradição, ou seja, a partir da ação do neurônio ω (FREUD, 1995[1895], p. 223, nota 521).

Nota 2

De acordo com Laplanche (1991, p. 361-363) o fisicalismo freudiano prende-se à necessidade de tomar concretos os princípios econômicos reguladores do aparelho neuronal. O arco-reflexo, onde o neurônio sensitivo recebe determinada quantidade descarregando-a na extremidade motora estaria regido pelo “Princípio de Inércia”.

Laplanche considera a inércia, à luz da física, como “[...] propriedade dos corpos em movimento [...]” (LAPLANCHE, 1991, p. 362), enquanto Freud vê a lei de inércia como tendência ativa que possui o sistema neuronal a deslocar suas quantidades. O princípio físico de

inércia, sendo uma lei universal, não se submete a exceções diferentemente das transposições psicofisiológicas de Freud onde há limites em seu campo de aplicação.

Nota 3

De acordo com Milidoni (1993, p. 51-59) a “linguagem do modelo” freudiano consta de dois termos básicos “Q” e “N”. No capítulo introdutório do “Projeto” o autor define “Q” como “[...] aquilo que distingue atividade do repouso, [] sujeito às leis gerais do movimento.” “Q” aparece neste caso como um princípio que diferencia o repouso do movimento enquanto dois estados de coisas, não sendo semelhante a nenhum deles. Milidoni considera “Q” um termo teórico, de estatuto metapsicológico (*) e não descritivo, da natureza das convenções, e encarado como um conceito fundamental.

Como “Q” distinguirá a atividade do repouso, a autora o considera:

“[...] - um princípio de diferenciação de natureza relacional;

- algo fluente (como sugerido pelo afeto quando dissociado da representação);
- uma quantidade, isto é:
 - i) uma coisa física (“sujeita às leis gerais do movimento”); e por isso mesmo da ordem de magnitude das quantidades do mundo externo (seja ela qual for);
 - ii) um estado neurofisiológico, o de “excitação neuronal”; e por isso mesmo da ordem de magnitude intercelular (seja ela qual for).” (MILIDONI, 1993, p. 57).

Outro termo básico “N” ou neurônio vem designar “[...] algo assim como um lugar físico (de natureza neuronal) por onde circula uma certa quantidade”. (MILIDONI, 1993, p. 59). O elemento “neurônio” no “Projeto”, aparecerá sempre associado ao termo representação ou a ele relacionado.

Nota 4

A função primária neuronal mantém nulo o diferencial entre repouso e movimento no sistema neuronal e está relacionada ao “Princípio de Inércia” e à percepção (neurônios ϕ). (FREUD, 1995[1895], p. 118, nota 27). As unidades sensoriais estarão em ligação com as unidades motoras (sistema muscular). Q’ns serão empregadas mantendo-se afastadas do sistema nervoso.

Na função secundária neuronal há eliminação do estímulo através de caminhos preferenciais que são conservados levando à descarga do fluxo de Q’n, estando relacionada ao “Princípio de Constância” e com a memória (neurônios ψ). (FREUD, 1995[1895], p. 118, nota 27).

Nota 5

Para Laplanche, a realização da ação específica ou adequada deve estar, de maneira indispensável, associada à “[...] presença de um objeto específico e de uma série de condições externas (fornecimento de comida no caso da fome)”. Para o lactente, dado o seu desamparo original, o auxílio exterior torna-se condição prévia indispensável à satisfação da necessidade. Freud pode também designar por ação específica, algumas vezes, o conjunto dos atos reflexos pelos quais o ato é consumado, outras a intervenção exterior, ou ainda esses dois tempos. Esta ação específica é pressuposta pela vivência de satisfação. (LAPLANCHE, 1991, p. 04 - 05).

Nota 6

A função primária conserva o sistema nervoso sem Q. (FREUD, 1995[1895], p.151, nota 178).

Nota 7

Para Laplanche a defesa se refere ao conjunto de operações com a finalidade de reduzir ou suprimir modificações que possam colocar em risco a integridade e a constância do indivíduo biopsicológico. O ego é a instância que encarna essa constância e procura mantê-la sendo o agente da operação defensiva. (LAPLANCHE, 1991, p. 107).

Nota 8

Laplanche considera a ação específica como o conjunto do processo necessário à resolução da tensão interna criada pela necessidade: intervenção externa adequada e conjunto das reações pré-formadas do organismo que permitem a realização do ato. Os estímulos endógenos somados poderão ser descarregados de forma imediata, através de gritos ou reações emocionais, ou de forma específica, necessitando da presença de um objeto ou de um auxílio provindo do mundo exterior. (LAPLANCHE, 1991, p. 4 – 5).

Nota 9

Milidoni diferencia “[...] estados apetitivos [...]” dos “[...] estados de desejo [...]” caracterizando os primeiros como “[...] simplesmente estados de tensão ou de avidez em que psi se encontra na decorrência do bombardeio de estímulos endógenos”. De maneira diversa, os “[...] estados de desejo [...]” trazem consigo certa disposição para iniciar determinado processo, ou seja, buscar uma representação que se assemelhe à lembrança da descarga de quantidades trazida pela vivência de satisfação. (MILIDONI, 1993, p. 122).

Nota 10

Freud comenta que o pensar prático enquanto processo secundário enfrenta dificuldades para se impor sobre os processos primários e que a própria sensação se colocará como precursora dessas adversidades. John R. Searle em sua obra: *A Redescoberta da Mente*, defenderá idéias que irão ao encontro das assertivas de Freud no que se refere às contribuições subjetivas e pessoais e à negativa “[...] de que o mundo real não contém elementos que sejam irreduzivelmente objetivos.” Neste sentido comentará Searle:

“Nem toda a realidade é objetiva; parte dela é subjetiva.” (SEARLE, 1997, p. 32).

Nota 11

Como no processo primário a energia não está ligada, diferentemente do que ocorre no ego, os processos associativos poderão surgir *ad libitum*. No exemplo anteriormente citado, da alucinação, o processo primário poderá tomar uma representação por uma percepção. As representações da fala não se prestam a falsear a realidade no caso do pensar, ou seja, no processo secundário; apenas representam percepções ou situações que já foram vivenciadas.

Nota 12

Gabbi considera que quando é possível percorrer as estações do pensamento na ordem inversa de sua ocorrência satisfaz-se a condição para que o curso do pensar se torne consciente (Freud, 1995[1895], p. 216, nota 482).

Nota 13

Quando Freud se refere às “[...] ocupações do eu [] sobre a recordação [...]” está nos falando sobre a ação inibitória das ocupações laterais em relação à recordação da vivência de dor. (FREUD, 1995[1895], p. 95).

Nota 14

Torna-se tarefa difícil definir o termo consciência. Algum dicionário poderia de forma simplista arriscar: “[...] percepção íntima do que se passa em nós [...]”, ou até “[...] voz secreta interior que aprova ou reprova a ação do homem”. John Searle considera não ser possível a

definição para “[...] consciência em termos de condições necessárias e suficientes”. (SEARLE, 1997, p.123). Faz uma ilustração com alguns exemplos daquilo que quer dizer com o termo consciência. Diz ele:

Quando acordo de um sono sem sonhos, entro num estado de consciência, um estado que permanece enquanto estiver acordado. Quando vou dormir, ou sou colocado sob anestesia geral, ou morro, meus estados conscientes cessam. Se durante o sono tenho sonhos, torno-me consciente, embora formas oníricas de consciência sejam geralmente de um nível muito mais baixo de intensidade e vividez do que a consciência desperta ordinária. [] A consciência é um interruptor liga/desliga: um sistema é consciente ou não. Mas uma vez consciente, o sistema é um reostato: existem diferentes graus de consciência. (SEARLE, 1997, p. 124).

Nota 15

John R. Searle considera o Reduccionismo como “[...] um ideal [...]” característico “[...] da filosofia positivista da ciência”. Considera que a intuição básica colada ao seu conceito está na idéia de que fosse possível demonstrar que determinadas coisas são *nada exceto* alguns outros tipos de coisas. O reduccionismo, então, leva a uma forma peculiar da relação de identidade que podíamos também chamar de relação “nada-exceto”: em geral, A’s podem ser reduzidos a B’s se A’s são nada exceto B’s. (SEARLE, 1997, p. 163).

Nota 16

Laplanche considera o termo afeto para exprimir “[...] qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça quer como tonalidade geral.” Segundo Freud, toda pulsão se exprime em dois registros, o do afeto e da representação. “O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.” A noção de afeto assume grande importância logo nos primeiros trabalhos de Breuer

e Freud (*Estudos sobre Histeria [Studien uberHysterie, 1895]*) sobre a psicoterapia da histeria e a descoberta do valor terapêutico da ab-reação. (LAPLANCHE, 1991, p. 9). A ab-reação é uma descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que ele não se torne ou continue sendo patogênico. (LAPLANCHE, 1991, p. 1).

A origem do sintoma histérico é procurada num acontecimento traumático a que não correspondeu uma descarga adequada (afeto coartado). Somente quando a evocação da recordação provoca a revivescência do afeto que estava ligado a ela na origem é que a rememoração encontra sua eficácia terapêutica.

Da consideração da histeria resulta, portanto, para Freud, que o afeto não está necessariamente ligado à representação; a sua separação (afeto sem representação, representação sem afeto) garante a cada um diferentes destinos. Freud indica possibilidades diversas de transformação do afeto: “[...] conheço três mecanismos: 1) o da conversão dos afetos (histeria de conversão); 2) o do deslocamento do afeto (obsessões); e o terceiro, da transformação do afeto (neurose de angústia, melancolia).” (LAPLANCHE, 1991, p. 9).

Nota 17

“O investimento de desejo que chega à alucinação; o pleno desenvolvimento do desprazer, que implica que a defesa seja totalmente consumida [...]” será designado “[...] pelo termo *processos psíquicos primários*. Por outro lado, os processos possibilitados [...]” apenas “[...] por um bom investimento do ego e que representam uma moderação dos precedentes, nós o denominamos *processos psíquicos secundários*.” Laplanche considera que “[...] os termos primário e secundário têm implicações temporais e mesmo genéticas.” “[...] No *Projeto* os dois

tipos de processos parecem corresponder não apenas a modos de funcionamento ao nível das representações, mas a duas *etapas* na diferenciação do aparelho neurônico e mesmo na evolução do organismo.” (LAPLANCHE, 1991, p. 372).

Nota 18

“O ego é descrito por Freud como uma “[...] organização [...]” de neurônios (ou, [] uma organização de representações) caracterizada por diversos elementos: abertura de caminhos associativos interiores a esse grupo de neurônios, investimento constante por [] energia de origem endógena, isto é, pulsional, distinção entre uma parte permanente e uma parte variável.” “É a permanência nele de um nível de investimento que permite ao ego inibir os processos primários, não só aqueles que levam à alucinação [...]” e “[...] também os que seriam suscetíveis de provocar desprazer (defesa primária).” “O investimento de desejo até a alucinação, o desenvolvimento total de desprazer que [...]” compreendendo “[...] um dispêndio total da defesa, tudo isso designamos por *processos psíquicos primários*; em contrapartida, os processos que só um bom investimento do ego torna possíveis [...]” representando “[...] uma moderação dos precedentes são os *processos psíquicos secundários*.” (LAPLANCHE, 1991, p. 129).

Referências

- FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*. Tradução Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Imago, 1995 [1895]. (Obras isoladas de Freud).
- GABBI JUNIOR, O. F. *Projeto para uma psicologia científica: máquina falante ou fala maquinal?* Discurso: Revista do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, v. 16, p. 95-129, 1987.
- GARCIA - ROZA, L.A. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Zamar. 1990.
- LAPLANCHE, J. *Vida e morte em Psicanálise*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- LAPLANCHE, J. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MILIDONI, C. B. *Algumas considerações sobre o Estatuto do Psicológico no “Projeto” Freudiano*. Trans/Form/Ação. São Paulo, v. 17, p. 151-166, 1994.
- MILIDONI, C. B. *Heurística freudiana no “Projeto para uma Psicologia Científica”*. 1993. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. 2 v.
- MILIDONI, C. B. *Representação e cognição, uma abordagem freudiana*, In: QUILICI GONZALES, M. E. (Org). *Encontro com as Ciências Cognitivas*. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1997. p. 221-226.
- SEARLE, J. R. *A redescoberta da mente*. Tradução Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SEARLE, J. R. *Intencionalidade*. Tradução Julio Fischer e Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SEARLE J. R. *O mistério da consciência*. Tradução André Yuji Pinheiro Uema e Vladimir Safatle. São Paulo: Paz e Terra, 1998.